



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E  
TECNOLÓGICA

BIANCA ROBERTA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR: reflexões e práticas de professoras da  
educação infantil**

Recife  
2024

BIANCA ROBERTA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR: reflexões e práticas de professoras da  
educação infantil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação Matemática e Tecnológica. Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Pessoa

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Souza, Bianca Roberta de.

Educação financeira escolar: reflexões e práticas de professoras da educação infantil / Bianca Roberta de Souza. - Recife, 2024.  
133f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, 2024.

Orientação: Cristiane Azevêdo dos Santos Pessoa.

Inclui referências.

1. Educação financeira escolar; 2. Educação infantil; 3. Formação continuada. I. Pessoa, Cristiane Azevêdo dos Santos. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

**BIANCA ROBERTA DE SOUZA**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR: reflexões e práticas de professoras da  
educação infantil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação Matemática e Tecnológica.

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovada em: 23/09/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Cristiane Azevêdo dos Santos Pessoa  
(Orientadora e Presidente)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Profa. Dra. Jaqueline Aparecida Foratto Lixandrão Santos  
(Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Profa. Dra. Catarina Carneiro Gonçalves  
(Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

Profa. Dra. Luci Teresinha Marchiori dos Santos Bernardi  
(Examinadora Externa)  
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente agradeço a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. É Ele que me concede forças e me sustenta todos os dias por meio da sua graça e misericórdia. Se cheguei até aqui foi por meio Dele e para Ele.

Aos meus pais, Edmilson e Rosa por toda dedicação e investimento em meus estudos desde sempre, seus cuidados e amor me movem e me fazem prosseguir diariamente, obrigada pelo exemplo de cuidado e educação. Amo vocês!

Ao meu marido, Gleibson, por todo apoio, confiança, cuidado e incentivo, pois ele, mais do que ninguém acompanhou todo processo de construção deste trabalho, isso incluindo as inseguranças, temores, conquistas e alegrias. Sei que as minhas conquistas são as suas e chegar até aqui é uma alegria nossa. Amo você!

Aos meus filhos, que são os presentes mais lindos e especiais que Deus me concedeu, eles são o combustível diário que me faz querer prosseguir. Agradeço pela paciência nos momentos que precisei me dedicar a este trabalho e eles, mesmo sendo tão pequenos, me ajudaram a tê-los. Uma gratidão em especial ao meu filho Pedro que sendo o meu primogênito, em vários momentos deu uma atenção maior à irmã Maria Alice para que eu pudesse me debruçar e me dedicar a essa pesquisa.

A todos os meus amigos que torceram por mim e me incentivaram a continuar com meus estudos e pesquisa.

À minha orientadora Cristiane Pessoa, que desde a minha graduação sempre foi uma inspiração de profissional para mim e que me incentivou a pesquisar e me dedicar à minha vida acadêmica. Quando cheguei no mestrado, ela me abraçou com uma sensibilidade ímpar e me mostrou o caminho certo para desenvolver minhas habilidades e potenciais que eu mesma não sabia que possuía. Obrigada por toda parceria, contribuição, olhar cuidadoso e minucioso ao longo da construção deste trabalho.

Ao Grupo de Estudos em Desenvolvimento e Aprendizagem de Matemática na Educação Básica (GREDAM), o qual tenho a alegria e o privilégio de fazer parte, pelas contribuições, olhares cuidadosos, partilhas e parcerias para que este estudo chegasse até sua versão final. Cada reunião ao longo do mestrado foi um momento de aprendizagem e aprofundamento em nosso objeto de estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC) pela oportunidade de estudar e pesquisar neste Programa, em especial

a todos os professores com os quais tive a oportunidade de aprender e compartilhar conteúdos riquíssimos e importantes que somaram nos meus estudos e pesquisa. O profissionalismo de cada um é um exemplo a ser seguido de dedicação e empenho no caminho da pesquisa e vida acadêmica em nosso país.

Aos meus colegas de turma que ao longo do curso em cada reunião e momentos de partilha, contribuíram com sugestões, indicações e olhares que fizeram toda a diferença em minha trajetória como mestranda.

Às professoras participantes do estudo pela disponibilidade, comprometimento e dedicação, que de forma singular contribuíram para tornar o estudo possível e palpável para chegar no objetivo da pesquisa.

Às professoras Luci Bernardi, Catarina Gonçalves e Jaqueline Lixandrão pelas inúmeras contribuições em nosso estudo e olhares minuciosos que fizeram toda a diferença na construção desta pesquisa.

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), pelo apoio financeiro em nossa pesquisa, por acreditar na relevância e importância deste trabalho para a contribuição na melhoria da Educação Básica do nosso país.

## RESUMO

O presente estudo aborda a Educação Financeira Escolar (EFE), na etapa da Educação Infantil (EI), com foco na análise da mediação docente em relação às experiências de EFE em turmas de EI, a partir de um processo de formação continuada sobre a temática. O embasamento teórico deste trabalho é a Educação Matemática Crítica (EMC), defendida por Skovsmose (2014). O trabalho pretende responder à seguinte pergunta de pesquisa: Como professores da Educação Infantil colocam em prática reflexões sobre Educação Financeira Escolar trabalhadas em um processo de formação continuada? Assim, temos como objetivo geral compreender percepções e intencionalidade prática de professores da Educação Infantil sobre a Educação Financeira Escolar, antes e após a participação em um processo de formação continuada. Temos como objetivos específicos: a) verificar as principais facilidades e dificuldades na compreensão de professores sobre EF e em suas possíveis práticas pedagógicas; b) promover possíveis reflexões acerca da EFE crítica, buscando contribuir com as práticas pedagógicas de professores da EI; e c) identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE crítica por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo. Os procedimentos metodológicos estão divididos em seis fases. 1) entrevista inicial semiestruturada; 2) grupo de estudo (1º encontro); 3) grupo de estudo (2º encontro); 4) observação das práticas pedagógicas das participantes que aplicaram os roteiros de experiências elaborados durante a formação; 5) entrevista final semiestruturada; e 6) grupo de estudo (encontro final). Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras que atuam na EI. Os dados analisados ressaltam a importância do olhar inicial sobre as percepções das profissionais participantes em relação à temática, para possibilitar subsídios na construção do processo formativo com elas, o que consequentemente contribuiu para novas percepções a respeito da temática em suas práticas pedagógicas. Concluímos que é importante e é possível que as crianças, desde cedo, possam vivenciar experiências reais sobre EFE, mas é fundamental que professores e professoras sejam formados para que seja desenvolvido um trabalho crítico e consciente.

**Palavras-chave:** educação financeira escolar; educação infantil; formação continuada.

## ABSTRACT

This study addresses School Financial Education (EFE) at the Early Childhood Education (EI) stage, focusing on the analysis of teacher mediation regarding EFE experiences in EI classes, based on a continuous training process on the topic. According to Pessoa (2016), Financial Education (FE) fosters discussion about conscious consumption, the influence of media on daily choices, reflection on what we want versus what we really need, and the environmental impact of some choices. Initiating EFE from the EI stage is necessary and urgent for the critical and responsible formation of individuals. The theoretical foundation of this work is Critical Mathematical Education (EMC), advocated by Skovsmose (2014), who argues that mathematical education should empower students to be critical citizens. This study aims to answer the following research question: How do Early Childhood Education teachers implement reflections on School Financial Education addressed in a continuous training process? Thus, the general objective is to understand Early Childhood Education teachers' perceptions and practical intentions regarding School Financial Education before and after participating in a continuous training process. The specific objectives are: a) to identify the main facilitators and obstacles in teachers' understanding of FE and its potential pedagogical practices; b) to promote reflections on critical EFE, aiming to contribute to EI teachers' pedagogical practices; and c) to identify possible changes in discussions about critical EFE through scripts and practical experiences carried out by EI teachers participating in the training process. The research methodology is based on qualitative research, as the relationship with teaching involves ideas and values that cannot be merely quantified. The procedures adopted configure our study as action research. The methodological procedures are divided into six phases: 1) initial semi-structured interview; 2) study group (first meeting); 3) study group (second meeting); 4) observation of pedagogical practices where participants applied the experience guides prepared during the training; 5) final semi-structured interview; and 6) study group (final meeting). The research subjects were two teachers working in EI. The analyzed data highlight the importance of initially understanding the participants' perceptions of the topic to provide subsidies for building the training process with them, which consequently contributed uniquely to new perceptions about the topic in their pedagogical practices.

**Keywords:** school financial education; early childhood education; continuous education.

## LISTA DE FIGURAS

|            |                                                                                                                            |    |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – | Atividade nº 1, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (3) semirrealidade no paradigma do exercício                | 86 |
| Figura 2 – | Atividade nº 2, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (3) semirrealidade no paradigma do exercício                | 87 |
| Figura 3 – | Atividade nº 3, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (5) vida real no paradigma do exercício                     | 88 |
| Figura 4 – | Atividade nº 4, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (5) vida real no paradigma do exercício                     | 89 |
| Figura 5 – | Atividade nº 5, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (4) semirrealidade em um possível cenário para investigação | 90 |
| Figura 6 – | Atividade nº 6, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (6) vida real em um possível cenário para investigação      | 91 |
| Figura 7 – | Atividade nº 7, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (6) vida real em um possível cenário para investigação      | 92 |
| Figura 8 – | Atividade nº 8, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (6) vida real em um possível cenário para investigação      | 93 |

## LISTA DE QUADROS

|             |                                                                                                                   |     |
|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 –  | Ambientes de aprendizagem segundo Skovsmose (2014)                                                                | 48  |
| Quadro 2 –  | Etapas metodológicas da pesquisa                                                                                  | 68  |
| Quadro 3 –  | Perguntas da entrevista inicial                                                                                   | 70  |
| Quadro 4 –  | Perguntas norteadoras da entrevista final                                                                         | 74  |
| Quadro 5 –  | Principais respostas da entrevista inicial com professoras da EI sobre EFE                                        | 76  |
| Quadro 6 –  | Exemplos de articulações de temas sobre EF aos Campos de Experiências para EI e sugestões de vivências e recursos | 95  |
| Quadro 7 –  | Resumo do roteiro de prática pedagógica sobre EFE da Professora A                                                 | 100 |
| Quadro 8 –  | Resumo do roteiro de prática pedagógica sobre EFE da Professora B                                                 | 101 |
| Quadro 9 –  | Perguntas norteadoras e principais respostas da entrevista final                                                  | 111 |
| Quadro 10 – | Perguntas norteadoras e principais respostas da entrevista final coletiva do último encontro                      | 117 |

## SUMÁRIO

|              |                                                                                                                                                |            |
|--------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                                                              | <b>13</b>  |
| <b>2</b>     | <b>COMPREENDENDO OS PILARES DO NOSSO ESTUDO:<br/>EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR E FORMAÇÃO<br/>CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> | <b>21</b>  |
| 2.1          | EDUCAÇÃO FINANCEIRA: PRINCIPAIS MARCOS<br>HISTÓRICOS E DOCUMENTOS OFICIAIS                                                                     | 21         |
| 2.2          | EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR                                                                                                                    | 24         |
| 2.3          | EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NA BASE NACIONAL<br>COMUM CURRICULAR (BNCC)                                                                        | 29         |
| 2.4          | EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NA FORMAÇÃO<br>CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL                                                      | 37         |
| <b>3</b>     | <b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>                                                                                                                     | <b>44</b>  |
| 3.1          | EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA (EMC)                                                                                                              | 44         |
| 3.2          | POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A EMC E A EDUCAÇÃO<br>INFANTIL (EI)                                                                                   | 49         |
| <b>4</b>     | <b>ESTUDOS ANTECEDENTES</b>                                                                                                                    | <b>52</b>  |
| 4.1          | EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO<br>INFANTIL                                                                                            | 52         |
| 4.2          | EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NA FORMAÇÃO<br>CONTINUADA DE PROFESSORES                                                                           | 59         |
| <b>5</b>     | <b>METODOLOGIA</b>                                                                                                                             | <b>67</b>  |
| <b>6</b>     | <b>ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS</b>                                                                                                    | <b>76</b>  |
| 6.1          | CONHECIMENTOS PRÉVIOS DAS PARTICIPANTES SOBRE A<br>TEMÁTICA                                                                                    | 76         |
| 6.2          | GRUPO DE ESTUDOS (PRIMEIRO ENCONTRO)                                                                                                           | 83         |
| 6.3          | GRUPO DE ESTUDOS (SEGUNDO ENCONTRO)                                                                                                            | 94         |
| 6.4          | OBSERVAÇÃO NOS AMBIENTES DE APRENDIZAGEM DA EI                                                                                                 | 104        |
| <b>6.4.1</b> | <b>Observação das práticas de experiências da Professora A</b>                                                                                 | <b>104</b> |
| <b>6.4.2</b> | <b>Observação das práticas de experiências da Professora B</b>                                                                                 | <b>106</b> |
| 6.5          | ENTREVISTA FINAL                                                                                                                               | 110        |
| 6.6          | CULMINÂNCIA NO GRUPO DE ESTUDOS (ENCONTRO FINAL)                                                                                               | 113        |

|          |                    |            |
|----------|--------------------|------------|
| <b>7</b> | <b>CONCLUSÕES</b>  | <b>122</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b> | <b>127</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a Educação Financeira Escolar (EFE), na etapa da Educação Infantil (EI), com foco na análise da mediação docente em relação às experiências de EFE em turmas de EI, a partir de um processo de formação continuada sobre a temática.

A EFE pode ajudar a criança desde cedo a desenvolver uma consciência crítica e ética em relação à sua necessidade e ao seu desejo de adquirir algo. Essa consciência vai muito além do seu eu, estendendo-se na relação com o outro e com o meio em que vive. Segundo Pessoa (2016), a Educação Financeira (EF) propicia a discussão acerca de um consumo consciente, da influência que a mídia exerce nas escolhas diárias, da reflexão sobre o que desejamos e o que realmente precisamos, e do impacto ambiental que algumas escolhas podem causar.

Em uma sociedade capitalista, cujo principal objetivo é a obtenção do lucro e o acúmulo de riquezas, é notório observar a manipulação midiática para a prática e o aumento do consumismo. Com o avanço tecnológico, sobretudo com o uso da internet na rotina dos brasileiros, independente de classe social, a audiência para o marketing digital tem aumentado e vem ganhando força. O uso de plataformas digitais mais acessíveis a todos, inclusive ao universo infantil, tem contribuído para o aumento da publicidade dirigida a esse público. Segundo Oliveira (2012), o crescimento tecnológico e a expansão dos meios de comunicação em massa provocaram a ampliação do conjunto de signos, informações, valores e outros referenciais com que as crianças são colocadas a interagir, e devem ser por elas apropriados desde cedo.

Podemos citar como exemplo dessa interação a plataforma digital YouTube, a qual ganha destaque no acesso pelas crianças, principalmente por seus recursos atrativos de audiovisual e interação com o outro. Entre um vídeo e outro dessa plataforma, as crianças, na maioria das vezes, são bombardeadas por anúncios dos mais variados tipos de produtos para o universo infantil, além de receberem a influência de alguns criadores de conteúdos digitais, os chamados youtubers, que ditam quais produtos elas devem adquirir. Tudo isso estimula desde cedo as escolhas

das crianças por produtos e marcas específicas, o que pode contribuir não apenas para o consumo, mas também para o consumismo.

Sobre esses conceitos, Bauman (2008) explica que enquanto o consumo é considerado apenas como uma atividade própria do ser humano, relacionada com sua sobrevivência, ou seja, com a aquisição de itens que são imprescindíveis para a manutenção da vida, o consumismo ultrapassa as necessidades essenciais e alcança a perspectiva dos desejos e anseios, de forma individual e coletiva, transformando-se na principal força propulsora e operativa da sociedade e desempenhando um importante papel nos processos de autoidentificação. Ou seja, o consumismo assume o papel outrora desempenhado pelo trabalho na sociedade de produtores e passa a dirigir os significados e valores sociais. Segundo Bauman (2008), o consumismo diz respeito a um atributo da sociedade, adquirido pela capacidade profundamente individual de querer, de desejar e de almejar algo, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores. Essa definição dialoga com os principais anseios de apropriação e posse de bens que prometem satisfazer e atingir as motivações dos indivíduos na sociedade de consumidores.

Ainda segundo o autor, o consumismo associa a felicidade a uma intensidade de desejos sempre crescentes por novos bens, o que gera e impulsiona a substituição desenfreada dos mais diversos tipos de bens e produtos. As aquisições perdem seu valor e sua atração de forma veloz, tornando-se substituíveis e adequadas apenas para se tornarem itens a serem descartados, isto é, lixos. Bauman (2008, p. 6) afirma que “a sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não satisfação de seus membros”. Assim, enquanto os anseios e desejo dos consumidores permanecerem presentes, a promessa de satisfação permanece sedutora e propulsora na sociedade consumista.

De acordo com o Instituto Alana (2023), uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos e de impacto socioambiental, com foco na proteção e promoção dos direitos, desejos e do protagonismo das crianças e adolescentes, a criança até os 12 anos de idade não tem o pensamento crítico formado e, por isso, é mais vulnerável aos apelos comerciais. E embora as crianças não possam realizar atos independentes, tais como comprar um automóvel ou assinar um contrato, elas são

abordadas diretamente pela publicidade como plenas consumidoras, mesmo após a Resolução nº 163/2014, que rege a proteção da criança diante da publicidade infantil em nosso país. Crianças, desde muito pequenas, estão sendo seduzidas e estimuladas a serem consumidores compulsórios, o que as conduz a uma construção do seu eu como sujeito social de forma preocupante e alarmante.

É interessante e também necessário destacar que, no ambiente familiar, a criança tem poder de influenciar as escolhas financeiras dos seus responsáveis, principalmente as escolhas dos produtos que perpassam o universo infantil. Por exemplo, em situações de compra em supermercados, é comum os responsáveis optarem por comprar algum produto que a criança escolheu por ser de um personagem do desenho que ela gosta, mesmo esse produto sendo mais caro do que outro que não tem o personagem, sem questionar ou dialogar com a criança a respeito dessa escolha. Então, trabalhar a EFE desde cedo tem se tornado algo cada vez mais urgente em uma sociedade consumista e endividada como a nossa.

Segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), apurada mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), no ano de 2023, quase 80% das famílias brasileiras pesquisadas relataram ter dívidas a vencer (PEIC, 2023). É pertinente ressaltar que boa parte dessas famílias endividadas está nessas condições não apenas pela falta da educação financeira, mas também pelo contexto social e econômico do desemprego, da baixa renda, da falta de oportunidades, principalmente após o período pandêmico da Covid-19 vivenciado por todos nós, que só fez avultar as dificuldades desse segmento da sociedade. Infelizmente, muitas dessas famílias só ganham o suficiente para adquirirem itens básicos de sobrevivência, como, por exemplo, itens de alimentação, remédios, vestimenta, entre outros. Isso nos mostra, de forma preocupante, que a falta de educação financeira das famílias é apenas um aspecto a ser mencionado, diante de tantos outros desafios dessa realidade tão difícil.

Desse modo, compreendemos que iniciar a EFE desde a etapa da Educação Infantil é necessário e urgente para uma formação crítica e responsável das pessoas. Compreendemos que a escola é a instituição responsável por essa formação, e ela poderá mediar um caminho para o entendimento de questões éticas essenciais para

a vida em sociedade. De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, é dever do Estado e da família, com a colaboração da sociedade, promover e incentivar a educação a todos os brasileiros, objetivando o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988). Além de na sociedade como um todo e na família em particular, é também no âmbito escolar que as pessoas aprenderão conhecimentos e habilidades importantes para exercerem sua cidadania, para além dos muros da escola. A EFE deve fazer parte desses saberes tão pertinentes para uma vida social que contribui para o crescimento do bem-estar comum.

Compreendemos que, para que temas relacionados à EFE possam ser desenvolvidos nos ambientes de aprendizagem desde a EI, o professor, como principal mediador entre a criança e o conhecimento, deve estar preparado e ter-se apropriado de uma intencionalidade prática que leve em consideração as necessidades reais das crianças, para a obtenção desses saberes.

Na perspectiva das mediações de experiências, tomamos como base a Educação Matemática Crítica que, segundo Ole Skovsmose, defende uma educação matemática que propicia ao estudante um protagonismo e uma autonomia na construção do aprendizado matemático, pautado por aspectos críticos, de justiça social, de valorização do ser humano e que leva em consideração dados reais vivenciados pelas crianças e seus conhecimentos prévios adquiridos pelas suas experiências de vida, o que aponta para a democracia e para uma equidade em um modo de aprender crítico e reflexivo. Essa teoria tão relevante e pertinente para a ação pedagógica do professor nos ambientes de aprendizagens embasará nossas reflexões e análises no percurso da nossa pesquisa.

A partir dessas reflexões, sobretudo reconhecendo a importância da EFE desde a EI, o interesse pela presente pesquisa surgiu primeiramente do olhar da pesquisadora enquanto ainda era graduanda do curso de Pedagogia da UFPE, durante as vivências e o compartilhamento de discussões a respeito de uma EFE crítica, em uma disciplina eletiva ministrada pela professora Cristiane Pessoa, orientadora deste trabalho. Nas aulas, a perspectiva crítica, reflexiva, ética e democrática que as discussões sobre a temática suscitavam incitaram a minha curiosidade, e busquei aprofundamento sobre a temática da EFE. Durante essa busca

por aprofundamento, percebi que não havia muitos estudos sobre o tratamento da EFE na EI, etapa tão relevante e importante na formação do sujeito. Por isso, surgiu o interesse de pesquisar a temática da EFE nessa etapa da Educação Básica.

Em seguida, verifiquei a necessidade e a importância de estudos voltados para os professores dessa etapa da Educação Básica, estudos que contribuíssem para aprimorar a qualidade da formação desses docentes, que os preparassem para mediar de forma crítica e reflexiva a temática da EFE, pois, infelizmente, como mencionado, poucos estudos têm sido desenvolvidos sobre a EFE na EI, o que pode indicar uma fragilidade na formação desses profissionais sobre a temática.

Objetivando apresentar e discutir pesquisas publicadas em teses e dissertações sobre a EF, em estudo sobre o que tem sido produzido sobre EF em nível de Mestrado e Doutorado concluídos entre 2013 e 2016 no Brasil, Pessoa (2016) revelou que, dos 58 trabalhos encontrados nesse intervalo de tempo, apenas um se relacionava à EF na etapa da EI, ressaltando que a concentração de estudos sobre a EF está voltada para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.

Corroborando esses achados, a pesquisa de Rodrigues, Silva e Rodrigues (2021) intitulada “Estado da arte de dissertações e teses no Brasil sobre educação financeira e/ou matemática financeira no período de 2000 a 2020”, que mapeou 306 pesquisas defendidas entre os anos de 2000 e 2020, constatou que, no quesito níveis de escolaridade das dissertações e teses, existe uma concentração maior dos estudos na Educação Básica, porém a maior quantidade está voltada para o Ensino Médio e para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Esse resultado levou os autores a sugerirem que novas pesquisas sejam realizadas, envolvendo as temáticas nas outras etapas da Educação Básica.

Outro estudo que enfatiza um número sucinto de produções é o apresentado no artigo intitulado “Educação Financeira na Formação de Professores: uma discussão salutar ocorrida no EBRAPEM”. Os autores Aguiar, Neres e Sales (2022) objetivaram verificar como a Educação Financeira está ligada aos professores em formação, segundo as últimas produções do EBRAPEM. Os autores realizaram um mapeamento dos artigos científicos que apresentam a temática, publicados e apresentados nos anais do EBRAPEM das edições XX até XXIV, que aconteceram

entre os anos de 2016 e 2020. Verificaram um quantitativo de 36 artigos, dos quais apenas 06 (seis) relacionavam a EF com a formação de professores, e apenas uma publicação da temática era relacionada à Educação Infantil.

Essas constatações serviram de tecitura para o levantamento da seguinte questão: Como professores da Educação Infantil colocam em prática reflexões sobre Educação Financeira Escolar trabalhadas em um processo de formação continuada? É essa a pergunta que este trabalho investigativo pretende responder.

Para isso, temos como objetivo geral compreender percepções e intencionalidade prática de professores da Educação Infantil sobre a Educação Financeira Escolar, antes e após a participação em um processo de formação continuada. Para alcançar esse objetivo, listamos os seguintes objetivos específicos:

- a) verificar as principais facilidades e dificuldades na compreensão de professores sobre EFE e em suas possíveis práticas pedagógicas;
- b) promover possíveis reflexões acerca da EFE crítica, buscando contribuir com as práticas pedagógicas de professores da EI; e
- c) identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE crítica por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo.

No que se refere à metodologia, optamos por uma pesquisa qualitativa, porque a relação com o ensino envolve ideias e valores, em uma construção que não pode ser apenas quantificada, mas que deve ser compreendida em suas especificidades, por meio das relações dos sujeitos envolvidos nessa troca colaborativa que é o ensino e o aprendizado.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa foi dividida em seis fases, realizadas com duas professoras da EI, uma de uma escola particular de Recife-PE e a outra de uma escola pública da rede municipal de ensino de Olinda-PE.

Na primeira fase, foi realizada uma entrevista inicial semiestruturada, visando investigar as percepções e intencionalidades práticas das duas professoras da EI, sobre a importância da EFE nas suas mediações de experiências. A segunda fase consistiu no início do processo de formação das professoras participantes, que foi realizado por meio do primeiro encontro no grupo de estudo, constituído da

pesquisadora e das professoras da Educação Infantil participantes. A terceira fase foi a continuidade desse processo formativo e ao final dessa fase foram construídos roteiros de experiências, realizados de forma individual por cada uma delas. Na quarta fase, observamos e analisamos as mediações das experiências nos ambientes de aprendizagens das participantes, nos quais foram vivenciados os roteiros elaborados durante a formação. Na quinta fase, foi realizada uma investigação sobre as possíveis mudanças nas percepções e intencionalidades práticas das professoras da EI participantes, sobre a importância da EFE nas suas mediações de experiências, após a formação, por meio de uma entrevista final semiestruturada. E na sexta e última fase, houve a culminância da formação no grupo de estudo, com discussões conjuntas sobre as experiências desenvolvidas e observadas, para as discussões e conclusões finais com as participantes. Por fim, os resultados obtidos foram confrontados sistematicamente com o referencial teórico para nossas interpretações e conclusões finais.

O presente estudo está organizado em 07 (sete) seções: na seção introdutória, apresentamos o nosso objeto de estudo, a contextualização sobre a importância de iniciar um trabalho com a educação financeira desde cedo, alguns embasamentos teóricos, nossa justificativa, o problema de pesquisa e os objetivos do estudo.

A segunda seção aborda os principais conceitos e ideias sobre EF e EFE, a importância dessa temática, seu histórico, o que dizem os documentos oficiais e como é apresentada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pontuando nosso entendimento sobre a relevância que a temática tem na educação escolar brasileira. Além disso, apresentamos a importância da formação de professores da Educação Infantil e a inserção da EF nessa formação.

Na terceira seção, abordamos o referencial teórico que embasa a nossa pesquisa, em especial a Educação Matemática Crítica (EMC), divulgada por Skovsmose, teoria que iremos articular com as possíveis práticas pedagógicas na EI.

Na quarta seção, dialogamos com estudos feitos sobre a EFE na EI e sobre a EFE na formação de professores. Procuramos por estudos que indicassem a compreensão da temática pelos professores dessa etapa de ensino e experiências

nos ambientes de aprendizagens, e como a formação de professores tem inserido a temática, destacando o que precisa ser aprimorado e estudado.

Na sequência, a quinta seção apresenta os detalhes da nossa metodologia: descrevemos cada uma das etapas de trabalho, os instrumentos de coleta e análise utilizados em cada uma delas, e os materiais e recursos utilizados no grupo de estudo.

Na sexta seção, apresentamos nossa análise e discussão dos resultados, por meio dos dados coletados nas entrevistas iniciais, no grupo de estudo, nos roteiros e experiências observadas, ministradas pelas professoras participantes, nas entrevistas finais e na culminância no grupo de estudo. Além disso, apresentamos nosso entendimento sobre a pergunta da nossa pesquisa, articulado com a teoria-base.

Por fim, na sétima e última seção, apresentamos nossas considerações finais, a partir das análises e dos resultados obtidos em nossa pesquisa.

## **2 COMPREENDENDO OS PILARES DO NOSSO ESTUDO: EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nesta seção, abordaremos o surgimento e os principais marcos históricos da Educação Financeira no Brasil, o que trazem os documentos oficiais sobre a temática, o que é a Educação Financeira Escolar, as principais reflexões acerca dessa temática e como ela está presente na Base Nacional Comum Curricular. Além disso, refletiremos sobre a importância da formação de professores da Educação Infantil e a inserção da EF nessa formação.

### **2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA: PRINCIPAIS MARCOS HISTÓRICOS E DOCUMENTOS OFICIAIS**

Para compreendermos a Educação Financeira (EF), primeiramente devemos entender como as discussões sobre essa temática surgiram aqui no Brasil e como os documentos legais descrevem sua funcionalidade e importância para os cidadãos.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), responsável por pesquisas e estudos para melhorar políticas públicas em diversas áreas, entre seus países membros, incluiu, em 2003, a Educação Financeira em suas discussões. Disso resultou a elaboração de um projeto denominado “Educação Financeira”, cujo objetivo é levar a EF aos cidadãos dos países signatários, o que influenciou as discussões no Brasil, proporcionando aos cidadãos compreensão sobre a temática, desenvolvendo habilidades e comportamentos financeiros para a melhoria do seu bem-estar e, conseqüentemente, do bem-estar coletivo.

Em 2007, no Brasil, o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiros, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC) constituiu um grupo de trabalho. Em 2009, esse grupo propôs um rascunho da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) brasileira. O rascunho foi estudado e avaliado pelo COREMEC e, em 2010, pelo Decreto Presidencial nº 7.3977, foi regulamentada a ENEF, com a finalidade de “promover a educação financeira e

previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores” (Brasil, 2010, p. 3). Nesse período, também foi criado o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), com o objetivo de gerir e coordenar programas da ENEF que ressaltam a disseminação da EF nas escolas de nível fundamental e médio, e em ações para aposentados e mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Em agosto de 2011, a ENEF foi publicamente lançada. Um projeto piloto de Educação Financeira para o Ensino Médio foi implementado em escolas públicas de alguns estados brasileiros: Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Tocantins. Esse projeto objetivou a instrução dos sujeitos em relação ao uso consciente do dinheiro, com comportamentos e hábitos mais inteligentes financeiramente, colaborando, segundo a Estratégia, para o princípio de que sujeitos educados financeiramente contribuem para o bem-estar individual e coletivo.

Em março de 2013, por meio do Decreto nº 7963, foi instituído o PLANDEC (Plano Nacional de Consumo e Cidadania), com a finalidade de promover a proteção e defesa do consumidor em todo o território nacional, por meio da integração e articulação de políticas, programas e ações, promovendo, segundo o Decreto, no seu Artigo 3º, parágrafos do I ao VI, o atendimento das necessidades dos consumidores, incluindo o respeito a sua dignidade, saúde, segurança e a seus direitos. Além disso, disponibiliza o acesso a padrões de produção e consumo sustentáveis, promovendo transparência e harmonia nas relações de consumo (Brasil, 2013).

Em 2017, a Deliberação nº 19, de 16 de maio, do CONEF, estabelece diretrizes para o Programa Educação Financeira nas Escolas, objetivando tornar o Programa uma política pública apoiada na referência da Base Nacional Comum Curricular brasileira (BNCC) (Brasil, 2017), ou seja, uma necessidade de produção de metodologias de ensino sobre a temática alinhadas a esse currículo, o que destaca o envolvimento nas diversas áreas de conhecimento. Com isso, a EF passa a fazer parte das reflexões curriculares nas escolas e, segundo a BNCC (Brasil, 2018), de forma contextualizada, transversal e integradora, de acordo com as especificidades de cada sistema de ensino e escola, com orientações explícitas a partir do Ensino

Fundamental. Destacamos que, apesar de a EF não ser articulada de forma explícita com a Educação Infantil, que é o marco inicial educacional importantíssimo na formação do sujeito, percebemos o esforço de articulá-la com o Ensino Fundamental, o que já confere à EF grande relevância e importância para a construção e o desenvolvimento de cidadãos mais educados financeiramente.

Ainda segundo a Deliberação nº 19, de 16 de maio de 2017, no seu Artigo 2º, uma das diretrizes para a execução do Programa é privilegiar ações com foco no professor, protagonista do processo de disseminação do tema na escola, com ações para formação, o que nos chama a atenção para a importância de uma formação e preparação dos professores como agentes mediadores de novos saberes (Brasil, 2017). Chiarello (2014, p. 43) afirma que “a formação do professor é importante campo reflexivo para educadores e pesquisadores. Ela representa um enfrentamento a desafios cotidianamente colocados à comunidade educacional em busca de melhor qualificação e profissionalização do professor.” O docente que se apropria dos fundamentos da EF nas perspectivas crítica e reflexiva tem papel fundamental para contribuir com o desenvolvimento de pessoas mais conscientes financeiramente, permitindo um comportamento mais adequado diante dos problemas encontrados no universo de uma sociedade capitalista.

O Art. 3º da mesma Deliberação estabelece como objetivo para a execução do Programa, até 2024, a integração da temática na cultura escolar brasileira através da vivência de projetos e atividades no cotidiano das escolas. O documento também destaca a importância de patrocínios que permitam execução de forma descentralizada, e sugere para tal investimento o envolvimento das stakeholders, que são partes interessadas no Programa que, mesmo não agindo de forma direta na sua execução dentro das escolas, envolvem-se com estratégias para que a temática sobre a EF seja disseminada nas escolas.

Em 2020, o Decreto presidencial nº 10393 substituiu o Decreto presidencial nº 7.397, de 2010 (Brasil, 2020). Segundo esse novo decreto, fica instituída a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira, com o objetivo de promover a educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal no país. Analisando a ENEF de 2010, é notório observar que a perspectiva da estratégia, mesmo sendo em sua maior parte

previdenciária e de produtos financeiros, tem uma propensão para assuntos como fortalecimento da cidadania e tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores, assuntos que, infelizmente, na atual ENEF, não são mencionados, sendo o foco primordialmente no caráter securitário, previdenciário e fiscal. Isso vai de encontro com a lógica de uma educação financeira que permite caminhos para a construção de um pensamento crítico e reflexivo.

Diante desse percurso histórico e dos principais documentos sobre a EF na sociedade e no âmbito escolar, concluímos que a diligência sobre a temática é muito recente nas discussões que fomentam as políticas públicas, sobretudo as que englobam os aspectos ligados à educação, o que ressalta a importância do olhar para essas discussões, contemplando os direitos da população a uma consciência financeira que permita um melhor entendimento sobre a qualidade de vida e o bem-estar social.

Na seção a seguir, discutiremos sobre a Educação Financeira Escolar, o conceito adotado neste trabalho e sua importância no contexto escolar, familiar e social.

## 2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR

A EF nas escolas é um programa que faz parte da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), emitida pelo Decreto nº 7.397, de 22 de novembro de 2010, com o objetivo de “contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte de seus consumidores” (Brasil, 2010, p. 3). Percebemos que, segundo a Estratégia, a EF torna-se indispensável para desenvolver desde muito cedo o caráter responsável em cidadãos que exercem seus direitos de escolhas, e contribui para uma economia mais consciente. Segundo Teixeira (2015), a EF contribui para o desenvolvimento social e econômico do país, proporcionando aos cidadãos habilidades e competências indispensáveis para planejar, administrar sua renda, poupar, investir e compreender seus direitos. Essa compreensão vai muito além do poupar para gastar, mas abrange

a responsabilidade social de saber que atitudes geram consequências individuais e coletivas.

A Educação Financeira Escolar (EFE) eleva a perspectiva de uma EF que contextualiza, que entra na realidade social e econômica do sujeito, proporcionando discussões, investigações e reflexões sobre as escolhas do seu dia a dia. A forma de lidar com o dinheiro que a EF proporciona, independente de classe social, gera uma consciência responsável de consumo, principalmente diante da influência midiática e das propagandas que invadem os ambientes em que vivemos. Essas influências, na maioria das vezes, são construídas de forma invasiva, principalmente através dos meios de comunicação de massa – com ênfase no acesso à internet –, os quais, segundo Gravatá, Alves e Fernandes (2019), impõem seu grande fluxo de mensagens ideológicas, causando o conformismo e a manipulação das massas. Mais acentuada ainda é a manipulação do público infantil por meio das mídias sociais para o consumismo, manipulação que é realizada de forma ostensiva e eficaz, por dirigir-se a sujeitos vulneráveis, facilmente acessíveis e imaturos. Então, construir uma autonomia de escolhas conscientes desde cedo é um dos objetivos a serem alcançados pela EFE.

Compreendemos que é dentro das instituições de ensino que essa consciência será desenvolvida e fortalecida, pois entendemos que a escola tem o papel fundamental de consolidar uma educação necessária para o bem-estar individual e social. O trabalho dos docentes e profissionais que estão inseridos no universo pedagógico escolar deve ser feito com uma preparação consciente e com material para uma mediação sobre EFE que expõe, critica e traz reflexões sobre essas intenções e ações manipuladoras por trás de um sistema capitalista. Sobre EFE, Silva e Powell (2013, p. 13) destacam que:

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem.

A definição acima evidencia a importância da introdução da criança no contexto financeiro não apenas limitado ao conhecimento do dinheiro, em uma perspectiva de mercado, mas contemplando a realidade financeira na qual essa criança está inserida, destacando aspectos éticos, políticos, sociais e culturais, o que permite um caminho de possibilidades para envolver questões referentes à cidadania, uma postura ética e consciente a respeito das consequências que as decisões podem causar na vida da pessoa e na do próximo, a responsabilidade sobre o meio ambiente, uma postura crítica diante de apelos midiáticos para aquisição de produtos, contribuições para uma economia doméstica, entre outros.

Segundo Chiarello e Bernardi (2015), as ideias de EF deveriam existir com base nas relações de poder, na justiça social, na igualdade, nas incertezas e na globalização, relacionadas à Educação Matemática Crítica (EMC). Ou seja, para que de fato o professor consiga desenvolver, dentro do ambiente de aprendizagem e, consequentemente, fora dele, uma criticidade sobre a EF, juntamente com os alunos que o compõe, é preciso perpassar pelo campo da EMC.

Segundo Skovsmose (2000), para que ocorra uma abordagem crítica pela EMC, o professor deve ir além dos paradigmas de exercícios, com respostas prontas e “certas”, e permitir aos alunos caminhos e possibilidades entre diferentes ambientes de aprendizagem que os levarão a cenários de investigação para o engajamento de reflexões críticas de suas ações e escolhas. “Quando os alunos assumem o processo de exploração e explicação, o cenário para investigação passa a constituir um novo ambiente de aprendizagem. No cenário para investigação, os alunos são responsáveis pelo processo” (Skovsmose, 2000, p. 6) A EFE pode propiciar essa autonomia as pessoas, ajudando-as a entender quais são seus desejos e suas reais necessidades, e com isso possibilitar um planejamento financeiro de forma consciente e crítica. Ela permite ao indivíduo perpassar criticamente por campos morais e éticos. Segundo Chiarello e Bernardi (2015), a ideia de rede nos desafia a pensar uma EF que tenha preocupações com a solidariedade e com noções de cidadania, preocupações essas que têm a ver com a função do dinheiro; a percepção dos desejos versus necessidades; a noção do caro versus barato; o consumismo, entre outros.

Santos (2023) discorre sobre uma EFE que corresponde a um movimento gradual de reflexões sobre as práticas de consumo e suas tomadas de decisões, concebendo aspectos matemáticos e não matemáticos que estão envolvidos em uma tomada de decisão, visando não apenas à competência financeira, mas também ao desenvolvimento de cidadãos conscientes e éticos, habilitados a compreender e lidar com os diversos aspectos do consumo na sociedade. Portanto, em consonância com os autores citados nesta seção, compreendemos que a EFE que deve estar presente nas vivências e reflexões dentro das instituições de ensino deve ser crítica, que perpassa por noções de empatia, solidariedade, cidadania, que emerge de um caráter democrático e aponta para a justiça social; uma EFE que, independentemente do lugar de fala e de reflexão do sujeito, incentive-o a ser ouvido, compreendido e a fazer suas escolhas financeiras de forma consciente e dialógica com a realidade em que esteja inserido, para que alcance resultados reais a curto, médio e longo prazo.

E para que esses e outros assuntos relacionados à EF possam fazer parte do cotidiano das pessoas e da sociedade, é essencial que seja tema introduzido desde a base escolar de formação, já a partir da Educação Infantil, e não apenas iniciado no Ensino Fundamental, como traz a BNCC. É na Educação Infantil que surge um caminho de reflexão desde muito cedo, pois a criança faz parte dessa sociedade capitalista e se relaciona com o universo monetário, sustentável e de consumo.

É comum encontrarmos situações em que a criança influencia as escolhas financeiras dos seus responsáveis, seja pela decisão de adquirirem uma marca específica de lanche, de roupas, de acessórios, de brinquedos que elas preferem – muitas vezes influenciadas pela mídia –, seja por refletir (ou não) sobre o valor das coisas. Certa vez, testemunhei uma situação na qual, em uma sorveteria, uma criança que aparentava ter uns seis anos de idade questionou a operadora do caixa sobre o porquê de o preço do sorvete na balança ser pesado com o pote. A criança explicava que o pote já tinha seu próprio peso e isso deixaria o sorvete mais caro. Na ocasião, a operadora do caixa ficou sem resposta, pois não esperava que uma criança lhe indagasse sobre isso. Esse exemplo ratifica que a criança está a todo tempo conectada com situações de escolhas financeiras, durante os passeios aos shopping centers, as idas aos supermercados, diante da manipulação midiática para o

consumo, durante o entretenimento pelos meios de comunicação eletrônicos, que investem fortemente em publicidades dos mais diversos tipos de produtos e serviços.

A escola tem, dentre outras, a função social de expandir a habilidade da criança pensar, de articular diversos saberes, dentre os quais está a EFE. Ela faz parte da realidade da criança, que precisa pensar e refletir continuamente sobre suas escolhas. O currículo não é uma lista de conteúdos prontos e engessados, mas é a articulação entre as experiências das crianças e os saberes que elas vão adquirindo.

Segundo a BNCC, a concepção de criança é a de um ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos, assimila valores, constrói conhecimentos e se apropria deles por meio das interações e relações com o mundo físico e social. Se assim é, por que não propiciar as discussões sobre a EFE desde a Educação Infantil, se desde essa etapa a criança se relaciona a todo tempo com todas as dimensões, sejam elas sociais, culturais, políticas e econômicas, que permeiam a EFE? Se, para a própria BNCC a criança é vista como esse ser pensante, que participa ativamente das situações cotidianas, então a EFE deveria ser um dos direitos de aprendizagem direcionados a ela. Portanto, as reflexões sobre a EFE devem resultar em uma intencionalidade educativa às práticas pedagógicas dos docentes na EI. Com isso, a EFE permitirá que as crianças, em constante construção, consigam desde muito cedo agregar em seu desenvolvimento uma consciência sobre as consequências de suas escolhas no seu bem-estar e no bem-estar de quem está ao seu redor.

A temática da EFE pode ser trabalhada nessa perspectiva reflexiva e crítica, desde que inserida nas experiências vivenciadas nas rotinas da EI, de forma contextualizada e integrada à realidade das crianças, o que se coaduna com o pensamento de Mendonça (2020). Segundo essa autora, o trabalho da EFE com aprendizes da EI perpassa os dois eixos fundamentais da BNCC para a EI – as interações e a brincadeira – e deve ser baseado em uma semirrealidade ou na realidade da criança, possibilitando a construção de significados reflexivos e críticos. Deve, ainda, ser conduzido por professores com essa intencionalidade prática. A integração da EFE ao currículo da EI é um caminho possível, desde que seja com autonomia e centralidade da criança, respeitando seu tempo de desenvolvimento e

garantindo que seus direitos de aprendizagem sejam respeitados e vivenciados através das interações, brincadeiras e com as diferentes linguagens e signos que trazem representatividade para cada criança nessa etapa de ensino.

Na seção a seguir discorreremos sobre a EFE na BNCC, a forma como a temática está inserida no documento e as possibilidades de trabalho a partir da EI.

### 2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 regula a educação brasileira pública e privada, abrangendo princípios, direitos e deveres que constituem os processos formativos dentro das instituições educacionais. Em seu Capítulo II, Seção I, Artigo 26, a LDB estabelece que “os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio “devem ter uma base nacional comum [...] exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos” (Brasil, 1996, n. p.). Porém, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) só começou a ser elaborada em 2014. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) convocou profissionais da área de pesquisa, formação de professores, representantes da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e representantes da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) para discutirem sobre as composições do currículo. Desde então até 2016, a BNCC passou por debates e discussões pelo Brasil, com consulta pública, até que em dezembro de 2017 foi homologada e passou a ser válida em todo o país.

“A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2018, p. 5). Ela é um norte de apoio para o desenvolvimento curricular dentro dos sistemas de ensino e, conseqüentemente, das escolas estaduais e municipais, ou seja, cada sistema, rede de ensino e instituição educacional tem o dever de desenvolver e agregar aos currículos temas que abrangem as especificidades regionais e locais dos seus estudantes e crianças, visando a um desenvolvimento

pedagógico de forma crítica e reflexiva. Temas relevantes para esse desenvolvimento são apontados pela BNCC, sendo um deles a EF. Segundo a BNCC (Brasil, 2018), a EF é articulada ao currículo de forma contextualizada, transversal e integradora, de acordo com as especificidades de cada sistema de ensino e escola.

A Educação Financeira orientada de forma interdisciplinar, segundo a BNCC, traz uma perspectiva de aprendizagem e de uma consciência mais abrangente em torno das escolhas e desafios econômicos dos estudantes, pois retira a ideia de que a EF está unicamente relacionada ao conteúdo da Matemática Financeira e constrói um leque de aprendizagens que são propiciadas pelas demais disciplinas, ofertando ao sujeito mais autonomia quando ele aprende, por exemplo, a interpretar a linguagem financeira, a conhecer a origem do dinheiro e suas reais finalidades, como suas escolhas econômicas interferem de forma micro, dentro da sua realidade familiar, e de forma macro, na produção do lixo que interfere de forma direta no meio em que vive.

O trabalho com a EF, na BNCC de 2017, é explicitamente sugerido, apenas, a partir do Ensino Fundamental. O documento se organiza por áreas de conhecimento e define competências. “Para garantir o desenvolvimento das competências específicas, cada componente curricular apresenta um conjunto de habilidades. Essas habilidades estão relacionadas a diferentes objetos de conhecimento, que, por sua vez, são organizados em unidades temáticas” (Brasil, 2018, p. 26). Nas unidades temáticas, principalmente na área da Matemática, a EF é proposta para a educação com conceitos básicos de economia e finanças, e nas demais áreas de conhecimento de forma interdisciplinar, a partir de reflexões sobre consumo, trabalho e dinheiro. Isso fica evidenciado no trecho abaixo:

Outro aspecto a ser considerado nesta unidade temática é o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, visando à educação financeira dos alunos. Assim, podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (rentabilidade e liquidez de um investimento) e impostos. Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro. É possível, por exemplo, desenvolver um projeto com a História, visando ao estudo do dinheiro e sua função na sociedade, da relação entre dinheiro e tempo, dos impostos em sociedades diversas, do consumo em diferentes momentos históricos, incluindo estratégias atuais de marketing. Essas questões, além de promover o desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos

alunos, podem se constituir em excelentes contextos para as aplicações dos conceitos da Matemática Financeira e também proporcionar contextos para ampliar e aprofundar esses conceitos (Brasil, 2018, p. 265).

Tomemos como exemplos algumas habilidades a serem desenvolvidas para o Ensino Fundamental, que se relacionam com a EF:

i) Habilidade da área de Matemática para o 4º ano: “Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável” (Brasil, 2018, p. 289);

ii) Habilidade da área de Matemática para o 5º ano: “Associar as representações 10%, 25%, 50%, 75% e 100%, para calcular porcentagens, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, em contextos de educação financeira” (Brasil, 2018, p. 291);

iii) Habilidade da área das Ciências da Natureza para o 5º ano: “Construir propostas coletivas para um consumo mais consciente e criar soluções tecnológicas para o descarte adequado e a reutilização ou reciclagem de materiais consumidos na escola e/ou na vida cotidiana” (Brasil, 2018, p. 337).

Esses e outros exemplos presentes na Base podem direcionar para a integração da temática da EF com a construção do pensamento crítico/reflexivo, desde que o trabalho seja encaminhado não apenas para um caráter mercadológico, mas mediado para questões de cidadania, ética e justiça social.

Para realizar uma investigação sobre a EFE em um documento curricular mais próximo da realidade da nossa pesquisa, debruçamo-nos também sobre o currículo de Pernambuco, que se fundamenta na BNCC. Esse Currículo deve ser o documento de referência para elaboração dos currículos municipais, das propostas pedagógicas e do Projeto Político-Pedagógico de todas as escolas das redes de ensino de Pernambuco. Segundo o documento, espera-se que o currículo colabore para mais avanços na Educação em Pernambuco e na formação de jovens autônomos, criativos e críticos, que exerçam plenamente sua cidadania ativa, valorizando o diálogo, a identidade social, política e econômica dos seus cidadãos. Uma de suas competências gerais diz respeito à defesa de ideias que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito

local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. Esses aspectos importantíssimos podem ser articulados à temática da EFE, em sua perspectiva crítica, e se relacionam diretamente com a consciência de decisões financeiras.

No documento, são apresentados temas transversais e integradores, consolidando a ideia de uma educação de qualidade social, fundamentada nos direitos humanos, no respeito à diversidade, à pluralidade de ideias, voltada para a formação cidadã. A EFE faz parte desses temas, como vemos no seguinte trecho, que faz parte do documento como um todo e não especificamente da EI, mas tomamos como importante também para esta etapa de escolarização:

**Educação para o Consumo e Educação Financeira e Fiscal** (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/2010) - Esses temas apontam para abordagens na escola que proporcionem ao estudante ter uma compreensão sobre finanças e economia, consumo responsável, processo de arrecadação financeira e a aplicação dos recursos recolhidos como também sua importância para o valor social dos tributos, procedência e destinação. De modo geral, essas abordagens devem possibilitar ao estudante analisar, fazer considerações fundamentadas, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam a sua vida pessoal, familiar e da realidade social e, por conseguinte, compreender a cidadania, a participação social, a importância sobre as questões tributárias, o orçamento público, seu controle, sua execução e sua transparência, bem como a preservação do patrimônio público (Pernambuco, 2019, p. 36, **grifo nosso**).

Compreendemos que uma das perspectivas que devem perpassar as discussões acerca da EFE, segundo o documento, está direcionada a aspectos relacionados ao consumo responsável e que possibilite ao indivíduo possuir uma posição crítica e reflexiva sobre suas escolhas financeiras. Apesar disso, o caráter mercadológico – com aspectos tributários e orçamentários – sobressai, o que não deveria ser tão enfatizado, diante de inúmeras possibilidades que a temática permite, envolvendo questões políticas, culturais, sociais e econômicas em suas discussões.

Em relação à EI, o documento é baseado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), principalmente no que se refere a seus princípios norteadores, a saber: estéticos, políticos e éticos. Estes últimos apontam para uma educação propiciadora de experiências que construam o respeito e a solidariedade ao próximo, com preocupação com o outro e com a preservação do ambiente em que

estamos inseridos, reflexões importantes que podem ser mediadas dentro da temática da EFE. Essa temática, como já foi argumentado ao longo desta dissertação, faz parte da realidade da criança desde muito cedo e precisa ser vivenciada dentro das instituições de ensino. Entretanto, assim como na BNCC, também no Currículo de Pernambuco a temática em questão não é sugerida desde a EI de forma evidente nos seus objetivos de aprendizagem. De fato, percebemos que o documento de PE enfatiza uma Educação Infantil com direitos a serem respeitados e vivenciados. Por que, então, não desenvolver temas transversais e integradores, assim como a EFE, desde a etapa da EI?

Segundo a BNCC, a EI é organizada em dois eixos estruturantes (interações e brincadeiras) que asseguram os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento (conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se) a serem alcançados durante as vivências das crianças nos campos de experiências estabelecidos. Esses direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo, em ambientes que as convidem para vivenciar desafios e para sentirem-se provocadas a resolvê-los, pelos quais possam construir significados sobre si, sobre o outro e sobre o mundo social e natural.

A EFE pode ser articulada e adaptada à faixa etária dos meninos e meninas da EI, permitindo que, nos seus desempenhos ativos, em situações contextualizadas e próximas às suas realidades, desde cedo, possam ser construídas aprendizagens sobre a temática. Ou seja: não é esperar a criança ficar crescida para tornar-se um sujeito hábil para pensar sobre algo que o cerca, ela já é competente para pensar e ir se construindo e aprendendo desde sempre. As vivências relacionadas à EFE poderão possibilitar às crianças, desde essa etapa inicial de escolarização, maior criticidade, reflexões e partilhas sobre a temática. A respeito da EFE na EI, Mendonça (2020) afirma que o trabalho deve adequar-se à criança e respeitar as especificidades da faixa etária, pautando-se por brincadeiras e vivências que a permitam construir o conhecimento de forma lúdica, mas que instiguem pensamento crítico, coletivo e a reflexão.

É nas interações e brincadeiras que estarão sendo tratados temas como desejo versus necessidade, o que realmente precisamos em determinadas situações para nosso bem-estar; o compartilhar, desenvolvendo a empatia e o cuidado com o próximo; o cuidado ambiental, trazendo reflexões sobre como nossas escolhas financeiras impactam o meio ambiente, permitindo discussões sobre questões ligadas à produção do lixo; ideias iniciais sobre como fazer um planejamento individual e coletivo; entre outros temas que estão ligados direta ou indiretamente a comportamentos financeiros, que vão muito além do poupar para gastar e permitem à criança desenvolver um pensamento crítico e ético, que traz significados e valores na construção do seu desenvolvimento como sujeito cultural, social e econômico.

Para que seja possível planejar vivências na EI que perpassem os dois eixos estruturantes preconizados pela BNCC (Brasil, 2018) – interações e brincadeiras – o planejamento deve ser feito com um olhar para o universo infantil, compreendendo as diferentes infâncias que o compõem, promovendo assim uma educação que tenha a criança como centro do currículo. Professores da EI devem estar atentos às oportunidades de trazer vivências para as crianças que contribuam para o desenvolvimento de reflexões sobre elementos que fazem parte de sua realidade. Por meio dos Campos de Experiência, que o mesmo documento traz para a EI, o professor poderá levantar questões pertinentes que promovam uma consciência crítica a respeito de temáticas financeiras, de forma lúdica, mas ao mesmo tempo reflexiva.

Por exemplo: No Campo O eu, o outro e o nós, segundo a BNCC (Brasil, 2018), as experiências oportuniza às crianças a ampliação do seu modo de perceber a si mesmas e ao outro, a valorização da sua identidade, o respeito aos outros e o reconhecimento das diferenças que nos constituem como seres humanos. As vivências podem envolver questões como o autocuidado e a empatia. O professor poderá promover e mediar vivências com algumas temáticas de EFE que permeiam essas questões, como, por exemplo, roda de conversa sobre desejo *versus* necessidade de determinados produtos em diferentes situações do nosso dia a dia; planejamento para realização de algum desejo pessoal ou coletivo; atividades de escolha em determinadas situações na rotina da EI; troca ou doação de brinquedos,

que pode levar à reflexão sobre o compartilhar e sobre a preservação ambiental, entre outros.

No Campo Corpo, gestos e movimentos, segundo a BNCC (Brasil, 2018), as experiências promovem oportunidades ricas para que as crianças possam explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons, mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo. As vivências relacionadas à EFE podem acontecer durante as brincadeiras de faz de conta, brincadeiras ao ar livre explorando o corpo, gestos e movimentos; podem envolver a dramatização – explorando questões relacionadas à vida financeira, como a simulação de uma feira, em que se explore não só o uso do dinheiro, mas a escolha de alimentos mais saudáveis –, brincadeiras ao ar livre – explorando o meio ambiente e sua relevância em nossa vida, e enfatizando a importância das brincadeiras com o corpo, que são tão importantes para a saúde física e mental e para o desenvolvimento da imaginação, elemento fundamental no desenvolvimento infantil. Tudo isso pode ser planejado sem a utilização necessariamente de um brinquedo industrializado, o que evitaria um custo financeiro para as famílias.

No Campo Traços, sons, cores e formas, segundo a BNCC (Brasil, 2018), as experiências na EI possibilita a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, vivências que destacam a autonomia, o protagonismo e a criatividade das crianças. Algumas vivências da EFE nesse Campo são: levar as crianças à compreensão de princípios financeiros da escolha de produtos; atividades que envolvam cuidados com o meio ambiente; confecção de brinquedos com materiais recicláveis para si mesmas ou para presentear alguém especial; confecção dos materiais para brincadeiras de faz de conta sugeridas no Campo anterior; descobrir como são confeccionados e quais materiais são utilizados em determinados produtos, relacionando-os também com questões ambientais, dentre outras.

No Campo Escuta, fala, pensamento e imaginação, segundo a BNCC (Brasil, 2018), as experiências oportuniza a fala e a escuta da criança, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação oral em

conversas, descrições, narrativas elaboradas individualmente ou no coletivo que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. Ainda segundo o documento, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer, pois isso contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura, o estímulo à imaginação e a ampliação do conhecimento de mundo. Vivências que podem envolver a EFE caminhará pelo diálogo e a investigação, na qual se analisem dados reais vivenciados pelas crianças. Por exemplo, conversas sobre o que é o dinheiro, de onde vem, para que serve, para a compreensão de uma economia doméstica, do que cada um pode contribuir para o orçamento da família, sem necessariamente usar este termo; conversas sobre a influência da mídia nas escolhas financeiras, de forma lúdica e adaptada à faixa etária; escolhas de objetos que podem ser levados para determinado passeio, ou seja, os objetos que são necessários e os que são supérfluos para serem levados e uma posterior argumentação em relação às escolhas; leituras mediadas de histórias e recontos de forma livre e criativa sobre a temática, entre outras vivências.

E, por fim, no Campo Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, segundo a BNCC (Brasil, 2018), as experiências possibilitam vivências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. As instituições devem criar oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. Em relação à EFE, as vivências possibilitará o protagonismo, a autonomia, a curiosidade, a investigação por parte da criança, para compreender a origem do dinheiro, refletir sobre o que é supérfluo e/ou essencial, discutir questões relacionadas ao impacto das escolhas financeiras no meio ambiente, vivenciar princípios financeiros em brincadeiras diversas. Uma dessas brincadeiras é o Baú dos Desejos e das Necessidades, na qual a criança, por meio da categorização de diversos itens em supérfluo ou essencial, de acordo com um determinado contexto, pode expressar como compreende essa diferença. Outras brincadeiras podem ser criadas, como as que envolvem os cinco “erres” (5R): repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar, as quais promovem aprendizagens

sobre o excesso de produção do lixo no meio ambiente e o uso inadequado dos recursos do planeta, que estão ligados às escolhas financeiras.

Esses exemplos são apenas algumas sugestões que podem ser levantadas durante a rotina na Educação Infantil, e que permitem ao professor extrapolar uma Educação Financeira com um significado apenas mercadológico, rompendo esse paradigma por meio de uma perspectiva mais crítica e voltada para a formação da cidadania, que compreende direitos e deveres em sociedade.

Contudo, para que as crianças dessa etapa da Educação Básica vivenciem essas experiências de maneira significativa, o professor deve estar preparado para conduzi-las. É no processo formativo continuado que, na maioria das vezes, o professor encontra subsídios para seu desempenho nos ambientes de aprendizagem, principalmente diante de temáticas recentes como a discutida neste estudo. Na seção a seguir, discorreremos a respeito dessa formação.

## 2.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (DCNEIs), em sua Resolução nº 5/2009, a EI é a primeira etapa da Educação Básica, e é dever do Estado garantir sua oferta gratuita e de qualidade a crianças entre zero e cinco anos de idade (Brasil, 2009). Sobre a criança dessa etapa da educação, a mesma Resolução, em seu Artigo 4º, a caracteriza como um sujeito histórico e de direitos, que constrói sua identidade pessoal e coletiva nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia. Então, a criança como sujeito em construção precisa ser o centro das vivências na EI, por meio do cuidado associado ao educar por parte dos profissionais responsáveis em propiciar essas experiências de trocas entre os sujeitos. E é por meio da aquisição de novos saberes que o docente mediará essas vivências de forma eficiente na construção identitária desse sujeito social.

Como centro do currículo, a criança deve ser ouvida e respeitada em suas especificidades. “Organizar um planejamento na educação infantil exige escutar as crianças para que ele seja uma construção conjunta, organizado a partir e com elas,

e não simplesmente para elas” (Cancian; Goelzer, 2016, p. 167). Escutar a criança é colocá-la de fato como protagonista das experiências e vivências nos ambientes de aprendizagem; é torná-la pertencente ao processo de aprendizagem; é romper com modelos engessados, muitas vezes direcionados às expectativas dos adultos, caracterizados como detentores de saberes, sobrepondo os seus saberes aos das crianças.

Cancian e Goelzer (2016) ainda enfatizam a importância de escutar as crianças, de dar a esses meninos e meninas a oportunidade de expressarem-se nas suas diversas formas e de construir nas relações com seus pares uma perspectiva de criação de uma cultura da infância. Em outras palavras, o professor deve ouvi-las, respeitá-las e mediar caminhos e possibilidades por meio dessa escuta para que elas próprias se reconheçam como sujeitos históricos e de direitos, que pensam e dialogam sobre assuntos que estão dentro das vivências de suas infâncias.

Nas DCNEIs, observamos os princípios que norteiam a EI, e nos deparamos com alguns princípios importantes que podem direcionar olhares preciosos para as temáticas que fazem parte das diferentes infâncias, como a da EFE em sua perspectiva crítica e reflexiva, valorizando a criança como um sujeito que pensa e reflete sobre suas atitudes no contexto financeiro em que está inserida. O primeiro princípio, do ponto de vista ético, é que as crianças precisam desenvolver autonomia, responsabilidade, solidariedade e respeito ao bem comum e ao meio ambiente. O segundo princípio está ligado a questões políticas, que devem assegurar à criança direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Esses aspectos são fundamentais e contribuem para educar o olhar e perceber as consequências das escolhas financeiras, não só sobre nossa vida, individualmente, mas sobre a vida do outro e do meio ambiente, ou seja, como as escolhas podem contribuir (ou não) para ajudar a família, o bairro onde residimos, a escola em que vivenciamos várias relações, e a preservação do nosso planeta.

Ainda com o olhar nas DCNEIs, direcionando-o agora para as propostas pedagógicas que devem ser desenvolvidas na EI, o documento orienta que se devem oferecer condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais. Destacamos mais uma vez o potencial da EFE crítica para

desenvolver noções de cidadania nas pessoas, assim como bem pontuado por Chiarello e Bernardi (2015). As DCNEIs defendem ainda que a proposta pedagógica possibilite construir novas formas de sociabilidade e de subjetividade, comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária e socioeconômica. Isso corrobora os princípios mencionados no parágrafo anterior e que podem ser articulados com a temática da EFE.

Do ponto de vista do currículo, o documento defende que ele deve perpassar pelas experiências das crianças e pelo conhecimento construído sobre o mundo, promovendo a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais. Esses conhecimentos são pensados e discutidos na perspectiva crítica da EFE, que prioriza a sustentabilidade e preservação do planeta, fonte de recursos naturais indispensáveis para a sobrevivência.

A Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil reconhece essa etapa da educação como fundamental para a construção subjetiva da criança. O ensino na EI deve estar vinculado diretamente ao protagonismo da criança, com sua singularidade, respeitando cada ritmo e sua habilidade produtora de conhecimento, como defende Oliveira (2012, p. 27):

Cada criança tem um ritmo e uma forma própria de desenvolvimento construídos a partir de suas experiências cotidianas com adultos e com outras crianças. Ela elabora um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia desde o nascimento, conforme experimenta sensações de desconforto de incerteza diante de aspectos novos que lhe geram necessidades e desejos, lhe exigem novas respostas. Assim busca compreender o mundo e a si mesma, testando de alguma forma as significações que constrói, modificando-as continuamente em cada interação, seja com outro ser humano seja com os objetos.

Para que as especificidades sejam respeitadas e o processo educativo alcance um desenvolvimento cognitivo e social do aprendiz, propiciando um caminho de construção de significados para ele, do seu eu, do outro e do ambiente em que vive, os direitos de aprendizagem para essa etapa devem nortear a prática dos professores. A realização do currículo para EI perpassa pela organização da rotina, do espaço e pela preparação do profissional que irá conduzir essas vivências.

Os ambientes de aprendizagem da Educação Infantil estão além da sala de aula. Os espaços que os constituem – biblioteca, pátio, parquinho, refeitório, banheiro, entre outros – são indissociáveis para que a criança possa explorar e vivenciar momentos preciosos de muita construção, criatividade e aprendizagens indispensáveis para seu pleno desenvolvimento motor, social, afetivo e cognitivo. Segundo Pessoa (2015), o espaço para a criança engloba muito mais que a dimensão física, um volume ou uma caixa. O espaço é algo vivo. Saber utilizá-lo corretamente em uma rotina coerente e intencional faz parte do planejamento do professor, nessa etapa. Temáticas importantes, como a EFE crítica, devem fazer parte da exploração nesses espaços que permitem construções pelas crianças. Por exemplo: o refeitório é um lugar de autonomia, de escolha, de novas experiências na EI. Relacionar as escolhas dos alimentos mais saudáveis ao seu estado mais natural, em comparação com os alimentos industrializados, geralmente de custo mais elevado, pode gerar boas reflexões sobre a EF. Outra discussão pode ser relacionar a escolha da quantidade suficiente de alimentos que sacia com o desperdício, que gera muito lixo e agride o meio ambiente em vários aspectos. Ou seja, discussões durante a rotina da EI, de maneira leve e lúdica, podem contribuir para o pensar no eu, no outro e no nós, nessa etapa da Educação Básica tão preciosa para o desenvolvimento integral do sujeito.

O professor é o condutor indispensável para a construção e formação do sujeito, que traz consigo sua realidade, confrontando, associando e aprendendo com as novas possibilidades que lhe são oferecidas. Segundo DeVries e Zan (1998), desde pequena a criança deve experimentar situações que promovam certa descentralização, para a percepção dos sentimentos e bem-estar do outro, levando a sentimentos e intenções morais, que vão muito além de comportamentos, o que configura uma formação que possa levar à reflexão das suas tomadas de decisões sobre ele mesmo e o outro. Essa forma de conduzir vai depender muito da intencionalidade pedagógica que o profissional traz aos ambientes de aprendizagem. A respeito dessa intencionalidade, a BNCC aponta:

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a

produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas (Brasil, 2018, p. 35).

O papel do professor da EI é facilitar a aprendizagem das crianças de forma acolhedora e facilitadora, para que aprendam com suas próprias experiências. Por meio da intencionalidade que está por trás das ações desse profissional, ele deverá despertar nos meninos e meninas a curiosidade para conhecimentos sobre eles mesmos, suas características, suas escolhas e também sobre o outro e sobre o que está a sua volta. E para que isso ocorra, o educador deve estar preparado com um repertório que envolve diferentes linguagens e conteúdos de forma lúdica, leve e fluida, em um ambiente seguro e afetivo, onde o cuidar e o educar ajam de forma integrada com as intervenções pedagógicas. “O professor vem a possibilitar aos educandos alternativas teóricas e práticas que os levam a conhecer valores do que é bom, do que é ruim, do que é certo, do que é errado, ou seja, indicando valores sociais e culturais adquiridos, por meio de suas próprias posturas” (Oliveira *et al.*, 2021, p. 13).

A depender da intencionalidade prática do educador, reflexões que vão além do currículo básico podem ser articuladas e inseridas na rotina da Educação Infantil, como, por exemplo, a inserção da EF aos objetivos de aprendizagem, vivenciada no desenvolvimento dos Campos de Experiências. Para que isso ocorra, a preparação desse profissional é essencial, para um trabalho estruturado e com foco na mediação, para a possibilidade de iniciar uma compreensão de maneira crítica, ética e reflexiva sobre aspectos do universo financeiro. A formação continuada é um caminho muito importante para a aquisição de conhecimentos sobre temáticas como essa, concedendo aos profissionais da Educação habilidades importantes, que podem auxiliar as crianças a trilharem percursos educacionais ainda mais significativos.

Segundo Cancian (2016), a formação continuada de professores da EI não se faz ao reunir os professores apenas para assistir a palestras ou para trabalhar temas como autoajuda e motivação. É necessário ir além, propondo, para que os docentes se apoderem do que foi trabalhado e estudado, para que haja rupturas de práticas cristalizadas, repetitivas e mecânicas, instituídas ao longo dos anos na Educação

Infantil. A autora também enfatiza a importância do contexto em que esse professor está inserido, ou seja, no exercício da profissão, fortalecendo os sujeitos nos espaços institucionais. Portanto, compreendemos que a formação continuada deve envolver momentos de fala, de reflexões e construções coletivas claras e coerentes, nos quais formadores e formandos dialoguem e compartilhem diferentes experiências das práticas pedagógicas vivenciadas por ambos, em diferentes contextos e realidades. Entendemos que o processo de formação ocorre tanto entre formador e formandos como, talvez principalmente, entre os próprios formandos.

Segundo Chiarello (2014), entender a necessidade da formação continuada para o professor é compreender um processo permanente, integrado ao cotidiano dos ambientes de aprendizagem, objetivando formar um cidadão crítico com propriedade para enfrentar de forma consistente as problemáticas sociais. Logo, a formação do professor é importantíssima para propiciar a esse profissional da EI uma melhor qualificação através de reflexões de conteúdos emergentes e desafiadores encontrados na demanda social que perpassa a vida das crianças. Cancian e Goelzer (2016) discorrem sobre uma preocupação que se verifica em muitas formações, a respeito do que vai ser construído pelo professor para as crianças, a exemplo de cartazes, fotocópias, jogos etc. Nessas formações, esquece-se de enfatizar a organização dos espaços, tempos, recursos para que as próprias crianças tenham a possibilidade de construir, criar, inventar, como protagonistas de várias construções. É necessário que os docentes repensem suas ações no cotidiano da EI, para que de fato possam desenvolver uma prática pedagógica que respeite a criança e a tenha como centralidade do processo de aprendizagem.

Compreendemos que a presença da EFE deve estar inserida no repertório dos professores da EI, pois permitirá a construção de uma consciência crítica e reflexiva diante de situações reais que envolvam a temática. A compreensão do professor, de inserir nas práticas pedagógicas situações de escolhas, de acordo com as especificidades dessa etapa de escolarização, em que as crianças possam refletir sobre o desejo e a necessidade, sobre o cuidado com o outro e o ambiente em que vivem são alguns pontos que perpassam a EFE na formação desses professores. Acerca disso, Oliveira e Stein (2015, p. 13) afirmam:

Entendemos que é necessário que os professores tenham, em sua formação, condições mínimas de iniciarem uma alfabetização financeira e que assumam eles próprios a tarefa de agregar em sua formação conhecimentos e aplicação que facilitem o desenvolvimento de práticas financeiras conscientes.

O desenvolvimento pedagógico da temática em questão na formação desses profissionais deve fomentar uma prática respeitosa, com afeto e atenção a cada especificidade, em um contexto coletivo. Sendo assim, esse professor é um mediador que facilita a construção do conhecimento, o que culminará na formação ética e social do sujeito, de forma consciente e crítica diante de suas escolhas financeiras.

Ainda sobre a inserção da EFE em perspectiva crítica na formação continuada de professores, Chiarello (2014) pontua que é desejável uma formação prudente, encarada como um processo permanente e integrado aos ambientes de aprendizagem, sendo de suma importância que o objetivo central desse educador se mova na direção de formar um cidadão que esteja preparado para trabalhar no mundo atual, que seja crítico em relação ao universo em que vive, que tenha condições de formar sua opinião ao ter acesso a fatos econômicos e que seja preparado para enfrentar o desconhecido, de criar o novo e, principalmente, de se tornar hábil.

Essa discussão acentua a nossa compreensão de que a formação continuada sobre a EFE é importante e bastante relevante para o repertório desse profissional, permitindo que ele se torne preparado para desenvolver vivências na EI que levantem aspectos sociais, éticos, filosóficos e culturais sobre Educação Financeira, presentes no dia a dia das crianças e que fazem parte da sua construção como cidadão, possibilitando um movimento de aprendizagem da realidade da criança para a própria criança, permitindo que ela seja autônoma nesse processo.

Após discussões iniciais sobre EF, EFE e a formação continuada de professores da EI, apresentamos na próxima seção o referencial teórico que respalda nossas concepções a respeito de uma EF crítica, que contribuem para a formação ética e social das crianças nos ambientes de aprendizagem.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Na presente seção, apresentamos nosso referencial teórico, a Educação Matemática Crítica (EMC), segundo seu maior expoente, Ole Skovsmose. É essa a teoria que embasa nosso estudo e nossa análise dos dados coletados, para as reflexões que fazemos ao longo do trabalho e que nos levaram às considerações finais apresentadas.

#### 3.1 EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA (EMC)

A teoria que fundamenta nossos estudos é a Educação Matemática Crítica (EMC), cujo maior expoente é o dinamarquês que vive e trabalha no Brasil, Ole Skovsmose. Apesar de a nossa pesquisa ser realizada na etapa da Educação Infantil – na qual, segundo a BNCC (Brasil, 2018), as crianças aprendem com as vivências e experiências, e não por áreas como nas outras etapas da Educação Básica –, a escolha de uma teoria consistente se torna relevante e necessária para fundamentar as nossas discussões.

A EMC apresenta uma educação preocupada com o desenvolvimento crítico/social do aluno como agente na construção do conhecimento, o que para nós é uma perspectiva importante para as práticas pedagógicas da Educação Financeira desde o início da vida escolar. Assim, mesmo que a teoria seja relacionada à área da Matemática, sua essência defende a necessidade do diálogo, da justiça social, do enfoque em aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, do papel ativo do estudante na produção do seu conhecimento e do empoderamento que o conhecimento lhe confere. Consideramos que esses aspectos podem ser trabalhados desde a EI, mesmo que não exatamente relacionados a conteúdos formais ou formalizados.

A EMC relaciona o ensino da Matemática ao contexto em que o aluno está inserido, trazendo as diversas possibilidades presentes na vida de cada estudante. Com isso, permite e desenvolve o protagonismo do aluno na relação entre ensino e aprendizagem. Skovsmose (2014) traz a ideia da Matemática em ação, que contribui

para conformar nosso mundo-vida, pois ela está presente nas diversas áreas da sociedade, em todos os tipos de atividade humana. Diante disso, ela gera uma reflexão sobre a responsabilidade social que cada um de nós tem e que deve ser posta em prática para uma sociedade mais justa.

O autor traz a concepção sociopolítica de uma Educação Matemática que potencializa os alunos a serem cidadãos críticos. Segundo ele, quando a Educação Matemática causa impacto de ordem social e política, promove uma visão de mundo diferenciada. O aspecto potencializador desse entendimento de ensino é evidenciado quando perpassa pela compreensão dos discentes dos diversos contextos sociopolíticos e suas problemáticas, permitindo reflexões e criticidade que apontam para uma justiça social. Sobre esse pensamento, Silva *et al.* (2017) referem-se à justiça social nas diferenças na perspectiva da igualdade de condições na sociedade, imbricada com o campo da educação e do desenvolvimento científico, fundamental para o avanço das políticas públicas, minimizando o impacto das origens sociais no desempenho escolar e social.

Esse tipo de ensino que a EMC propõe vai muito além do ensino tradicional, que foca primordialmente em exercícios. Ele permite as pessoas vivenciarem uma matemática viva, que incita a criatividade e reflexões importantes diante de problemas reais e urgentes. Um exemplo interessante sobre essas reflexões, que Skovsmose (2014) traz em seu livro, é o de um trabalho com adolescentes entre 14 e 15 anos, que participaram de um projeto intitulado “Energia”. Esse projeto tinha como objetivo inicial conscientizar os estudantes sobre algumas questões socioeconômicas, aplicar e desenvolver conceitos matemáticos na resolução de problemas. Trabalhava com modelos de consumo e geração de energia e, durante todo o processo, os adolescentes tiveram contato com conceitos matemáticos que os levaram a construções relacionadas a consumo e gastos de energia.

Inicialmente, para compreenderem de uma forma mais simples essa relação, os estudantes foram convidados a tomarem um café da manhã, momento em que calculavam o ganho de energia do seu corpo. Em seguida, mensuraram a perda de energia em uma atividade física. Depois, de uma forma macro, calcularam a energia produzida por uma fazenda rural: obtiveram dados reais, com o intuito de estimar

quanto de combustível gastava-se por ano em uma lavoura e a quantidade de cevada que era produzida por ela. Por fim, estenderam os cálculos de consumo à pecuária de corte e relacionaram a quantidade de energia consumida com a produção de carne. Os adolescentes obtiveram resultados semelhantes aos oficiais. O projeto mostrou-se muito relevante e eficiente na construção do conhecimento dos alunos participantes, pois, segundo o estudo, a partir de um caso particular obtiveram um entendimento mais abrangente que contribuiu para discussões posteriores sobre produção agrícola, uso racional de fontes energéticas e combate à fome em uma economia globalizada. Skovsmose ressalta que o projeto é um exemplo de como a Educação Matemática pode potencializar o conhecimento das pessoas e desenvolver uma cidadania crítica.

Percebemos que trazer o contexto, a realidade econômica, política e social para a educação, seja ela matemática ou financeira, faz toda a diferença para ampliar o leque de possibilidades que levará a criança a pensar, a refletir sobre quais são as melhores atitudes a serem tomadas nas esferas micro e macro que suas escolhas podem alcançar.

Segundo Skovsmose (2014), uma das preocupações da EMC é reconhecer a diversidade de condições nas quais o ensino e a aprendizagem de Matemática acontecem pelo mundo, ou seja, é romper com os discursos simplistas que generalizam e encaixotam o ensino em padrões não reais e obsoletos. A relação ensino-aprendizagem dentro dos ambientes de aprendizagem deve ser baseada no olhar singular que cada sujeito possui. Com esse ponto de partida, o professor deve direcionar sua intencionalidade pedagógica para uma construção coletiva, priorizando o protagonismo do estudante.

Para que de fato isso seja algo vivenciado nos ambientes de aprendizagem, as reflexões sobre EMC trazem um desafio ao professor, de sair do paradigma da lista de exercícios tradicionais, com respostas prontas e engessadas, e apresentar aos alunos ambientes de aprendizagem que possam gerar cenários para investigação, que levarão a diversas possibilidades de entendimento. Sobre esse ponto importante, Skovsmose (2014, p. 51) pontua:

Um cenário para investigação é um terreno sobre o qual as atividades de ensino-aprendizagem acontecem. Ao contrário da bateria de exercícios tão característica do ensino tradicional de matemática, que se apresenta como

uma estrada segura e previsível sobre o terreno, as trilhas dos cenários para investigação não são tão bem demarcadas. Há diversos modos de explorar o terreno e suas trilhas. Há momentos de prosseguir com vagar e cautela, e outros de se atirar loucamente e ver o que acontece.

Conduzir práticas de ensino para a promoção de uma educação que permita uma criticidade por parte das pessoas sobre diversos assuntos não é uma tarefa fácil, mas é algo necessário e ético que o professor deve levar em consideração desde os primeiros anos da Educação Básica. Saber mediar esses momentos de forma clara e objetiva é uma tarefa que promove interação, diálogo, investigação e muito aprendizado.

Para um melhor entendimento sobre os diferentes ambientes de aprendizagem, Skovsmose (2000), em seu artigo intitulado “Cenários para investigação”, aborda a EMC como suporte no desenvolvimento da democracia, que deve existir dentro do que ele chama de microssociedades de salas de aulas de Matemática. Ele traz um movimento entre os diferentes ambientes de aprendizagem que parte da referência à Matemática pura para a referência à vida real. A referência ligada à Matemática pura se relaciona unicamente a aspectos matemáticos. Existe também o tipo de referência ligada à semirrealidade, ou seja, uma realidade construída, inventada geralmente para fins didáticos. E na referência ligada à vida real professores e alunos partilham de reflexões que estão ligadas à sua realidade.

O autor destaca que, nos ambientes de aprendizagem, além das referências à Matemática pura, à semirrealidade e à vida real, há dois tipos de paradigmas, o do exercício e o dos cenários para investigação. Dentro desses ambientes existe, segundo Skovsmose, um contrato didático entre professor e alunos, que traz a harmonia do que vai ser e de como vai ser ministrado o conteúdo pelo professor, e como esse ensino vai ser recebido pelos alunos, ou seja, eles compartilham a compreensão e aceitação das prioridades do ambiente de aprendizagem. O autor ressalta que esse contrato pode ser quebrado a qualquer momento, quando o professor sai da zona de conforto, ou seja, sai do paradigma de exercícios ligados unicamente à Matemática pura e vai para a zona de risco, na qual os alunos são convidados a refletirem criticamente sobre o que está sendo proposto e o professor

não tem domínio sobre quais questões irão aparecer. A esse tipo de ambiente convidativo à reflexão o autor denomina de cenário para investigação.

Nos cenários para investigação, professor e alunos têm autonomia intelectual para refletirem sobre questões que envolvem referências à realidade econômica, social e política na qual estão inseridos. Nesse tipo de ambiente, o aluno é protagonista na construção do seu conhecimento, o que contribui para uma consciência cidadã crítica e responsável. Nas palavras de Skovsmose (2000, p. 6):

Um cenário para investigação é aquele que convida os alunos a formularem questões e procurarem explicações. O convite é simbolizado pelo “O que acontece se ... T” do professor. O aceite dos alunos ao convite é simbolizado por seus “Sim, o que acontece se ... T”. Dessa forma, os alunos se envolvem no processo de exploração. O “Por que isto...?” do professor representa um desafio e os “Sim, por que isto... T” dos alunos indica que eles estão encarando o desafio e que estão procurando explicações. Quando os alunos assumem o processo de exploração e explicação, o cenário para investigação passa a constituir um novo ambiente de aprendizagem.

Para explicar as diferenças entre os ambientes de aprendizagem, Skovsmose apresenta uma matriz com seis tipos de ambientes de aprendizagem, os quais são apresentados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Ambientes de aprendizagem segundo Skovsmose (2014)

|                                 | <b>Exercícios</b> | <b>Cenário para investigação</b> |
|---------------------------------|-------------------|----------------------------------|
| Referência à Matemática pura    | (1)               | (2)                              |
| Referência a uma semirrealidade | (3)               | (4)                              |
| Referências à vida real         | (5)               | (6)                              |

Fonte: Skovsmose (2014, p. 54).

Como apresentado no quadro acima, o ambiente (1) **apresenta o paradigma de exercícios**, com referência à Matemática pura, ou seja, são aqueles exercícios com respostas prontas e controladas pelo professor. O ambiente (2) apresenta também a referência da Matemática pura, mas compõe **o cenário para investigação**, pois nesse tipo de ambiente pode haver diálogo e maiores reflexões para a resolução das atividades apresentadas. O ambiente (3) é configurado por Skovsmose como aquele que tem sua referência na semirrealidade e que desenvolve o modelo do exercício em seu ensino, ou seja, são propostas atividades com realidades fictícias e com respostas prontas e controladas pelo professor. No ambiente (4), a referência utilizada também é a semirrealidade, mas configura **cenário para investigação**, pois

as atividades levam o estudante a questionar e refletir sobre o que está sendo estudado, além de agir sobre as propostas. O ambiente (5) é composto por atividades propostas no **paradigma do exercício** com sua referência à vida real do aluno, ou seja, atividades que usam exemplos reais, que podem estar relacionados ao modo como os estudantes vivem e se relacionam para resolverem as atividades apresentadas. E, por fim, o ambiente (6) é aquele que tem sua referência à vida real do aluno e que desenvolve **um cenário para investigação**, proporcionando oportunidades para que os alunos levantem diferentes significados a partir de uma indagação inicial. É um ambiente mediado pelos próprios alunos e pelo professor durante o processo, e se compõe de ação, diálogo e reflexão.

Skovsmose ressalta que a distinção entre os ambientes de aprendizagem pode ser representada por uma linha tênue, ou seja, os ambientes não se separam por linhas rígidas, que não possam se entrelaçar ou até mesmo a partir de um tipo de ambiente se chegar a outro ambiente de aprendizagem. Tudo vai depender de como o professor irá mediar o processo e como o aluno também responde ao convite que recebe. Skovsmose (2000, p. 13) explica:

Não pretendo defender que o ambiente (6) seja a única alternativa ao paradigma do exercício. De fato, não quero sugerir que um ambiente de aprendizagem particular representa o objectivo último para a educação matemática, crítica ou não. Sustento que a educação matemática deve mover-se entre os diferentes ambientes tal como apresentado na matriz. É importante que os alunos e professores, juntos, achem seus percursos entre os diferentes ambientes de aprendizagem. A rota “ótima” não pode ser determinada apressadamente, mas tem que ser decidida pelos alunos e pelo professor.

É notória a diferença existente entre os tipos de reflexões que cada ambiente de aprendizagem permite ao aluno. Saber o momento certo e a forma correta de utilizar cada tipo é importantíssimo para abrir espaço para a intencionalidade de aprendizado que cada pessoa possui. Uma Educação Matemática Crítica, assim como sugere Skovsmose, levará sempre o aluno a um caminho de significados e ressignificados em relação à sua postura ética e social, diante de situações que confrontam o seu eu e o seu modo de representatividade no mundo.

### 3.2 POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A EMC E A EDUCAÇÃO INFANTIL (EI)

Para a EI, as perspectivas da EMC, segundo o seu maior representante, Skovsmose (2014), corroboram o posicionamento da criança como protagonista na obtenção do conhecimento, por meio de suas considerações a respeito do seu entorno. Esse posicionamento também é o que está proposto nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (DCNEI), em sua Resolução nº 5/2009, no Artigo 4º, que caracteriza a criança dessa etapa de ensino como um sujeito histórico e de direitos, que constrói sua identidade pessoal e coletiva nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia. É nas vivências com situações reais que as crianças aprendem e desenvolvem habilidades essenciais para sua vida em sociedade.

Os processos investigativos que são apontados pela EMC como relevantes e importantes para a obtenção de conhecimentos que trazem significados se constroem em sintonia com processos dialógicos, tão essenciais para as reflexões. Como já mencionado anteriormente, a BNCC (Brasil, 2018) para a EI traz as interações e brincadeiras como os dois eixos centrais para o currículo, nessa etapa de ensino. O diálogo é de fundamental importância para que haja as interações necessárias para o desenvolvimento dos meninos e meninas. As crianças na EI, assim como nas outras etapas, devem ser ouvidas e entendidas em suas singularidades, para uma mediação com uma intencionalidade prática que permita o desenvolvimento cognitivo e social delas.

A brincadeira é muito importante nessa etapa da Educação Básica, pois permite à criança fazer descobertas sobre ela mesma, sobre o outro e sobre o ambiente onde está inserida, propiciando vivências das diferentes infâncias, por meio da curiosidade e da imaginação. Com isso, a criança consegue levantar várias hipóteses sobre o que acontece ao seu redor. Essa perspectiva de um olhar investigativo que as experiências e vivências propõem nos ambientes de aprendizagem dialoga com a teoria de Skovsmose (2000) sobre os ambientes de aprendizagem, especialmente sobre os cenários para investigação que, diferentemente de um ambiente composto por exercícios com respostas prontas, promovem a criticidade e o desenvolvimento de um olhar investigativo na criança, para diversos temas do seu interesse.

A BNCC traz a concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores, e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social. Essa concepção se coaduna com a teoria da EMC, quando esta defende a autonomia do sujeito como ser ativo no processo de obtenção, assimilação e apropriação do conhecimento.

Mendonça (2020) faz uma relação entre os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000) e as práticas pedagógicas na EI. A autora nomeia seis aspectos que compõem os ambientes de aprendizagem e que se relacionam aos cenários para investigação: a) protagonismo das crianças; b) diálogo; c) interação; d) reflexão; e) investigação; e f) criticidade.

Esses aspectos sistematizados por Mendonça (2020) estão presentes na teoria e são apontados nos documentos para a EI, principalmente os que se referem aos princípios éticos e políticos, como nas DCNEI, que, como destacamos no capítulo anterior, defendem que a criança é um ser pensante, que questiona, reflete e se posiciona diante das suas relações em sociedade. Quando a ação pedagógica do professor coloca a criança no centro do processo de aprendizagem, ela permite o protagonismo da criança nessa relação de aprendizado, possibilitando a reflexão, a investigação e a criticidade que ocorrem por meio do diálogo, das brincadeiras e das interações. Esses aspectos elencados também norteiam as nossas reflexões durante a partilha de conhecimentos com os sujeitos participantes da presente pesquisa.

A EF faz parte das temáticas que devem estar inseridas nas experiências para EI, no panorama crítico e reflexivo, pois faz parte do universo infantil na medida em que os aspectos do consumismo envolvem as crianças desde cedo, por meio das primeiras relações com a sociedade capitalista na qual vivemos. Refletir, questionar, investigar para uma heurística no âmbito financeiro desde cedo é muito relevante para a constituição da ética e da responsabilidade sobre decisões financeiras conscientes para toda a vida.

Na próxima seção, tecemos comentários sobre estudos que trabalharam com a EF na EI e na formação continuada dos profissionais da EI, etapa de escolarização para a qual focamos o olhar na nossa pesquisa.

## 4 ESTUDOS ANTECEDENTES

Na presente seção, apresentamos alguns estudos antecedentes sobre a EFE na EI, destacando os principais achados e conclusões para essa etapa da Educação Básica. Apresentamos, ademais, estudos antecedentes sobre a EFE na formação de professores, apontando a relevância da temática na formação de docentes para o trabalho com seus estudantes e crianças.

### 4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A seguir, apresentamos três trabalhos que investigaram acerca da EFE na EI, e discutimos sobre alguns pontos que nos parecem relevantes. Esses trabalhos foram selecionados porque integram as pesquisas que encontramos em nossas buscas por especificação sobre a temática da EFE nessa etapa da Educação Básica. Os estudos escolhidos trouxeram importantes contribuições para a nossa pesquisa, tanto de forma geral – para o desenvolvimento da temática na rotina da EI – quanto de forma específica, pelas particularidades dos olhares, que contribuem com possíveis práticas, vivências e análise de materiais sobre a temática, além das reflexões e sugestões apontadas para novos estudos.

Sobre possíveis práticas e vivências, Silva (2016, p. 1057), no estudo intitulado “Educação Financeira como prática pedagógica na Educação Infantil”, objetivou:

Analisar a importância das práticas pedagógicas de Educação Financeira desenvolvidas no âmbito escolar e familiar de crianças de 4 a 5 anos de idade da EMEI Jardim das Palmeiras, localizada no município de Sinop, estado de Mato Grosso.

A pesquisa foi realizada para obtenção de dados para seu Trabalho de Conclusão de Curso, e suas reflexões realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Como atividade do PIBID e querendo trabalhar a importância da Educação Financeira na Educação Infantil, a autora desenvolveu um projeto intitulado “Aprendendo a usar o dinheiro”, que teve a duração de dois meses e foi realizado em dez encontros com crianças de 4 e 5 anos de idade.

No transcorrer do projeto, a pesquisadora se deparou com a dificuldade dos pais em refletirem sobre o uso do dinheiro com os seus filhos, os quais acabavam demonstrando carência de educação financeira. A autora pontua a importância de os profissionais da Educação obterem conhecimentos a respeito da temática, para desenvolverem um trabalho que contribua para mudar a realidade do consumismo nas crianças, desde a primeira infância, e para elas se tornarem cidadãos conscientes diante de suas finanças.

O desenvolvimento do projeto foi realizado com os meninos e meninas, por meio de leituras de textos, contação de histórias, vídeos, realização de dinâmicas, conversas informais sobre as experiências do dia a dia, confecção de brinquedos e cartazes, e a criação de um mercadinho, objetivando promover aprendizado teórico e prático sobre a EFE. A autora destaca que as crianças, mesmo de uma faixa etária que é considerada tão jovem, conseguem aprender noções básicas de EF, de forma lúdica e inseridas em sua realidade.

Outro estudo relevante, que trouxe contribuições para as reflexões da nossa pesquisa, é a dissertação de mestrado de Mendonça (2020), intitulada “Educação Financeira Escolar na Educação Infantil: análise das atividades de material utilizado na Rede Municipal de Ensino do Recife”. Esse estudo teve como objetivo “analisar como é proposto o trabalho com Educação Financeira Escolar nas atividades dos materiais disponibilizados a professores, famílias e crianças da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino do Recife” (Mendonça, 2020, p. 27).

A pesquisa corrobora nossas ideias de que as crianças que estão na etapa da EI podem e devem ser inseridas nas reflexões que a EFE proporciona, desde que realizadas de forma que essas crianças venham a compreender o que está sendo mediado pelos professores. Nas palavras de Mendonça (2020, p. 25):

Ao entendermos que as crianças na EI podem experienciar a EFE, defendemos que este processo seja pautado em experiências, vivências e momentos que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagens e desenvolvimento. Desta maneira, ponderamos que crianças a partir dos três anos já podem vivenciar o processo de EFE, porém de modo lúdico com cantigas, brincadeiras, momentos de escolhas e breves diálogos.

O estudo ressalta que o processo educativo sobre a temática, desde muito cedo, perpassa por diálogos que vão muito além do simples uso do dinheiro. Deve-se

trabalhar na perspectiva de que nossas escolhas financeiras estão inteiramente ligadas ao nosso bem-estar, ao bem-estar do outro e aos impactos que elas causam no ambiente no qual estamos inseridos. Assim, educar financeiramente as crianças da EI é olhar para o futuro e ver uma sociedade mais crítica e preocupada com o contentamento do coletivo. Mendonça (2020, p. 34) acrescenta:

Pensamos ainda que uma vida financeira saudável e equilibrada, pautada na análise e tomada de decisões críticas por indivíduos e famílias, pode ter como contribuição um processo educativo que deve começar na mais tenra infância, ainda que não seja diretamente lidando com cédulas e moedas, compras, juros ou investimentos, mas a reflexão sobre escolhas, pequenos planejamentos, organizar suas coisas, dialogar sobre necessidades e desejos, dialogar sobre o dinheiro e seu uso, refletir sobre as influências da mídia e das propagandas nas nossas escolas e sobre o impacto das nossas compras e da nossa consequente produção de lixo no meio ambiente, são comportamentos e ações que as crianças de quatro e cinco anos já podem vivenciar e que já embasam um processo de EFE.

A pesquisa de Mendonça (2020) tem seu olhar para a EFE por meio da Educação Matemática Crítica (EMC), segundo Ole Skovsmose, autor que também temos como nosso referencial teórico, na presente pesquisa. O autor defende que o ensino da Matemática deve focar a ação e a reflexão, tendo por base a realidade em que a pessoa está inserida. Ou seja, a criança faz parte de forma ativa do processo de aprendizagem, estando inserido no centro dessa educação. “O processo de ensino e aprendizagem vivenciado pelas crianças desde a EI pode se dar de modo crítico e investigativo, pautado na observação e exploração da realidade em que estão inseridas” (Mendonça, 2020, p. 61).

Segundo a EMC defendida por Skovsmose, o ensino e a aprendizagem acontecem em ambientes de aprendizagem que, segundo a mediação do professor, levarão o aluno a **paradigmas de exercícios**, nos quais predominam atividades com respostas prontas, ou a **cenários para investigação**, que estimulam o olhar crítico e investigativo no estudante. Nessa perspectiva, o estudo de Mendonça (2020) reflete sobre a possibilidade da relação entre os ambientes de aprendizagem e a prática pedagógica na EI.

Na pesquisa, a autora, a partir dos estudos teóricos e do que foi analisado, nomeia seis aspectos que compõem os **cenários para investigação** na EI: 1) protagonismo das crianças; 2) diálogo; 3) interação; 4) reflexão; 5) investigação; 6)

criticidade. Essa nomeação acentua em nossas reflexões a importância da centralidade da criança, da autonomia que ela terá no seu aprendizado e desenvolvimento sobre a temática da EF, de forma eficiente e contemplada a curto e longo prazo.

O estudo de Mendonça (2020) teve como método a análise documental. Os materiais analisados foram os do Programa **Sonhar Planejar Alcançar Fortalecimento Financeiro para Famílias**, de iniciativa da Sesame Workshop, utilizados entre 2015 e 2018. Segundo a autora, o Programa tem como público-alvo as crianças dos três aos seis anos, suas famílias/cuidadores, os professores e outros atores envolvidos na EI. Tem como objetivo “promover mudança de comportamento de crianças e suas famílias, contribuindo para formar cidadãos mais críticos, e aponta ainda que pretende colaborar para efetivação da ENEF no Brasil” (Mendonça, 2020, p. 77). O conteúdo foi disponibilizado em formato impresso e digital aos professores, pais/familiares e crianças da EI na Rede Municipal Escolar do Recife.

A análise dos dados foi dividida por etapas, organizadas da seguinte forma: leitura; descrição em dados quantitativos e qualitativos; escolha por materiais com atividades; seleção de seis materiais (Caderno do Educador, Tapete de Brincadeiras, Guia dos Cuidadores, Almanaque da Criança, Gibizão e Livro Vamos Semear); quantificação das atividades encontradas em cada material; organização dos dados sobre os eixos e temáticas encontradas (sonhar, planejar, escolher, gastar, compartilhar, meio ambiente, poupar e comprar); análise das atividades em relação aos ambientes de aprendizagem e análise das orientações aos professores e cuidadores.

A pesquisa traz um olhar para as orientações do material para os professores e cuidadores, destacando os aspectos relacionados ao protagonismo das crianças, ao diálogo, à interação, à reflexão, à investigação e à criticidade. Traz a fala da criança em evidência, o diálogo com questionamentos e perguntas que transcendem o “sim” e o “não”, interação da criança promovida com reflexões, convite para a realização de planos e suas etapas, buscando extrapolar a dinâmica de uma EF pautada em ganhar-poupar-gastar o dinheiro, ou ganhar-poupar-gastar-donar. O estudo traz uma perspectiva de que as temáticas propostas e as reflexões indicadas vão muito além

de um consumo postergado e finanças pessoais, propondo discussões sobre assuntos que contemplam não só os interesses individuais da criança, mas também os interesses de todos que a cercam.

O estudo aponta três temáticas mais frequentes (sonhar, planejar e compartilhar), trazendo destaque para a temática 'sonhar' como base para que as outras temáticas sejam trabalhadas, pois, segundo a autora, o sonho é colocado pelo Programa como aspiração, desejo, projeto para um futuro próximo ou distante. Nesse aspecto, o estudo alerta para que o processo de sonhar seja transformado em aspiração, e não se resume a postergar o momento de consumo, e reforça a ideia de que a EFE deve ser realizada a partir da realidade de cada grupo e a necessidade de ampliar as reflexões sobre outras temáticas.

Em relação ao olhar para as atividades pela perspectiva dos ambientes de aprendizagem segundo Skovsmose, a pesquisa destaca que a maioria das atividades foram classificadas como possíveis **cenários para investigação**, pois o Programa propõe que as atividades sejam baseadas nos sonhos/aspirações das crianças e das suas famílias. Elas baseiam-se no diálogo, na interação, na reflexão, no protagonismo das crianças, na investigação e na criticidade, o que se coaduna com nossas reflexões sobre um desenvolvimento da temática na EI que permita à criança ser um sujeito ativo do seu aprendizado e desafiada a refletir sobre diversas situações reais que suas escolhas financeiras irão ocasionar.

Outro ponto que a pesquisa traz é a questão de se trabalhar, desde a EI, com pequenos planejamentos, o que é proposto nas atividades como forma de escolha seguida de um planejamento, de forma lúdica, para que alcance um determinado objetivo, o que destaca a autonomia e o protagonismo da criança diante de suas escolhas.

A temática 'compartilhar' também é apresentada com ênfase nas atividades, trazendo uma reflexão sobre como as crianças são indivíduos que sempre têm algo a compartilhar, e isso desenvolve nelas a empatia e a solidariedade. O estudo corrobora a ideia de trabalhar a EF na EI a partir de temáticas, de forma lúdica e orientada, para que os meninos e meninas possam vivenciar e desenvolver a EF ao longo de suas

experiências, mas para que isso aconteça tanto os cuidadores como os professores devem estar preparados para a mediação desse processo.

Outra pesquisa que relaciona a EF à EI é a de Guimarães (2022), em sua dissertação intitulada “Importância da Educação Financeira no Ensino Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. O estudo teve como objetivo construir um material de apoio ao professor e pretendeu ser discutido no Ensino Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para promover aprendizagens a respeito de temas relativos à Educação Financeira. Buscou ainda apresentar, em ordem cronológica, os contextos e as leis que regeram e regem a EF no Brasil, e a importância do seu ensino desde a EI, ressaltando a introdução da temática na BNCC de 2017 (Brasil, 2018). Além disso, trouxe reflexões a respeito da importância de a EF ser organizada de forma transversal no currículo, concentrada nas habilidades a serem desenvolvidas, o que permite o diálogo entre a EF e outros assuntos correlatos à Educação Básica.

O estudo também aponta as principais mudanças econômicas ocorridas nas últimas décadas no Brasil e traz destaque para a inflação econômica, para erros constantes cometidos pelos governos, que levaram a pensamentos, atitudes e comportamentos sobre a vida financeira pessoal e social de forma errônea. Mostra, ainda, o caótico cenário econômico motivado pela pandemia da Covid-19, que desestruturou a rotina da população, obrigando o fechamento de diversos empreendimentos, o que resultou no aumento absurdo do número de desempregados. O estudo destaca que essas mudanças enfatizam a importância de debater a temática da EF nos ambientes de aprendizagem, por meio de reflexões sobre planejamento financeiro, decisões e consumo conscientes, economia doméstica, entre outros temas que permitem o desenvolvimento de uma criticidade no pensamento dos alunos e crianças a partir de diversos contextos sociais, culturais e econômicos nos quais estão inseridos. Nas palavras de Guimarães (2022, p. 10):

Podemos notar que tais habilidades podem ter impactos positivos na saúde financeira do cidadão. Buscando prover educação financeira para os alunos, pois a formação de um cidadão consciente e esclarecido quanto a suas finanças e seu uso lhe dá mais oportunidades e conhecimentos para administrar seus recursos de forma positiva e sustentável. Essas mudanças não dependem apenas da utilização de cálculos e planilhas, mas também do desenvolvimento de novos hábitos, comportamentos e valores.

Com isso, a pesquisa destaca a relevância de se desenvolver uma educação financeira para o público infantil, que fomenta comportamentos e atitudes conscientes desde cedo, pois a criança educada financeiramente desde os primeiros anos de vida se tornará um adulto mais consciente e responsável financeiramente, que sabe se posicionar nos diferentes contextos e nas mudanças econômicas que venham a existir.

Sobre o ensino da EF nos ambientes de aprendizagem, o estudo aponta a estrutura pedagógica apresentada pela ENEF, para colaborar com o professor. A autora destaca que os objetivos dessa estrutura pedagógica estão divididos em objetivos espaciais e temporais, os quais se articulam através de dez competências que estão presentes em quatro eixos temáticos (Produção e consumo; Organização; Cuidado; e Planejamento), eixos que orientam todo o processo de aprendizagem estipulado pelo professor.

Segundo a pesquisadora, a ENEF entende que, para a criança aprender a ser educada financeiramente, também é necessário que entenda que os recursos que ela usa – ou os recursos de que a sociedade dispõe – são finitos. Além disso, o conceito de economia vai alertar sobre o fato de que, embora existam infinitos produtos, há uma quantidade finita de recursos para se obter esses produtos. Assim também em relação aos recursos naturais – como alimentos, água, energia, combustível. Todos eles são naturais, mas provenientes de caros processos, que são cobrados no custo final ao consumidor e geralmente causam prejuízos ao meio ambiente.

A pesquisa traz ainda algumas sugestões de sequências didáticas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de promover um trabalho inter e transdisciplinar, estimulando a produção de significados dos estudantes, a partir das atividades elaboradas associadas à Educação Financeira. Como nosso estudo aborda a EF na Educação Infantil, deixamos as sequências didáticas propostas no estudo de Guimarães (2022) apenas como sugestões para trabalhos cujo foco sejam outras etapas da Educação Básica.

O estudo de Guimarães (2022) compartilha conosco de várias inquietudes referentes à inserção e importância da EF desde a EI, e corrobora nossa convicção de que a escola e os professores desempenham papel essencial para a propagação

dessa educação, o que fortalece a necessidade de qualificação desses profissionais como uma prioridade para as práticas pedagógicas.

Os estudos aqui apresentados e brevemente comentados reforçam a nossa certeza de que é possível e necessária uma EFE numa perspectiva crítica e reflexiva desde a EI, para que as primeiras compreensões, reflexões e os primeiros comportamentos de uma vida financeira sejam iniciados desde a infância, com vistas a uma cidadania consciente e responsável.

Na seção a seguir, apresentamos alguns estudos que focalizam a EF na formação continuada de professores.

## 4.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Os estudos escolhidos trazem importantes contribuições para reflexões sobre a formação continuada dos professores, e enfatizam uma EF aplicada de forma crítica, investigativa e com significados.

Chiarello (2014), em sua dissertação intitulada “Educação Financeira Crítica: novos desafios na formação continuada de professores”, objetivou identificar, em um processo de formação continuada, como os professores compreendem a possibilidade de promover uma Educação Financeira Crítica em sua prática de ensino. O estudo foi realizado em duas etapas, com um grupo de 22 professores que atuam na Educação Infantil e nas séries iniciais, em uma Escola Municipal localizada na cidade de Planalto Alegre - SC.

A primeira etapa foi uma pesquisa exploratória, na qual foram coletadas informações sobre como professores entendiam a EF. Os dados obtidos nessa primeira etapa revelaram as dificuldades, o despreparo e o pouco conhecimento dos participantes sobre a temática, porém o interesse deles em se aprofundar e melhorar suas práticas no ensino foi notório. Essa pesquisa inicial foi importante para a compreensão das necessidades dos participantes em relação ao conhecimento do objeto de estudo e para a preparação da segunda etapa. No final do primeiro encontro, os professores apresentaram interesses e necessidades para pensar a EF na escola,

a partir de suas angústias e inquietudes, geradas pelo debate proposto. Segundo Chiarello (2014, p. 53):

Nesse contexto, muitas inquietações se fazem presentes quando pensamos no espaço que a Educação Financeira ocupa e/ou pode ocupar na escola atualmente, inquietações que perpassam por questões como os conteúdos propostos pela escola e as dificuldades apresentadas pelos professores em organizar essa proposta, e se ampliam para discutir a formação do professor e sua mobilização para mudanças na ação pedagógica, na perspectiva da Educação Matemática Crítica (EMC).

A pesquisa descreve a importância da formação com professores desde a EI, e ressalta a necessidade de compreender quais as percepções iniciais desses profissionais da educação para realizar discussões acerca de uma EF de forma crítica.

Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa de campo, através de um processo de formação continuada com esses professores. Foi definido pelo grupo de participantes que a temática da EF seria trabalhada por meio de um projeto elaborado por eles e mediado pela pesquisadora. O projeto, segundo a autora, foi muito importante, pois possibilitou aos professores discutirem e refletirem sobre o tema da EF, sobre as fragilidades e possibilidades de pensar a EF na escola. Eles expressaram o desejo de trabalhar EF por meio de projetos, além de, a partir de análises à luz da EMC, realizaram um movimento de saída da “**zona de conforto**” para uma compreensão reflexiva, na chamada “**zona de risco**”, o que possibilitou novos olhares sobre um cenário de investigação, abrindo espaços para uma ação e reflexão de forma **dialógica**<sup>1</sup>.

A pesquisa destaca que, ao longo da formação, houve uma aproximação dos professores aos **cenários para investigação** segundo Skovsmose, o que possibilitou reflexões sobre situações do dia a dia, com novos desafios, inclusive com novos olhares, principalmente para o consumismo. Eis o relato de Chiarello (2014, p. 95):

Algumas preocupações dos alunos foram argumentadas pelos professores, é dinheiro de verdade? Serve para comprar salgadinho? Pode levar pra casa? O dinheiro de verdade é diferente? Possibilitando diferentes olhares para o aprendizado da EF, elencamos o consumismo como importante debate a ser explorado na aprendizagem, capaz de proporcionar aos alunos avistarem novos horizontes em seu Projeto de vida e formarem-se sujeitos conscientes a entender as múltiplas relações existentes em cada ação que executam.

---

<sup>1</sup> Os termos com destaque em negrito são preocupações de Skovsmose dentro da teoria da EMC.

Entretanto, a autora também destaca algumas dificuldades apresentadas pelos professores para estruturar o **ambiente de aprendizagem** em um **cenário de investigação**, relacionadas ao tempo de realização do projeto e à faixa etária dos sujeitos, principalmente a das crianças da Educação Infantil. Diz a autora:

Uma das dificuldades mais presentes, emerge dos professores de educação infantil, que trabalharam somente com a abordagem de 'conhecer o dinheiro', devido a faixa etária dos alunos ser de 1 a 5 anos, considerando que as crianças ainda não conseguem entender e desenvolver as habilidades de 'usar o dinheiro' e "gerar o dinheiro (Chiarello, 2014, p. 107).

Isso nos leva à compreensão da importância de um planejamento pedagógico que leve em consideração o ritmo de aprendizagem da criança, não a subestimando, mas tendo um olhar para ela, adaptando o conteúdo para sua faixa etária de forma eficiente, dentro de um tempo real de aprendizado, além de um repertório sobre a temática que vá além do uso do dinheiro, mas que envolva princípios e temas relevantes que a EFE pode propiciar.

Outro ponto importante que a pesquisa destaca sobre a formação com os professores é o sentido que eles atribuem ao papel sociopolítico da Matemática Financeira, dentre eles o interesse apresentado pelos participantes à temática, bem como inquietudes apresentadas em diferentes dimensões, sejam elas políticas, culturais ou sociais. Chiarello (2014, p. 129) comenta que:

As professoras mostram-se encantadas com a agilidade matemática apresentada pelos estudantes, percebendo a necessidade de novas aproximações e novos olhares para os cenários de investigação. À medida que nos aproximamos dos cenários, ampliamos nosso sentido sociopolítico sobre ele e, dessa forma, maiores incentivos poderão ser proporcionados aos alunos para o desejo de um controle financeiro e um planejamento, possibilitando o entendimento de questões como: 'Poupar com que fim? Com que sonho?'.  
  
O estudo também destaca as mudanças ocorridas nas ações pedagógicas dos professores após a realização do projeto, o qual abriu novos olhares e desafios importantes para o aprimoramento dos docentes quanto à importância de estarem preparados teoricamente, permitindo-lhes associar teoria e prática.

Além disso, outro ponto importante que a pesquisa traz é a repercussão do projeto na escola, primeiramente para os professores, em diferentes dimensões, no

interesse de aprender e buscar mais sobre a temática; também para os alunos e as crianças, na mudança de comportamento diante de escolhas financeiras na escola, como por exemplo na partilha coletiva na compra do lanche; e ainda para a família dos professores, que levam para seus lares, com seus filhos, a compreensão crítica e reflexiva das escolhas financeiras. Mas a família dos alunos e das crianças também é alcançada pela repercussão do projeto. A pesquisa ressalta a importância do trabalho em conjunto com a família e destaca o interesse dos pais em participar dos momentos de aprendizagem, o que contribuiu para os resultados positivos do projeto, inclusive com o surgimento de uma nova proposta de trabalho com os pais.

A pesquisa contribui para a compreensão da importância de investigar as percepções iniciais dos professores, percepções que são tão relevantes para a construção de uma formação continuada e que podem proporcionar uma compreensão mais aprofundada do que falta e do que precisa ser melhorado na prática docente, para que sejam planejadas, construídas e ministradas práticas pedagógicas claras e mais objetivas em relação ao que cada professor almeja alcançar nas suas mediações de aprendizagens.

Outro estudo que aborda a EF na formação continuada de professores é o de Oliveira e Stein (2015), na pesquisa intitulada “A Educação Financeira na Educação Básica: um novo desafio na formação de professores”. O estudo teve o objetivo de refletir sobre a Educação Financeira como temática curricular na Educação Básica e analisar como os professores trabalham com o desenvolvimento da Educação Financeira. A pesquisa foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada com 12 professores em pleno exercício da docência, em instituições e localidades distintas ligadas à Rede Sinodal de Educação.

Essa pesquisa traz dois pontos relevantes que contribuem para nossas discussões. Primeiro, revela que, na opinião dos participantes, a EF é uma temática importante e relevante, com várias possibilidades para a formação de um cidadão consciente para enfrentar os desafios da sociedade de consumo na qual estamos inseridos. Segundo, destaca a falta de acesso de alguns professores participantes da pesquisa a uma formação e ao preparo para o desenvolvimento da temática nos ambientes de aprendizagem. Nas palavras dos autores:

Ficou evidente que muitos professores envolvidos no processo de desenvolvimento das práticas que englobam a Educação Financeira mostram-se um pouco 'confusos' com o conceito do assunto e não conseguem explicar claramente a sua concepção conceitual (Oliveira; Stein, 2015, p. 19).

Esse resultado revela que, mesmo que os professores tenham um pensamento inicial a respeito da importância da EF em sua prática, a falta de preparo e de domínio para a concretude nos ambientes de aprendizagem é preocupante, o que evidencia a importância de formações (inicial e continuadas) que tragam a EF e sua relevância para o repertório do professor, para que se aproprie desse conhecimento e medie o desenvolvimento do aluno ou da criança de forma concreta e usual.

Outro estudo que também contribuiu para nossa pesquisa e traz reflexões sobre a importância da temática da EF na formação continuada de professores é o de Oliveira e Pessoa (2018), intitulado "Educação Financeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um olhar para a formação docente". O estudo é um recorte de uma pesquisa maior e teve como objetivo analisar o processo de formação continuada acerca da EF, ofertada a professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A pesquisa foi realizada através de uma entrevista semiestruturada com duas professoras, uma do 4º ano e a outra do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede privada do Recife. Ambas as professoras haviam participado de uma formação continuada sobre EF, que faz parte de um programa sobre o trabalho com o tema nas escolas, promovida por uma empresa privada. A formação consistiu em discutir a EF com uma abordagem interdisciplinar e com o apoio de materiais didáticos específicos divididos em livros didáticos e paradidáticos para o trabalho em cada ano de ensino, da Educação Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A formação iniciou a temática da EF a partir da realidade financeira das participantes, a qual, segundo a pesquisa, trouxe a concepção das professoras quanto à diferenciação do que seria a Educação Financeira e a Matemática Financeira, o que é algo positivo, visto o número de docentes que acreditam ser essas noções sinônimas. Mas o que prevaleceu na formação foram as discussões acerca do consumo, orçamento e o poupar, o que limitou o aprofundamento da temática em questão.

Segundo o artigo, as participantes afirmaram que a formação foi insuficiente para uma compreensão mais aprofundada sobre a temática e denunciaram a ausência de uma base na formação inicial, o que indica uma falta de preparo sobre a EF na formação desses profissionais para uma mediação de forma mais assertiva em seus ambientes de aprendizagens. As autoras apontam a necessidade de uma ampliação nas discussões sobre a temática, nos processos de formação continuada.

Em relação à consciência e ao preparo do professor sobre a temática, as autoras ressaltam que este, consciente do seu papel, não irá sugerir as crianças apenas reflexões sobre o poupar para gastar, limitando o conhecimento que a EF pode proporcionar, mas irá favorecer a mediação da consciência crítica que a EF contribui para a formação cidadã do sujeito.

Essas discussões são bastante importantes para entendermos de fato qual o papel da EF no ensino e nas práticas pedagógicas nas escolas, e quais são as principais abordagens que perpassam a formação dos professores, diante das inúmeras possibilidades que uma educação financeira crítica e que se aproxima da realidade do sujeito pode ocasionar.

Outro estudo que trata da EFE na formação continuada de professores na Educação Básica é a dissertação de Melo (2019)<sup>2</sup>, intitulada: “Educação Financeira e Matemática Financeira: compreendendo possibilidades a partir de um grupo de estudo com professores do Ensino Médio”. Apesar de esse estudo trabalhar com professores do Ensino Médio, a pesquisa torna-se relevante para nosso trabalho porque aponta reais contribuições de um grupo de estudo para a prática da EF nos ambientes de aprendizagem, metodologia esta que serviu de inspiração para a formulação do nosso percurso metodológico.

Melo (2019) objetivou compreender possibilidades de abordagem da EF relacionada à Matemática Financeira (MF), a partir de um grupo de estudo com professores de Matemática do Ensino Médio. O estudo foi realizado em cinco etapas: entrevista inicial; grupo de estudo em dois encontros; observação da prática em sala;

---

<sup>2</sup> Há um destaque para a pesquisa de Melo (2019) porque, apesar de ter sido desenvolvida com professores do Ensino Médio, serviu como inspiração para parte dos procedimentos metodológicos do nosso trabalho.

grupo de estudo para socialização de experiências; e entrevista final. Os sujeitos de pesquisa foram dois professores de Matemática do Ensino Médio.

Já na entrevista inicial, o pesquisador detectou que as concepções iniciais dos professores participantes a respeito da EF restringiam-se ao ponto de vista financeiro-econômico. Descobrir as percepções iniciais dos professores foi importante para preparar as reflexões no grupo de estudos. Durante os encontros no grupo de estudos, os participantes puderam refletir sobre a importância da EFE, discutir o ensino da Matemática a partir da Educação Matemática Crítica e os **ambientes de aprendizagem**, segundo Skovsmose, além de dialogar sobre as inquietações a respeito das possibilidades de abordagem da EF a partir da relação com a Matemática Financeira. Assim nos conta Melo (2019, p. 78):

Discutimos com os professores que a visão apresentada por eles está mais voltada para a perspectiva dos agentes governamentais, das instituições financeiras e dos consultores financeiros e que esses grupos tratam da EF em uma perspectiva que não acreditamos ser a ideal para o trabalho com a EFE, porque, como professores, devemos estar preocupados com o que ocorre no processo de ensino e aprendizagem que permeia o trabalho com a EF nas escolas.

A pesquisa destaca que o grupo de estudos – com suas reflexões, inquietações e direcionamentos – colaborou para que os professores compreendessem que a EF está muito além do sentido econômico e, assim, para que desenvolvessem juntamente com os alunos um conhecimento crítico e reflexivo em torno da sociedade de consumo na qual estão inseridos, compreendendo a influência da mídia, o comprometimento do orçamento familiar, as vantagens e desvantagens nas compras à vista ou a prazo, entre outros. Melo (2019, p. 89) relata:

O professor organizou uma aula em que os estudantes conseguiram associar as discussões com sua realidade, perspectiva que é defendida por Skovsmose (2000) em sua EMC, que o ensino de Matemática consiga levar o estudante a refletir acerca da sua vivência social, utilizando como ferramenta a Matemática.

O estudo também aponta, assim como na pesquisa de Chiarello (2014), que uma das dificuldades apresentadas e questionadas pelos professores é em relação ao tempo, pois tinham que cumprir o cronograma previamente estabelecido pela escola. Apresentamos, a seguir, trecho do trabalho de Melo (2019) em que vemos a

fala de um dos participantes, que afirma que a temática da EF só foi articulada no ambiente de aprendizagem devido ao grupo de estudo. O autor destaca que grupos de estudos como esse são importantes para a formação docente.

O professor 1 aponta a importância de grupos de estudo e debate para nossa formação docente. Segundo ele, a forma como o grupo de estudo foi organizada nos motiva a buscar alternativas de trabalho para outras temáticas que merecem nossa atenção e que muitas vezes não recebem. Daí o resultado vai ser mais amplo do que imaginamos (Melo, 2019, p. 94).

A pesquisa contribuiu para as discussões sobre uma educação financeira na perspectiva crítica na formação continuada de professores, sendo possível de ser trabalhada, seguida de uma orientação para os professores na realização de suas vivências, para que ocorra de fato a participação dos alunos e crianças nessa construção de novos conhecimentos.

Os estudos aqui apresentados, mesmo alguns deles tendo sido desenvolvidos em outras etapas da Educação Básica, coadunam-se e contribuem com as nossas ponderações acerca da inserção da EF na formação continuada de professores, que agrega e qualifica a prática educativa para um aprofundamento e uma mediação consistentes de temas que podem ser discutidos, apresentados e examinados nos diversos contextos que as crianças vivenciam.

Na seção a seguir, apresentamos o percurso metodológico para o desenvolvimento da presente pesquisa.

## 5 METODOLOGIA

Como a presente pesquisa objetiva compreender as percepções e intencionalidade prática de professores da Educação Infantil sobre a Educação Financeira Escolar, antes e após a participação em um processo de formação continuada, adotamos a abordagem qualitativa, que, segundo Bogdan e Biklen (1994), exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.

É pertinente estudar nosso objeto de pesquisa na perspectiva da abordagem qualitativa porque a relação com o ensino envolve ideias, valores, em uma construção que não pode ser apenas quantificada. Quanto aos procedimentos adotados, nosso estudo se configura como uma pesquisa-ação. Para Mendonça (2017), a pesquisa-ação é concebida e realizada para a resolução de um problema coletivo, e os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. O nosso estudo colabora com reflexões e sugestões sobre a EFE na EI, para possíveis melhorias das ações pedagógicas dos sujeitos participantes da nossa pesquisa.

A pesquisa está baseada no percurso metodológico desenvolvido por Melo (2019), pois este autor utilizou entrevistas semiestruturadas e um grupo de estudos como método de aplicação e análise de sua pesquisa relacionada à formação continuada sobre EF com professores do Ensino Médio. Os procedimentos por ele aplicados são relevantes para nossa pesquisa, por se tratar de um processo formativo com professores sobre a EF.

Elegemos como sujeitos de nossa pesquisa professores da Educação Infantil, de crianças entre 4 e 5 anos de idade. A escolha de crianças dessa faixa etária se justifica porque é o grupo de crianças que caracteriza a pré-escola, a única etapa da EI que é obrigatória. Os docentes participantes podem atuar tanto na rede pública quanto na rede privada de ensino, pois compreendemos que os contextos financeiros presentes nessas duas realidades divergem entre si, o que contribui para um melhor entendimento do contexto de atuação desses professores participantes.

Para a coleta e produção dos dados, iniciamos a pesquisa entrando em contato via *WhatsApp* com 15 professoras, que demonstraram interesse em compartilhar experiências e aprendizagens sobre a EFE na EI. Como se trata de uma temática nova e que *a priori* não está presente no currículo da EI, há real interesse dos professores. Porém, diante da carga horária de trabalho – a maioria trabalhava os dois turnos –, nem todas as professoras tinham disponibilidade de tempo para priorizar a formação continuada. Assim, ao final, apenas quatro professoras tiveram condições de participar da pesquisa. Das quatro participantes que iniciaram a formação, duas não conseguiram realizar todo o percurso metodológico: uma, por motivos pessoais; a outra, devido à forte demanda de trabalho, não conseguiu ser assídua no processo<sup>3</sup>. Como o nosso trabalho requeria a participação no processo formativo, com previsão de comparar informações pré e pós-formação, elas foram retiradas das análises. Ficamos, então, com duas participantes, uma professora da rede privada de ensino de uma escola no Recife e outra professora da rede pública de ensino, da Rede Municipal de Olinda.

Como explicado na Introdução do trabalho, definimos os seguintes objetivos específicos: a) verificar as principais facilidades e dificuldades na compreensão de professores sobre EF e em suas possíveis práticas pedagógicas; b) promover possíveis reflexões acerca da EFE crítica, buscando contribuir com as práticas pedagógicas de professores da EI; e c) identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE crítica por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo. Para atingir esses objetivos, organizamos a pesquisa em seis etapas. No Quadro 2, a seguir, listamos cada uma delas, com seus objetivos metodológicos e um resumo das atividades realizadas.

Quadro 2 – Etapas metodológicas da pesquisa

| <b>Etapas</b>         | <b>Objetivos</b>                                     | <b>Atividades</b>                                       |
|-----------------------|------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| 1. Entrevista inicial | Compreender as percepções e intencionalidade prática | As duas professoras foram entrevistadas individualmente |

<sup>3</sup> Abrindo um parêntese para essa situação, percebemos o quanto as condições de trabalho não favorecem o aperfeiçoamento do profissional que está na prática pedagógica e consequentemente diz muito sobre quais práticas são desenvolvidas dentro dos ambientes de aprendizagem.

| semiestruturada individual                             | sobre a EFE, antes da formação                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|--------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2. 1º encontro no grupo de estudos                     | Refletir e discutir sobre as diversas perspectivas de EFE e sua importância na EI                                           | Refletimos sobre o que é a EF, seus principais marcos históricos e documentos oficiais no Brasil, EFE na perspectiva crítica, tendo como plano de fundo as preocupações da EMC, sua importância no ensino dentro das escolas a partir da EI. Além disso, analisamos, a partir da análise documental de Mendonça (2020), algumas atividades presentes no material utilizado pela Rede Municipal de Ensino do Recife sobre EFE, entre os anos de 2015 e 2018, em uma experiência de Educação Financeira Escolar na Educação Infantil. |
| 3. 2º encontro no grupo de estudos/Roteiros            | Compartilhar sugestões e ideias de possíveis vivências da EFE na EI                                                         | Compartilhamos sugestões e ideias de possíveis vivências da EFE na EI, articulando os temas ligados à EFE presentes no material analisado no encontro anterior e outros possíveis temas relacionando à EFE aos cinco Campos de Experiências presentes na BNCC (Brasil, 2018) para EI e compartilhamos sugestões de vivências e recursos lúdicos para uma possível orientação de prática para as professoras participantes. Por fim, as professoras elaboraram individualmente um roteiro de prática pedagógica com a temática.      |
| 4. Observação da prática nos ambientes de aprendizagem | Analisar as práticas pedagógicas sobre EFE realizadas pelas professoras participantes, de acordo com os roteiros elaborados | Observamos as práticas dos roteiros elaborados pelas professoras de um dia na rotina de suas turmas da EI.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

|                                     |                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 5. Entrevista final semiestruturada | Compreender as percepções e intencionalidade prática, após a formação                                                                                             | Realizamos uma entrevista final semiestruturada com cada uma das professoras.                                                                                                                                            |
| 6. Grupo de estudos (culminância)   | Realizar a culminância da formação no grupo de estudos, com todas as análises das práticas pedagógicas observadas para as discussões e conclusões finais do grupo | Compartilhamos todas as análises, desde a entrevista inicial com a percepções iniciais das professoras sobre a temática, os momentos mais relevantes dos dois encontros, as análise dos roteiros e vivências observadas. |

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A primeira etapa foi a entrevista inicial semiestruturada com as professoras participantes da pesquisa. “A vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (Lüdke; André, 1986, p. 34). Nesse sentido, utilizamos a entrevista para compreender as percepções e intencionalidade prática sobre a EFE, antes da formação, o que engloba o nosso primeiro objetivo específico, que é verificar as principais facilidades e dificuldades na compreensão de professores sobre EF e em suas possíveis práticas pedagógicas.

A entrevista teve três eixos estruturantes: 1) o perfil da professora da EI; 2) EFE e sua importância; e 3) possibilidades da EFE na EI. A seguir, no Quadro 3, apresentamos as perguntas mediadoras:

Quadro 3 – Perguntas da entrevista inicial

| <b>Eixo 1</b><br><b>O perfil da professora da EI entrevistada</b>                                  | <b>Eixo 2</b><br><b>EFE e sua importância</b>                              | <b>Eixo 3</b><br><b>Possibilidades da EFE na EI</b>                                            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Qual a sua graduação? Você fez algum tipo de formação continuada? Se sim, qual sua especialização? | Qual sua compreensão sobre a temática “Educação Financeira Escolar”?       | Você já trabalhou a temática em seus ambientes de aprendizagem atuais? Se sim, relate um pouco |
| Qual seu tempo de atuação na Educação Infantil?                                                    | Você já estudou em algum momento de sua formação essa temática? Se sim, em | Se não, por que você nunca trabalhou? Ou não                                                   |

|                                                                                                                              | qual momento? Relate um pouco.                                                                                  | trabalha no momento?                                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|
| Fale um pouco sobre sua experiência nos ambientes de aprendizagem. Como é realizada a rotina com as crianças?                | Você acha importante trabalhar Educação Financeira Escolar na Educação Infantil? Por quê?                       | Como você pensa que pode ser um trabalho com EFE na EI?              |
| Quais os principais desafios que você enfrenta para o desenvolvimento das propostas didáticas nos ambientes de aprendizagem? | Se você acha que o trabalho com EFE é importante na EI, o que você considera que possa ou deva ser trabalhado?  | Como você planeja suas práticas pedagógicas? Quais suas referências? |
| -                                                                                                                            | Como você avalia a preparação ou suporte oferecido ao professor da Educação Infantil para trabalhar a temática? | -                                                                    |

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As entrevistas foram realizadas de forma individual via videochamada pelos aparelhos celulares da pesquisadora e das participantes, e tiveram duração média de 20 a 30 minutos. As entrevistas foram gravadas com a autorização das participantes. Após a entrevista, as respostas foram transcritas na íntegra, para um melhor aprofundamento e preparação para a próxima etapa.

A segunda etapa constituiu o início do processo de formação das professoras participantes, e atende a nosso segundo objetivo específico: “promover possíveis reflexões acerca da EFE crítica, buscando contribuir nas práticas pedagógicas de professores da EI”. A partir das respostas analisadas na etapa anterior, elaboramos um roteiro formativo para o primeiro encontro, objetivando refletir e discutir sobre as diversas perspectivas da EFE e sua importância na EI. O encontro com as participantes foi realizado via Plataforma Meet, foi mediado pela pesquisadora, de forma conjunta, e teve duração de 1 hora e 30 minutos.

Nesse primeiro encontro, refletimos sobre o que é a EF, seus principais marcos históricos e documentos oficiais no Brasil, a EFE na perspectiva crítica, tendo como pano de fundo as preocupações da EMC, sua importância no ensino dentro das escolas a partir da EI. Além disso, analisamos algumas atividades presentes no

material utilizado pela Rede Municipal de Ensino do Recife sobre EFE, entre os anos de 2015 e 2018, em uma experiência de Educação Financeira Escolar na Educação Infantil, denominada Iniciativa Sonhar Planejar Alcançar Fortalecimento Financeiro para Famílias. Os materiais utilizados foram produzidos pela Sesame Workshop, em parceria com a Metlife Foundation, Dsop e TV Cultura.

Esse material constituiu a análise documental do estudo de Mendonça (2020), que analisou os materiais com um olhar crítico e reflexivo, na perspectiva da EMC segundo Skovsmose. É pertinente ressaltar que o material analisado se estrutura em três eixos: sonhar, planejar e alcançar. Esses eixos se dividem em oito temáticas: sonhar, escolher, planejar, comprar, gastar, compartilhar, meio ambiente e poupar. Dentre esses eixos e temáticas, optamos por compartilhar exemplos de atividades consideradas instigantes para as discussões na formação, que perpassam pelas temáticas planejar, escolher, compartilhar e meio ambiente, pois promovem reflexões mais direcionadas à criticidade, ética e responsabilidade social, indo além do poupar para gastar.

As atividades analisadas por Mendonça (2020) serviram de exemplos para sistematizar nossas discussões no grupo de estudo, a respeito de quais atividades seriam interessantes ou não para promover uma EFE de forma investigativa e reflexiva para as crianças nessa etapa da Educação Básica. Essas discussões e reflexões serviram de tessitura para a elaboração do roteiro formativo do segundo encontro, que constitui a terceira etapa do percurso metodológico.

O segundo encontro também foi realizado via Plataforma Meet, com as duas participantes e mediado pela pesquisadora, de forma conjunta, e teve duração de 1 hora e 30 minutos. Objetivou compartilhar sugestões e ideias de possíveis vivências da EFE na EI, o que atende também a nosso segundo objetivo específico, de promover possíveis reflexões acerca da EFE crítica, buscando contribuir nas práticas pedagógicas de professores da EI.

Com isso, articulamos as temáticas planejar, compartilhar e meio ambiente, presentes no material trabalhado no primeiro encontro, e outros possíveis temas ligados à EF, como, por exemplo, desejo *versus* necessidade e economia doméstica, aos cinco Campos de Experiências presentes na BNCC (Brasil, 2018) para EI.

Também compartilhamos sugestões de vivências e recursos lúdicos para uma possível orientação de prática para as professoras participantes.

É pertinente ressaltar que os Campos de Experiência podem fazer um movimento entre eles durante a mediação das vivências nos ambientes de aprendizagem. Esse movimento também acontece com os temas ligados à EF, podendo dialogar entre si durante as experiências sobre EF aos Campos de Experiências para EI. Ao final desse encontro, solicitamos um roteiro de prática pedagógica às professoras, sobre a EFE, em um dia na rotina das crianças de suas turmas. As professoras, nesse momento, puderam articular o que foi visto nos dois primeiros encontros da formação. Durante a elaboração do roteiro, ficamos à disposição das participantes para sanar eventuais dúvidas. A entrega dos roteiros foi feita de forma individual e por e-mail. O roteiro serviu como material de análise inicial pós-formação, para mensurar o que foi aprendido pelas participantes até essa etapa da pesquisa, o que abrange nosso terceiro objetivo específico: “identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE crítica, por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo”. Também prestou como parâmetro e comparativo de análise na quarta etapa do estudo, a observação do roteiro na prática, ministrado pelas professoras em seus ambientes de aprendizagem.

Na quarta etapa foi realizada a continuação do processo de formação, com o objetivo de analisar as práticas pedagógicas sobre EFE realizadas pelas professoras participantes, de acordo com os roteiros elaborados, o que também alcança nosso terceiro objetivo específico. Essa análise foi feita por meio da técnica da observação, que, segundo Silva (2013), constitui o principal modo de contatar o real, a forma de se situar, se orientar e perceber o outro. A análise nos permitiu elencar quais foram as principais contribuições da formação sobre a temática da EFE nas práticas pedagógicas das professoras, que serviram de conteúdo de análise para obtenção das discussões e resultados.

Na quinta etapa, com o objetivo de compreender as percepções e intencionalidade prática, após formação, para atingirmos também o nosso terceiro objetivo específico – de identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE

crítica por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo –, realizamos uma entrevista final semiestruturada individual com as participantes, logo após a observação das mediações do roteiro das práticas pedagógicas pelas professoras. Estruturamos essa entrevista a partir dos eixos da entrevista inicial, pois pretendemos compreender o que mudou ou o que ainda precisa ser trabalhado nas concepções iniciais das participantes sobre o nosso objeto de estudo, e formulamos as seguintes perguntas norteadoras:

Quadro 4 – Perguntas norteadoras da entrevista final

| <b>Eixo 1</b><br><b>EFE e sua importância</b>                                                                                   | <b>Eixo 2</b><br><b>Possibilidades da EFE na EI</b>                                                                                                    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Após a formação, sua compreensão sobre a temática Educação Financeira Escolar teve alguma mudança? Se sim, qual ou quais foram? | Você pretende continuar realizando roteiros com a temática estudada nas suas próximas práticas pedagógicas? Se sim, qual caminho você pretende seguir? |
| O que você considera mais relevante na formação sobre a temática? Relate um pouco                                               | Quais foram os principais ganhos das crianças com a ministração dos roteiros de práticas pedagógicas sobre EF? Relate um pouco                         |

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na sexta e última etapa, houve o terceiro encontro do grupo de estudos, que objetivou realizar a culminância da formação no grupo de estudos com todas as análises das práticas pedagógicas observadas para as discussões e conclusões finais do grupo. Isso também atende o nosso terceiro objetivo específico da pesquisa, de identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE crítica por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo.

Nesse momento realizamos a culminância do processo formativo, compartilhando todas as análises, desde a entrevista inicial, com as percepções iniciais das professoras sobre a temática, os momentos mais relevantes dos dois encontros, as análises dos roteiros e vivências observadas. Além disso, partilhamos experiências do que foi vivenciado ao longo do processo, a partir das perguntas da entrevista final, para serem pensadas em grupo nesse último momento. Ambas as

participantes e a pesquisadora contribuíram com suas experiências vivenciadas na formação e com novos olhares para possíveis formações futuras.

Por fim, os resultados obtidos foram confrontados sistematicamente com o referencial teórico, para nossa análise, interpretação e conclusões finais. Essa etapa é fundamental para que outros estudos na área pesquisada possam ser levantados. Como afirma Bardin (1977), “os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas podem servir de base a uma outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas” (Bardin, 1977, p. 101).

Na seção a seguir, apresentamos nossas análises e discussões dos resultados obtidos.

## 6 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos os principais apontamentos dos resultados alcançados após a realização do percurso metodológico da nossa pesquisa: a entrevista inicial; o primeiro encontro no grupo de formação; o segundo encontro no grupo de formação e análise dos roteiros feitos após os dois primeiros encontros do grupo; a observação da prática nos ambientes de aprendizagem; a entrevista final após observação; e a culminância no terceiro e último encontro do grupo de estudos. O material coletado foi analisado e categorizado de acordo com as seguintes categorias de análises para nossas interpretações e conclusões finais: 1) Fragilidades; 2) Potencialidades; e 3) Principais construções. As categorias emergiram após a obtenção e análise do material coletado, para que fosse possível uma sistematização coerente articulando os pontos principais do que foi obtido de maneira clara e objetiva.

### 6.1 CONHECIMENTOS PRÉVIOS DAS PARTICIPANTES SOBRE A TEMÁTICA

Este tópico corresponde aos resultados que alcança o nosso primeiro objetivo específico da pesquisa, verificar as principais facilidades e dificuldades na compreensão de professores sobre EFE e em suas possíveis práticas pedagógicas. Esses resultados são importantes para uma adequada configuração do processo formativo, pois conhecer as participantes e saber quais conhecimentos elas dominam sobre a temática são aspectos fundamentais para a construção e eficiência da formação.

As participantes são: A) uma professora da rede privada de ensino, que atua em uma escola na cidade do Recife; e B) uma professora da rede pública de ensino, que atua na Rede Municipal de Olinda. Para manter o sigilo de suas identidades, decidimos fazer referência a elas como Professora A e Professora B, respectivamente.

No Quadro 5, a seguir, apresentamos as principais respostas das professoras participantes da pesquisa, na entrevista inicial.

Quadro 5 – Principais respostas da entrevista inicial com professoras da EI sobre EFE

| <b>Eixo 1</b> | <b>Eixo 2</b> | <b>Eixo 3</b> |
|---------------|---------------|---------------|
|---------------|---------------|---------------|

| O perfil do(a) professor(a) da Educação Infantil entrevistado                                                                                             | EFE e sua importância                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Possibilidades da EFE na EI                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Professora A                                                                                                                                              | Professora A                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Professora A                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Pedagoga com mestrado em Educação em andamento. Atua há 3 anos, sempre na EI. No momento está em uma escola privada, com crianças entre 4 e 5 anos</b> | <p>“Que as crianças da EI compreendam o uso do dinheiro em nossa sociedade e as histórias das coisas, que elas passam por um processo de criação de produção, e que isso envolve a gente receber o dinheiro, ter o dinheiro e comprar coisas com esse dinheiro. E elas terem a compreensão que aquilo vale dinheiro. E se a gente quiser comprar ou se organizar para comprar o que vale muito mais do que ganhamos, a gente precisa se educar financeiramente”.</p> <p>“Não só a relação de ter as coisas, a Educação Financeira também deveria fazer com que as crianças refletissem sobre nossa sociedade como um todo, pois muitas vezes nesse sistema em que vivemos, não é tão justa, igualitária, não tem tanta equidade, então a educação financeira aborda muitas coisas, é uma área muito ampla que envolve a relação do dinheiro, guardar o dinheiro, quando e como comprar. E também o uso na sociedade, essa</p> | <p>Na graduação, a professora trabalhou uma proposta que envolveu um pouco da temática. Segundo ela, uma proposta sobre a história das coisas e a produção, e em determinado momento refletiu sobre educação financeira com as crianças.</p> <p>Ela acha importante trabalhar a temática desde a EI. “Às vezes as pessoas subestimam as crianças, que isso não é coisa para criança, mas o que é coisa para criança? Isso faz parte da vida delas, elas vão com os pais e mães no supermercado, no shopping, às vezes querem muito uma coisa, mas os pais não conseguem, então isso faz parte do cotidiano das crianças, das vivências delas, então por que não levá-las a entenderem e compreenderem esse processo, a se educar financeiramente desde pequenas, desde crianças? “Acho que hoje em dia nós temos muitos recursos e podemos utilizar, para que as crianças compreendam de forma lúdica,</p> |

|                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                           | <p>questão mais crítica do pensar o que é o dinheiro na sociedade".</p>                                                                                                                                                                            | <p>interativa, não é uma coisa muito mecânica, por exemplo, ó, isso é o dinheiro, você tem que guardar. Não, de uma forma que elas se interessem e interajam e seja adequado para a idade delas".</p> <p>A professora já trabalhou com as crianças na semana do consumidor e sistema monetário (do calendário da escola). Ela enfatiza que acrescentou a essa data a EF. Segundo ela, agregou a EF a essa proposta, trabalhando o conceito de escambo, organizando uma troca de brinquedos entre as crianças e apresentou o dinheiro. Utilizou vídeos da Turma da Mônica, confecção de cofrinhos, e leitura do livro "Como se fosse dinheiro", da autora Ruth Rocha.</p> |
| <b>Professora B</b>                                                                                                                                                       | <b>Professora B</b>                                                                                                                                                                                                                                | <b>Professora B</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <p><b>Pedagoga com especialização em Educação Infantil e Pedagogia Empresarial. Atua há 9 anos na EI, na Rede Municipal de Olinda, com crianças entre 5 e 6 anos.</b></p> | <p>"Eu acho importante hoje em dia a questão do empreendedorismo das crianças, ter ideia de valor, de reconhecer o que eles devem comprar, o que eles têm. Então acho importante começar desde pequeno.</p> <p>"Essa temática é uma novidade".</p> | <p>Nunca trabalhou a temática, para ela é uma novidade. O que ela entende ser aproximada foi um trabalho que fez de montar um mercado com objetos do cotidiano junto com as crianças, atividade com a qual apresentou o dinheiro para a turma. Ela enfatiza que as professoras da EI não têm muito conhecimento sobre isso.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os dados apresentados nas entrevistas foram analisados de acordo com as seguintes categorias de análise: 1) Fragilidades; e 2) Potencialidades. Na categoria 1) Fragilidades, o Eixo 1 mostra que, apesar de formações inicial e continuadas, e com tempo de atuação de três e nove anos, as professoras não conhecem de forma clara e objetiva do que se trata a temática da EFE. Apenas uma delas diz ter visto alguma coisa sobre Educação Financeira, de forma superficial, na graduação, e outra vez em uma formação, na perspectiva do empreendedorismo.

Essas informações corroboram os resultados apresentados no Eixo 2, em que se apresentam as percepções sobre EFE das participantes. Em sua maioria, as noções que demonstram ter sobre EFE perpassam ao valor do dinheiro e do seu uso de forma adequada; ao poupar para gastar; e ao conhecer a história da fabricação dos produtos que compramos. Essas noções são baseadas apenas em uma visão mercadológica, que é um viés importante para a compreensão do universo financeiro, mas a EFE não deve se resumir a isso, pois, em sua perspectiva crítica e reflexiva, ela perpassa por aspectos pessoais, sociais, culturais e econômicos muito importantes e indispensáveis para uma vida social mais justa e igualitária.

A percepção de uma visão mais mercadológica da EFE fica evidenciada, por exemplo, no seguinte trecho da resposta da Professora A:

Que as crianças da EI compreendam o uso do dinheiro em nossa sociedade e as histórias das coisas, que elas passam por um processo de criação de produção, e que isso envolve a gente receber o dinheiro, ter o dinheiro e comprar coisas com esse dinheiro. E elas terem a compreensão que aquilo vale dinheiro. E se a gente quiser comprar ou se organizar para comprar o que vale muito mais do que ganhamos, a gente precisa se educar financeiramente (Professora A, 2023, n. p.).

A percepção de que a EFE está relacionada com o empreendedorismo fica revelada na resposta da Professora B, quando destaca que a EFE se liga ao como saber ganhar dinheiro e gastá-lo, como vemos no trecho da fala da Professora B:

Eu acho importante hoje em dia a questão do empreendedorismo das crianças, ter ideia de valor, de reconhecer o que eles devem comprar, o que eles têm. Então acho importante começar desde pequeno” (Professora, B, 2023, n. p.).

Com base nos trechos que reproduzimos, podemos afirmar que as professoras têm percepções frágeis a respeito de uma Educação Financeira Escolar que, para além de levar a criança a conhecer sobre o dinheiro e saber como usá-lo, mercadologicamente falando, possa gerar uma visão crítica sobre suas escolhas financeiras, que envolvam as áreas de sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivemos, aspectos defendidos por Silva e Powell (2013).

Enfatizamos que as formações pelas quais passaram as professoras participantes muito provavelmente não lhes possibilitaram conhecer sobre a temática da EFE. Esse resultado comprova a importância e a necessidade de formação acerca da temática da EFE, em sua perspectiva crítica e reflexiva, a qual nós defendemos. Os processos de formação continuada, assim como destacado por Cancian (2016), devem prever atividades que vão além de palestras ou encontros de autoajuda. Eles devem ser oportunidades para a apropriação do que está sendo estudado, para que de fato o professor possa romper com práticas que são, na maioria das vezes, mecânicas e repetitivas, na EI.

Sobre o Eixo 3, no que se refere às possibilidades da EFE na EI, analisando os dados dentro da categoria 1) Fragilidades, as concepções das participantes versam mais em torno da origem e valor do dinheiro, de como usá-lo adequadamente no quesito da compra e sobre o empreendedorismo. Destacamos as fragilidades nas propostas apresentadas pelas professoras, já que a maior parte engloba vivências que envolvem a realização de uma feirinha, de um mercadinho para que as crianças entrem em contato com o dinheiro, com o valor dos produtos e com noções de compra e venda. Acreditamos que os conceitos financeiros apresentados pelas participantes são importantes para serem aprendidos pelas crianças, e que, se não forem limitados e forem orientados de forma crítica e reflexiva, têm potencialidades para serem vivenciados pelos meninos e meninas nos ambientes de experiências dentro das escolas.

Analisando os dados na categoria 2) Potencialidades, pontuamos que na fala das professoras, no Eixo 2, aparecem percepções a respeito de um olhar com um potencial que deve ser amadurecido, sobre uma EF que permite não apenas aprender a usar o dinheiro, mas a pensar sobre as estruturas sociais construídas em torno de

desigualdades que influenciam no modo de ser e existir nela. Esse modo de ver a EF gera reflexões importantes para a criança, como apontam Chiarello e Bernardi (2015), sobre as diversas concepções da EF disseminadas na sociedade, pensando nas relações de poder, na justiça social, na igualdade, em incertezas e globalização. Vejamos o trecho em que essas percepções ficam evidentes a partir da contribuição da Professora A:

Não só a relação de ter as coisas, a Educação Financeira também deveria fazer com que as crianças refletissem sobre nossa sociedade como um todo, uma sociedade igual, pois muitas vezes nesse sistema em que vivemos, não é tão justa, igualitária, não tem tanta equidade, então a educação financeira aborda muitas coisas, é uma área muito ampla que envolve a relação do dinheiro, guardar o dinheiro, quando e como comprar. E também o uso na sociedade, essa questão mais crítica do pensar o que é o dinheiro na sociedade (Professora A, 2023, n. p.).

Outro ponto do Eixo 2 que percebemos e destacamos como uma potencialidade a ser desenvolvida é a importância que cada participante atribui à temática, considerando-a indispensável para uma compreensão maior das crianças do que acontece em seu entorno, mesmo sem inicialmente compreender as diversas concepções econômicas, sociais, políticas e culturais que uma EF pode propiciar.

Os resultados dos estudos anteriores que tratam sobre esse aspecto coadunam-se com os resultados que encontramos na nossa entrevista. Por exemplo, no estudo de Chiarello (2014), os dados obtidos na entrevista revelam a dificuldade de os professores desenvolverem a EF nos ambientes de aprendizagem, pela falta mais aprofundada de conhecimento. Apesar dessa carência, o estudo destaca o desejo que os professores revelaram, de aprender mais e melhorar suas práticas, por considerarem a EF uma temática importante e relevante.

No nosso estudo, a Professora A traz um olhar importante em relação ao contexto social e econômico no qual a criança está inserida, o que foi aprofundado em nossas discussões na etapa seguinte da pesquisa, no primeiro encontro no grupo de estudo. Essa professora diz:

Às vezes as pessoas subestimam as crianças, que isso não é coisa para criança, mas o que é coisa para criança? Isso faz parte da vida delas, elas vão com os pais e mães no supermercado, no shopping, às vezes querem muito uma coisa, mas os pais não conseguem, então isso faz parte do cotidiano das crianças, das vivências delas, então por que não levá-las a

entenderem e compreenderem esse processo, a se educar financeiramente desde pequenas, desde crianças? (Professora A, 2023, n. p.).

Esse trecho de sua resposta aponta para a importância que a professora atribui a olhar o contexto em que os meninos e meninas estão inseridos. Independentemente de qual realidade eles vivenciem, aprender e refletir sobre a EF é muito necessário desde cedo, pois faz parte do entorno das crianças. Desenvolver uma educação a partir de informações do dia a dia é uma das concepções da EMC, segundo Skovsmose (2014), a qual contribui para que as crianças sejam sujeitas ativas no processo de ensino e aprendizagem.

Um aspecto muito importante dentro dos ambientes de aprendizagem e durante as vivências na EI é o educador perceber e respeitar o contexto em que cada criança está inserida, para propor experiências com dados reais. Como defendem os estudos anteriormente comentados neste trabalho (Mendonça, 2020; Guimarães, 2022), uma EF desde a EI irá possibilitar vivências que levem ao protagonismo da criança no processo de experiências e aprendizagem por meio da criticidade em relação a sua realidade, o que vai permitir que desde cedo ela tenha consciência das consequências de suas escolhas financeiras.

No Eixo 3, a Professora A acentua um pouco mais as reflexões, as quais destacamos como potencialidades a serem desenvolvidas durante o processo formativo, quando traz propostas de troca de brinquedos e noções de escambo, podendo este ser um ponto de partida para um aprofundamento sobre a temática. Apresentou também uma reflexão a respeito de propostas sobre a temática na EI que sejam apresentadas de forma possível, e que estejam configuradas para a faixa etária dos meninos e meninas. Vejamos o que ela diz:

Acho que hoje em dia nós temos muitos recursos e podemos utilizar, para que as crianças compreendam de forma lúdica, interativa, não é uma coisa muito mecânica, por exemplo, ó, isso é o dinheiro, você tem que guardar. Não, de uma forma que elas se interessem e interajam e seja adequado para a idade delas (Professora A, 2023, n. p.).

Compreendemos que uma EFE orientada e mediada, dentro do contexto e da necessidade das crianças, pode auxiliar na consciência de que suas escolhas financeiras têm consequências não apenas em sua vida, mas na do outro e no meio

ambiente em que vivemos, o que proporciona reflexões importantíssimas sobre diversos aspectos em sociedade, como apontado por Pessoa (2016).

Os dados analisados contribuíram para abalizar o nosso olhar inicial sobre as percepções das profissionais participantes da pesquisa em relação à temática da EFE, contemplando o nosso primeiro objetivo específico e fornecendo subsídios importantes para formular nosso primeiro encontro do grupo de estudos. Além disso, os dados corroboraram nosso pensamento sobre a relevância da formação continuada para que os docentes tenham a possibilidade de se apropriar de um repertório de conteúdos necessários a suas práticas pedagógicas, dentre os quais estão as reflexões sobre a EFE.

A seguir, discorreremos sobre a segunda etapa da nossa pesquisa, o processo formativo mesmo, no primeiro encontro do grupo de estudos.

## 6.2 GRUPO DE ESTUDOS (PRIMEIRO ENCONTRO)

Esta subseção objetiva apresentar os resultados que alcançam o nosso segundo objetivo específico da pesquisa: promover reflexões acerca da EFE crítica, buscando contribuir com as práticas pedagógicas de professores da EI. Os resultados obtidos e analisados na etapa da entrevista, categorizados como 1) Fragilidades ou 2) Potencialidades, contribuíram para formularmos e trazermos para as discussões, no primeiro encontro com o grupo, ideias e reflexões geradas a partir das percepções iniciais das participantes sobre a temática e, com isso, ir direcionando os conhecimentos prévios das participantes para uma reflexão mais aprofundada sobre uma EFE crítica, que não se esgota a questões econômicas, mas que propicia um leque de discussões importantes para a formação do indivíduo.

No primeiro encontro, iniciamos as reflexões com uma nuvem de ideias em que estavam alocados os pensamentos iniciais das professoras sobre a temática, que se resumiram a: uso do dinheiro, usar corretamente o dinheiro em sociedade, compreensão sobre a origem do dinheiro, empreendedorismo da criança e origem das coisas.

Consideramos importante trazer, nesse momento inicial, um breve histórico sobre os principais marcos da EF no país, e o que os documentos oficiais (Decreto Presidencial nº 7.3977/2010; Decreto presidencial nº 10393/2020) orientam sobre a temática, enfatizando a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). Esse momento foi muito rico, pois as professoras participantes desconheciam o percurso histórico da EF e nunca tinham ouvido falar, até aquele momento, sobre o Decreto presidencial de 2010, que regula a ENEF dentro das escolas no país, informações relevantes para fomentar reflexões e para traçarmos um caminho para nossas discussões.

Também abordamos as características da EFE que defendemos e tratamos de como essa EFE na perspectiva crítica é relevante para compor o currículo ministrado dentro das escolas. Tendo como pano de fundo as preocupações da EMC segundo Skovsmose (2000; 2014), refletimos sobre a EF a partir das concepções de alguns autores, tais como Silva e Powell (2013); Pessoa (2016); Teixeira (2015); Chiarello e Bernardi (2015), que versam sobre uma educação financeira crítica e reflexiva, que engloba aspectos éticos, filosóficos, sociais, culturais e econômicos. Essas reflexões – que vão muito além das questões mercadológicas – contribuem para o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação às escolhas financeiras, conectando essas escolhas a questões sociais, ambientais, midiáticas, compreendendo seus direitos e deveres, com noções de solidariedade e cidadania.

Em um dos momentos, levantamos o questionamento: “Por que ensinar EFE?”, dando destaque à importância da temática que as professoras haviam destacado na entrevista inicial. Essa discussão nos conduziu à reflexão sobre a influência midiática, desde muito cedo, nas escolhas das crianças por determinados produtos e serviços, o que proporcionou discussões sobre o poder de decisão das crianças nas compras familiares. Uma das professoras compartilhou com o grupo o seu próprio exemplo, e disse que ela costuma conversar com seu filho sobre a importância de escolher um produto não pela marca, que na maioria das vezes deixa o produto mais caro, mas sim pelo conteúdo. Segundo ela, o filho, com apenas 6 anos, consegue ter esse olhar, mas ela nunca havia associado essas atitudes à Educação Financeira, e disse ter ficado surpresa ao fazer essa relação, no nosso grupo.

Por fim, debatemos sobre o consumismo, o consumo desenfreado, que na maioria das vezes leva as pessoas a comprarem produtos não essenciais para a sobrevivência, como destacado por Bauman (2008). Refletimos – a partir do pensamento inicial delas sobre o uso do dinheiro numa sociedade capitalista – acerca de um sistema pronto, que investe em produtos e serviços pensados para não deixar seus usuários satisfeitos, com o intuito de fazê-los sempre retornar à compra e à aquisição de novos produtos e serviços.

Com base na resposta inicial das participantes, de que não devemos subestimar a habilidade das crianças em aprender temáticas que fazem parte do cotidiano em que estão inseridas, lançamos o questionamento sobre a possibilidade de trabalharmos com a EFE na EI, destacando a aproximação que Mendonça (2020) fez do pensamento Skovsmose (2014) para as práticas pedagógicas dos docentes nos ambientes de aprendizagem da EI, a qual destaca o protagonismo da criança, o diálogo, a interação, a reflexão, a investigação e a criticidade como elementos fundamentais e importantes para propiciar uma EFE desde a EI.

Para exemplificar a possibilidade da EFE na EI, trouxemos para serem analisados e discutidos no grupo exemplos de atividades propostas no material adotado pela Secretaria de Educação do Recife, que foram analisadas e categorizadas por Mendonça (2020), a partir dos ambientes de aprendizagem propostos por Skovsmose (2014). Escolhemos atividades consideradas com pouco potencial para um trabalho crítico e reflexivo com a EFE, aquelas classificadas por Mendonça (2020) no paradigma de exercício, que se refere às atividades com respostas prontas, com pouco ou nenhum estímulo à reflexão, mecânicas e artificiais que não consideram o que as crianças pensam, e escolhemos também atividades consideradas com potencial para um possível caminho a ser desenvolvido sobre uma EFE crítica, as classificadas como possíveis cenários para investigação, que estimulam as crianças a dialogarem, refletirem, agirem e terem uma criticidade sobre o que estão aprendendo, desde que mediadas para que as crianças articulem com outros saberes seus capitais ativos. As atividades- modelo têm como temas: planejar, comprar, compartilhar, escolher, poupar, sonhar e meio ambiente.

A seguir, apresentamos figuras com as atividades que foram utilizadas para essas reflexões e discussões. Primeiramente, apresentamos as atividades consideradas com pouco potencial para essas mediações.

Figura 1 – Atividade nº 1, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (3) semirrealidade no paradigma do exercício



Fonte: Sesame Workshop (2016a, p. 5) [Livro Vamos Semear].

Essa atividade é classificada por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, como ambiente (3), semirrealidade no paradigma do exercício, pois é um exercício no qual permite as crianças apontar e dizer os passos que compõem as etapas do plantio de uma semente. Encontra-se como referência à semirrealidade porque o contexto é a ação da personagem, sendo uma situação criada, baseada na realidade, mas não real. Destacamos para as participantes que essa atividade, sendo de um material destinado a um trabalho com crianças da EI, não considera a criança como um ser que infere e articula novos saberes com o que já possui, e se tratando de um material para uma Educação Financeira, poderia discutir sobre o tempo de espera entre plantar e colher, chamando a atenção para a importância da preparação em cada etapa e o tempo que se leva para alcançar algo, por exemplo. Entretanto, a atividade não direciona nenhuma reflexão ou criticidade sobre educação financeira para a criança.

Figura 2 – Atividade nº 2, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (3) semirrealidade no paradigma do exercício

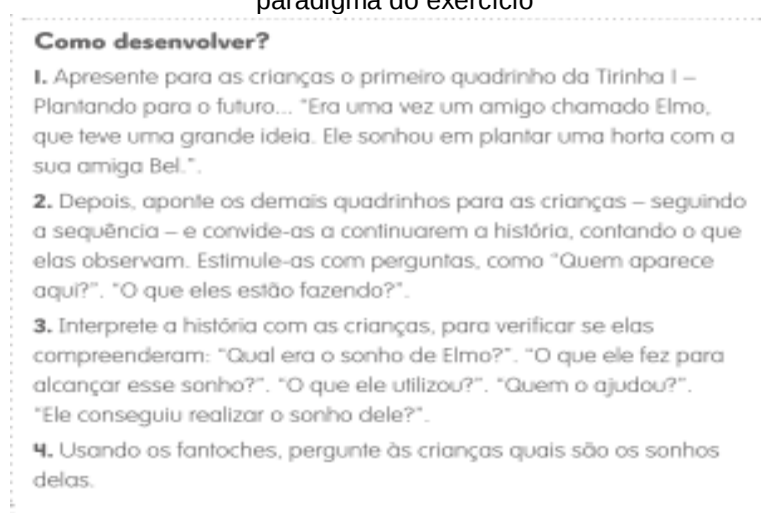


Fonte: Sesame Workshop (2016b, p. 8) [Almanaque da Criança].

Essa atividade também é classificada por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, como ambiente (3), semirrealidade no paradigma do exercício, pois é um exercício no qual as crianças seguirá a trilha dos legumes para a sopa, o que implica uma resposta única, ou seja, a criança deve fazer o percurso dos legumes para cumprir a tarefa. É classificada como semirrealidade porque o contexto não é da vida real. Não percebemos discussões ou reflexões que possam mediar criticidade sobre educação financeira para as crianças, a não ser que o professor ou a professora se disponha a ampliar a atividade para além do que está proposto. Pode, por exemplo, relacionar o consumo de alimentos industrializados, como o biscoito apresentado na trilha, que, dependendo do preço, pode gerar um custo maior nas finanças da família, com o consumo de alimentos mais saudáveis, como os vegetais, que são apresentados na trilha. Outra reflexão que pode ser feita é que mesmo que o biscoito seja mais barato que os vegetais, é mais vantajoso comprar estes últimos, devido ao valor nutricional. Esse é

um exemplo de como o professor pode envolver o tema “alimentação saudável” na EFE. E para EI a atividade como uma parte da experiência e contribui para a consolidação de novos saberes, não proporciona uma articulação lógica para isso, na verdade minimamente o que ocorre é um treino motor, o qual para EI não passa de metodologias de ensino ultrapassadas e engessadas.

Figura 3 – Atividade nº 3, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (5) vida real no paradigma do exercício



Fonte: Sesame Workshop (2015, p. 22) [Caderno do Educador].

Essa atividade é classificada por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, como ambiente (5), vida real no paradigma do exercício, pois é uma atividade que apresenta algumas etapas, que são as orientações para o professor realizá-la com as crianças, para que digam qual seu sonho, mas não existe a indicação para a reflexão sobre esse sonho. Encontra-se na referência à vida real porque trata com dados da vida real da criança, mas não traz sugestões de questionamentos e investigação, tão importantes no aprendizado da EF. E para EI essa atividade parte do pressuposto que a criança não tem a habilidade de inferir uma informação, mas de só localizar o que está no texto com a ajuda de um adulto.

Figura 4 – Atividade nº 4, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (5) vida real no paradigma do exercício



Fonte: Sesame Workshop (2016a, p. 10) [Livro Vamos Semear].

A atividade no 4 também é classificada por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, como ambiente (5), vida real no paradigma do exercício, pois é uma atividade cuja proposta central é a da criança pintar seu legume favorito e pesquisar sobre a importância dele para a sua saúde. Da forma que está proposta, a atividade não levanta nenhum tipo de reflexão na perspectiva da EFE. Entretanto, insistimos no fato de que, se o professor pretende mediar vivências para uma EFE crítica, ele precisa ir além do que está proposto em materiais pedagógicos e direcionar as reflexões para essa perspectiva. Na atividade apresentada, por exemplo, um caminho seria direcionar reflexões acerca de uma alimentação mais saudável que está implicado em nossas escolhas financeiras.

Os exemplos compartilhados foram importantes durante a formação para explicitar que atividades com respostas prontas e que não direcionam a criança a ter um pensamento crítico e investigativo, mesmo que próximo à sua realidade, não ajudará a desenvolver uma consciência crítica e ética sobre suas escolhas financeiras. E que na EI as atividades são apenas uma parte das vivências, e que o professor tem um papel ativo para articular uma lógica no que está sendo proposto.

Infelizmente são poucos os materiais voltados para as vivências sobre a EFE na EI. As atividades que serão apresentadas a seguir mesmo que não considere o protagonismo da criança e precisem ser adaptadas e melhoradas para que de fato

tenhamos reflexões sobre a EFE e contribua para articulação de novos saberes na EI, apresentamos para as participantes da pesquisa como um suporte para nossas elucidações de caminhos possíveis para se desenvolver propostas de experiências sobre a EFE na EI. A seguir, apresentamos atividades também classificadas por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, situadas em ambientes referentes aos cenários para investigação, e consideradas pela nossa pesquisa como atividades com potencial para despertar a criticidade das crianças sobre aspectos relacionados à EF, e que contribuíram para o entendimento das professoras, durante o processo formativo, sobre a EFE que defendemos, segundo nosso referencial teórico.

Figura 5 – Atividade nº 5, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (4) semirrealidade em um possível cenário para investigação<sup>4</sup>



Fonte: Sesame Workshop (2016c, p. 11) [Guia para Cuidadores].

<sup>4</sup> Optamos por denominar como “possível” cenário para investigação porque, de acordo com a teoria, um cenário para investigação ocorre na relação entre professor e estudantes, portanto, não é possível afirmar com certeza que tal atividade se insere neste paradigma, mas podemos inferir que determinadas atividades têm mais potencial para um cenário para investigação de acordo com as suas características, conforme discute Santos (2017).

Essa atividade é classificada por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, como ambiente (4), semirrealidade nos cenários para investigação, pois é uma atividade que perpassa por uma realidade inventada, baseada no diálogo e na interação. As questões poderão possibilitar às crianças pensarem sobre o percurso de desejar algo, planejar e executar, ressaltando a reflexão sobre a importância do planejamento, o que é algo importante no universo da Educação Financeira, desde que mediado nessa perspectiva pelo professor que deverá articular o contexto da EF as experiências maiores que as crianças vivem.

Figura 6 – Atividade nº 6, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (6) vida real em um possível cenário para investigação

**Como desenvolver?**

1. Solicite que as crianças retirem de suas mochilas tudo o que trouxeram. Lembre-se de organizá-las especialmente, para que não misturem os seus pertences.
2. Peça para que observem se tudo o que trouxeram na mochila é necessário para o dia a dia na unidade educacional: para que serve cada objeto? Quando eles são utilizados? Como eles devem ser cuidados?
3. Identifique com as crianças quais são os itens comuns entre todas as mochilas e os itens diferentes (que existem em apenas uma ou algumas mochilas). Aproveite a oportunidade para refletir com o grupo sobre o que é necessário para todas elas e o que é específico para algumas delas.
4. Converse com as crianças sobre os rituais/atividades que aconteceram antes delas irem para a escola: trocar de roupa, escovar os dentes, se alimentar, organizar a mochila etc. Não dê as respostas, deixe elas lembrarem.
5. Explique que sempre precisamos nos organizar para nossas atividades diárias e isso se chama planejamento.

Fonte: Sesame Workshop (2015, p. 29) [Caderno do Educador].

Essa atividade é classificada por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, como ambiente (6), vida real nos cenários para investigação, pois é uma atividade com elementos simples que a criança possui, mas composta de várias etapas dialógicas, interativas e reflexivas que contribuem para o olhar investigativo da criança desde que seja considerado pelo professor o contexto real que a criança está inserida. Essa atividade foi considerada como interessante por uma das participantes do nosso processo formativo, que destacou sua surpresa em compreender que com elementos simples do dia a dia das crianças poderia ser trabalhada a temática em questão.

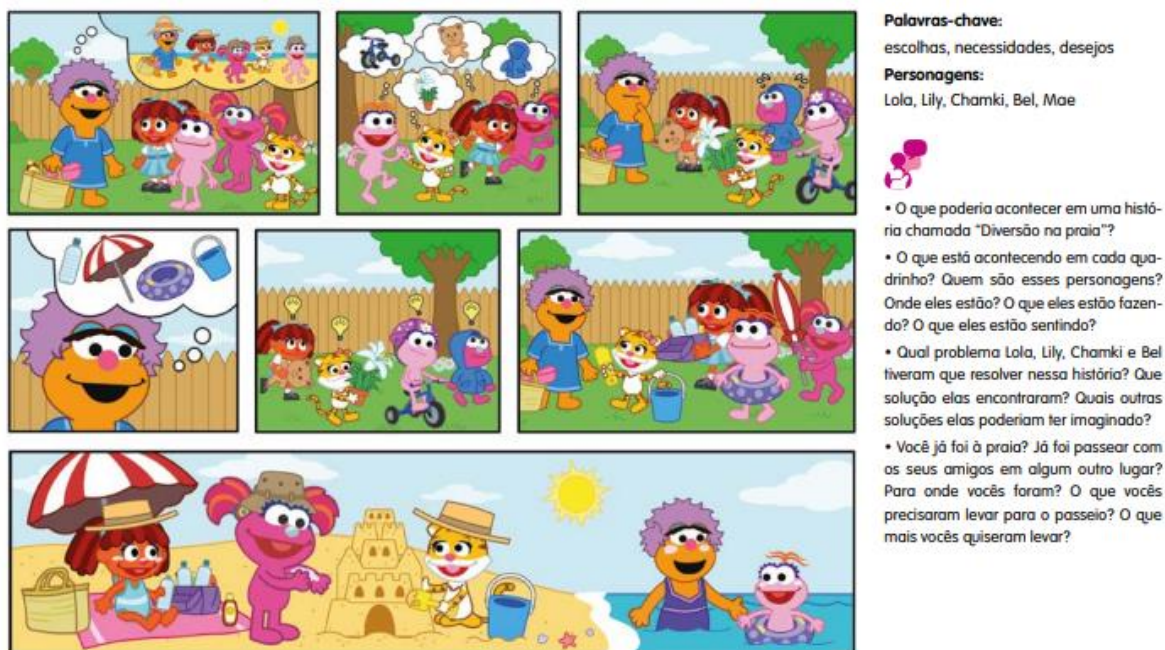
Figura 7 – Atividade nº 7, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (6) vida real em um possível cenário para investigação



Fonte: Sesame Workshop (2016c, p. 25) [Guia para Cuidadores].

A atividade no 7 também é classificada por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, como ambiente (6), vida real nos cenários para investigação, pois incentiva a criança a compartilhar com amigos a importância de algo, porém se realizada da forma como está, não considera o protagonismo da criança, os comandos da atividade são direcionados para a família, como se a criança não tivesse habilidade suficiente para discernir qual o objeto que ela tem em casa que poderia ser compartilhado, para El essa situação prejudica a aprendizagem da criança como participante ativo nesse processo. Portanto, o professor deverá mediar essa atividade permitindo a centralidade da criança nessa escolha.

Figura 8 – Atividade nº 8, classificada por Mendonça (2020) como ambiente (6) vida real em um possível cenário para investigação



Fonte: Sesame Workshop (2016d, p. 14) [Gibizão].

Essa atividade é também classificada por Mendonça (2020), de acordo com os ambientes de aprendizagem discutidos por Skovsmose, como ambiente (6), vida real nos cenários para investigação, pois a proposta perpassa por temas como desejo, escolha e necessidade, promovendo o protagonismo da criança, o diálogo, a interação e a reflexão, em situações que são importantes no dia a dia da criança e que fazem a diferença diante das suas escolhas financeiras. Portanto, o professor como mediador desse processo deverá ter a sensibilidade de perceber se esse contexto integra o contexto das crianças da EI a qual ele media, para que de fato essa experiência ocorra.

Analisamos os dados obtidos no primeiro encontro na categoria de análise 3) Principais construções. Percebemos que as professoras já conseguiam entender um pouco melhor sobre qual EFE nos debruçamos e qual consideramos importante para estar presente nas vivências e experiências da EI. Segundo as professoras, nossas mediações no grupo de estudo com as reflexões sobre um caminho possível a ser mediado, repensando o cotidiano nos ambientes de aprendizagem, inserindo a realidade da criança como centro desse processo, foram essenciais para consolidar e concretizar nossas discussões iniciais sobre as possibilidades da temática na EI.

Diante disso, suas construções perpassam agora por temas que podem ser trabalhados na EI na perspectiva da EFE, principalmente temas que se relacionam com o dia a dia das crianças, que possibilite ir muito além de experiências que envolvam mercadinho, lojinha, feirinha ou algo parecido.

Durante as discussões das atividades, as participantes ressaltaram sua surpresa pelas possibilidades simples e reais que as atividades propiciam às crianças, e como estimularam o aumento dos seus interesses em mediar essas experiências reais de inserir práticas financeiras conscientes nas vivências dos meninos e meninas de suas turmas, além da curiosidade de buscar novos temas e possibilidades a serem desenvolvidas em suas práticas pedagógicas.

As reflexões desse primeiro momento contribuiu para a construção de um caminho possível a ser mediado pelas professoras, sobre uma educação financeira crítica, reflexiva, investigativa, que possibilita o começo de uma compreensão sobre uma educação financeira ética, responsável, empática, solidária e que desenvolve noções de cidadania, como enfatizado por Teixeira (2015). Além disso, nos fornece subsídios para a elaboração das ideias e sugestões sobre EFE na EI a serem compartilhadas na terceira etapa da pesquisa, o segundo encontro. Por fim, nesse primeiro encontro solicitamos que as participantes trouxessem para o segundo encontro ideias de recursos e atividades sobre a temática, para trabalhar com as crianças nos seus ambientes de aprendizagem, de acordo com suas especificidades.

### 6.3 GRUPO DE ESTUDOS (SEGUNDO ENCONTRO)

Esta subseção pretende apresentar os resultados que também alcançaram o nosso segundo objetivo específico da pesquisa: promover reflexões acerca da EFE, buscando contribuir com as práticas pedagógicas de professores da EI. Os resultados obtidos e analisados no primeiro encontro, na categoria de análise 3) Principais construções, contribuíram de forma ímpar para formularmos e compartilharmos, no segundo encontro com o grupo, ideias e sugestões de vivências e recursos que possibilitem um caminho de práticas pedagógicas realizadas pelas participantes em suas turmas de EI sobre EFE.

Assim, no segundo encontro, trouxemos para nossas discussões com as participantes ideias de vivências e recursos que, alinhados aos cinco Campos de Experiências da BNCC (Brasil, 2018) nos fornecessem subsídios para desenvolver a temática da EFE nas práticas de aprendizagem com as crianças na EI. As sugestões das professoras no início desse segundo encontro abrangeram: desenvolver a temática por meio de uma feira de brinquedos, com explicação sobre a fabricação deles e possibilidade da criança confeccionar seu próprio brinquedo com materiais recicláveis; fazer uma roda de conversa sobre a merenda escolar versus o lanche que se compra pronto e traz um custo familiar, além da má alimentação que os industrializados propiciam.

Além dessas sugestões, pensamos em mais algumas possibilidades de vivências e recursos a serem utilizados nas práticas pedagógicas das participantes, para que ao final desse segundo encontro elas desenvolvessem um roteiro de experiência para suas turmas. As sugestões compartilhadas são de materiais que podem ser encontrados de forma gratuita na internet. Ressaltamos que a maioria do material que está posto na rede virtual apresenta-se com um formato mais mercadológico e com a ideia de poupar para gastar. Abaixo, apresentamos algumas sugestões selecionadas dentre essas que mencionamos. Acreditamos que, com uma boa mediação do professor, o sentido das reflexões propostas pode gerar um olhar crítico e reflexivo sobre o universo financeiro.

Quadro 6 – Exemplos de articulações de temas sobre EF aos Campos de Experiências para EI e sugestões de vivências e recursos

| <b>Campo de Experiência</b>  | <b>Temas sobre EF</b>                                                                | <b>Vivências</b>                                                                                                                                                                  | <b>Recursos</b>                                                                                                                                                                                                |
|------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>O eu, o outro e o nós</b> | Desejo versus necessidade; planejamento individual e coletivo; escolha; compartilhar | Vivências de escolha com objetos essenciais e supérfluos para situações do cotidiano; planejamento para uma conquista da turma ressaltando cada etapa e sua importância; feirinha | Música: “Meu, seu, nosso” (Mundo Bitá, 2018); Vídeos: “De onde vem o dinheiro” (Sicredi, 2020a), disponíveis na plataforma YouTube.<br><br>Indicação de leitura: Gibi “A árvore dos desejos” (TC School, 2021) |

|                                                                |                                                                       |                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                |                                                                       | de troca de brinquedos                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Corpo, gestos e movimentos</b>                              | Escolha; meio ambiente                                                | Brincadeiras de faz de conta que permitam fazer escolhas financeiras conscientes; brincadeiras ao ar livre, explorando o meio ambiente                        | Música/Vídeo: “Eu quero ver você me pegar” (Mundo Bitá, 2016), disponível na plataforma Youtube,<br><br>Indicação de leitura: “Como se fosse dinheiro” (Ruth Rocha, 2010)                                                                                                                  |
| <b>Traços, sons, cores e formas</b>                            | Planejamento; escolha; meio ambiente                                  | Confecção de brinquedos com materiais recicláveis; produções de desenhos sobre ações que posso fazer para ajudar a minimizar os gastos financeiros da família | Música: “Sopa” (Palavra Cantada, 2017), disponível no Youtube;<br><br>Vídeo: Orçamento familiar” (Sicredi, 2020);<br><br>Indicação de leitura: Gibi “Vamos realizar um sonho”(Grupo Neos, 2020)                                                                                            |
| <b>Escuta, fala, pensamento e imaginação</b>                   | Escolha; compartilhar; planejar                                       | Roda de conversa; Leitura guiada de história sobre a temática; conto de histórias sobre a temática; presentear alguém com um brinquedo seu                    | Música “Sonhar, planejar e alcançar” (Vila Sésamo, 2015), disponível no YouTube;<br><br>Vídeo: Charlie e Lola: Por favor, você pode me dar um pouquinho do seu? (Canal Fan, 2019), disponível no YouTube;<br><br>Indicação de leitura: “Finança é coisa de criança” (Ana Pregardier, 2018) |
| <b>Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações</b> | Desejo versus necessidade; escolha; economia doméstica; meio ambiente | Brincadeira Baú dos desejos e das necessidades;<br><br>Vivências que envolvam os 5r (Repensar, Recusar, Reduzir,                                              | Música: “Nem Tudo que Sobra é Lixo” (Mundo Bitá, 2017), disponível no YouTube;<br><br>Vídeo: “Formas de economizar” (Sicredi, 2020);                                                                                                                                                       |

|  |  |                        |                                                                            |
|--|--|------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
|  |  | Reutilizar e Reciclar) | Indicação de leitura: Gibi “O Aniversário do vovô” (CVM Educacional, 2023) |
|--|--|------------------------|----------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No Campo **O eu, o outro e o nós**, compartilhamos experiências que englobam questões como o autocuidado e a empatia. A professora poderá promover e mediar vivências com algumas temáticas financeiras que permeiam essas questões, como, por exemplo: desejo *versus* necessidade; planejamento individual e coletivo; escolha; compartilhar. Indicamos experiências como: vivências de escolha com objetos essenciais e supérfluos para situações do dia a dia do autocuidado; planejamento para uma conquista da turma, ressaltando cada etapa e sua importância; feirinha de troca de brinquedos ou doação de brinquedos, que pode levar à reflexão sobre o compartilhar. Essas sugestões se coadunaram com as ideias compartilhadas pelas professoras participantes. Os recursos apresentados foram: a música “Meu, seu, nosso” (Mundo Bitá, 2018), que possibilita reflexões sobre a importância do compartilhar em sociedade; o vídeo “De onde vem o dinheiro” (Sicredi, 2020a), que dialoga sobre a importância do trabalho, podendo enfatizar a importância do trabalho que os pais e familiares possuem e que, além de satisfação pessoal, tem a importância para as finanças da família, pensando no coletivo familiar; a indicação de leitura do gibi “A árvore dos desejos” (TC School, 2021), que é interessante porque perpassa noções de planejamento importantes no universo financeiro.

No Campo **Corpo, gestos e movimentos**, discutimos vivências que permeiam brincadeiras de faz de conta, teatrinho e simulação. As temáticas sugeridas que podem ser desenvolvidas nesse Campo são: escolha e meio ambiente. As vivências sugeridas envolvem a dramatização, usando gestos, corpo e movimentos, explorando questões relacionadas à vida financeira e ao meio ambiente, como, por exemplo, brincadeiras de faz de conta que permitam fazer escolhas financeiras conscientes, como a brincadeira “Dia de supermercado”.

Essas brincadeiras são importantes para estarem presentes nas vivências, desde que elas não se limitem apenas a trabalhar o como usar o dinheiro, mas também trabalhem a escolha consciente do que se consome, como, por exemplo, diferenciar o que é essencial do que é supérfluo, distinguir o que é mais, ou menos

saudável para ser consumido, entre outros. São importantes também as brincadeiras ao ar livre, nas quais se pode explorar o meio ambiente e sua relevância em nossa vida. É preciso enfatizar também a importância das brincadeiras com o corpo, que são importantes para a saúde física e mental e para o desenvolvimento da imaginação, elemento tão importante no desenvolvimento infantil, sem a utilização necessariamente de um brinquedo industrializado, o que evitaria um custo financeiro.

Os recursos indicados foram: música e vídeo “Eu quero ver você me pegar” (Mundo Bitá, 2016), os quais podem ser utilizados no início das vivências, nos ambientes de aprendizagem, antes das brincadeiras ao ar livre, enfatizando a importância do meio ambiente para essas vivências; indicação de leitura da obra “Como se fosse dinheiro” (Ruth Rocha, 2010), a qual pode antecipar uma brincadeira de faz de conta, como já mencionado anteriormente.

No Campo **Traços, sons, cores e formas**, discutimos vivências que destacam a autonomia, o protagonismo e a criatividade das crianças, levando-as à compreensão de princípios financeiros como planejamento, escolha e meio ambiente. Sugerimos atividades de confecção de brinquedos com materiais recicláveis e produções de desenhos sobre ações para ajudar a minimizar os gastos financeiros da família. Os recursos indicados foram: Música “O que tem na sopa do neném” (Palavra Cantada, 2017), que ajuda a criança a entender que em cada situação temos que fazer escolhas de forma correta; vídeo “Orçamento familiar” (Sicredi, 2020b), com o qual a professora pode iniciar reflexões sobre o papel que todos da família têm para contribuir no orçamento familiar; indicação de leitura do gibi “Vamos realizar um sonho” (Grupo Neos, 2020), o qual traz várias ideias, de forma lúdica, sobre como a criança pode ajudar nas finanças do lar.

No Campo **Escuta, fala, pensamento e imaginação**, sugerimos vivências que envolvam o diálogo e a investigação, por meio de dados reais vivenciados pelas crianças, para a compreensão de temas como escolha, planejamento e compartilhar. Vivências sugeridas: roda de conversa; contação de histórias sobre a temática; reconto de histórias sobre a temática; presentear alguém com um brinquedo seu. Recursos sugeridos para ajudar no desenvolvimento da prática pedagógica: música “Sonhar, planejar e alcançar” (Vila Sésamo, 2015), que traz destaque para o

planejamento financeiro; vídeo “Charlie e Lola: Por favor, você pode me dar um pouquinho do seu?”, que propicia reflexões iniciais sobre compartilhar; indicação de leitura da obra “Finança é coisa de criança” (Ana Pregardier, 2018). Essa indicação é uma sequência de orientações para o docente, de como desenvolver a temática com as crianças.

Por fim, no Campo **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**, discutimos vivências que também permitam protagonismo, autonomia, curiosidade, investigação pela criança, envolvendo temas como desejo versus necessidade, escolha, economia doméstica e meio ambiente. Vivências sugeridas: Baú dos Desejos e das Necessidades – brincadeira na qual a criança, por meio da categorização de diversos itens em supérfluo ou essencial, de acordo com um determinado contexto, pode expressar como compreende essa diferença –; brincadeiras nas quais a criança possa vivenciar os princípios dos cinco “erres” (5r): Repensar, Recusar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar, que traz aprendizados sobre o excesso de produção do lixo no meio ambiente e o uso inadequado dos recursos não renováveis, pensando sobre as consequências dessas escolhas na economia doméstica e no meio ambiente.

Esses exemplos são apenas algumas discussões que podem ser levantadas durante a rotina na Educação Infantil, e que permitem ir além de uma Educação Financeira com um significado apenas mercadológico, rompendo esse paradigma por meio de uma perspectiva mais crítica e voltada para a formação da cidadania, que compreende direitos e deveres em sociedade, como destacado por Santos (2023), e permite o desenvolvimento de cidadãos conscientes e éticos, preparados para compreender e lidar com os diversos aspectos do consumo na sociedade.

Analisamos a participação das professoras nesse momento do segundo encontro, na categoria de análise 3) Principais construções. Esse momento da formação foi muito enriquecedor, de fato uma verdadeira construção, pois as trocas de sugestões e ideias no grupo permitiram uma gama de possibilidades de uma EFE para EI, que foi surgindo e ganhando forma e espaço para experiências que se baseiam nos pilares do currículo da EI – interações e brincadeiras – e que envolvem o dia a dia das crianças, com respeito a suas singularidades e fortalecendo o nosso

pensamento, que se coaduna com o de Mendonça (2020), sobre uma EFE para todos, desde que pensada, adaptada e refletida de acordo com a faixa etária que se quer alcançar.

Como resultado desses dois encontros de formação, as professoras realizaram, de forma individual, um roteiro para ser vivenciado com suas turmas. Os roteiros elaborados estão no seu formato resumido e são apresentados abaixo:

Quadro 7 – Resumo do roteiro de prática pedagógica sobre EFE da Professora A

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p style="text-align: center;"><b>ROTEIRO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA – EDUCAÇÃO FINANCEIRA</b><br/> <b>PROFESSORA A</b><br/> <b>TURMA: K4 (4 ANOS) – EDUCAÇÃO INFANTIL</b></p> <p><b>- Temática:</b> Aprendendo com os Brinquedos</p> <p><b>- Objetivos:</b><br/> Identificar diferentes tipos de materiais.<br/> Classificar objetos identificando características comuns, criando agrupamentos.<br/> Compreender as noções de: valor, preço, caro, barato.<br/> Refletir a relação querer x poder com foco no consumo de brinquedos.<br/> Conhecer brinquedos feitos com elementos da natureza.</p> <p><b>- Metodologia:</b><br/> 1º Momento: Na roda de conversa, pedir para as crianças mostrarem seus brinquedos favoritos (será orientado às famílias anteriormente para que as crianças levem para a escola o brinquedo favorito delas). Conversar e analisar os brinquedos: material, cores...</p> <p>2º Momento: Criar agrupamentos a partir de classificações com os brinquedos: de plástico, bonecas... Incentivar as crianças a perceberem características em comum dos brinquedos. Depois, perguntar para as crianças qual o valor de cada brinquedo: “Você sabe quanto custou o seu brinquedo?”; “Qual desses brinquedos é o mais caro?”; “Qual o mais barato?”; “Por quê?”... Refletir sobre o valor e preço dos produtos; sobre a importância de ter apenas brinquedos que realmente usamos e sobre a quantidade de lixo produzido quando jogamos muitas coisas fora.</p> <p>3º Momento: Brincadeira “Você troca? “. Apresentar diferentes imagens impressas de brinquedos. A sala será dividida em duas equipes. Um representante de cada equipe deve responder com SIM ou NÃO ao ser perguntado se troca um brinquedo por outro, sem olhar para as imagens. Se ele fizer uma boa escolha, a equipe ganha 1 ponto. Exemplo: você troca 1 bola de futebol por 1 bolinha de gude?</p> <p>Perceber se as crianças conseguem identificar qual produto é mais caro que o outro.</p> <p>Depois, dizer que, às vezes, nem sempre o “mais caro” é o melhor, pois talvez, no momento, precisamos do que é mais barato.</p> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

4º Momento: Leitura da história/gibi: “A árvore dos desejos”. Conversar sobre o que fazemos quando queremos muito comprar algo novo, se as crianças já passaram por situação parecida, etc... Refletir sobre a importância de poupar; querer, desejar e poder.

5º Momento: Atividade em ficha “Árvore dos desejos”

- a) Desenhe o item que você gostaria de ter.
- b) Quanto você acha que esse item custa?
- c) Desenhe o lugar onde você pode encontrar esse item.
- d) Como você pode conseguir esse item? Registre oralmente ou com desenhos.

6º Momento: Outras formas de brincar: Perguntar se eles acham que todas as crianças têm aqueles brinquedos. Explicitar que nem todas as crianças conseguem comprar brinquedos, tendo em vista as desigualdades sociais... Mas, a natureza nos propicia uma riqueza de brinquedos e brincadeiras.

Oficina de brinquedos da natureza: pé de cavalo de quenga de coco (mostrar o brinquedo, vivenciá-lo e depois produzir individualmente). \*O nosso projeto do segundo semestre é Brinquedos da Natureza, então achei legal incluir essa atividade.

7º Momento: Roda de Conversa de revisão sobre a temática abordada no dia, com perguntas mobilizadoras. (Avaliação)

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 8 – Resumo do roteiro de prática pedagógica sobre EFE da Professora B

**ROTEIRO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA – EDUCAÇÃO FINANCEIRA**  
**PROFESSORA B**  
**TURMA: GRUPO VI – EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Temática:** Educação Financeira

Campo de experiências:

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

**Objetivos:**

Realizar a contagem oral em experiências e contextos diversos, através de materiais concretos durante jogos e brincadeiras.

**Recursos:**

Vídeos, produtos reais de lanches diversos, dinheiro de mentira.

**Metodologia:**

Apresentação dos vídeos Turma da Mônica episódios 1, 2, 3 e 4.

<https://youtu.be/eLEhKXwv37Y>

Roda de conversa sobre a importância de economizar os lanches de casa e passar a aceitar os lanches oferecidos na escola.

Realizar um mercado com produtos de lanches e guloseimas, utilizando dinheiro de mentira.

Brincadeira Trilha da Economia.

Confecção de um cofrinho com garrafa pet.

|                                            |
|--------------------------------------------|
| Brincadeira descobrindo: Qual o mais caro? |
|--------------------------------------------|

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Analizamos os roteiros dentro das categorias: 1) Fragilidades e 2) Potencialidades. Na categoria 1) Fragilidades, é notório que algumas vivências ficam restritas a uma perspectiva mais mercadológica, como por exemplo o Momento 4 do roteiro da Professora A, que objetiva propiciar uma conversa com as crianças sobre o poupar para gastar; e logo depois, o Momento 5, que dá continuidade a essa perspectiva, com perguntas que se limitam ao valor das coisas e ao poupar dinheiro para conseguir comprar.

Também observamos essa mesma linha de pensamento no roteiro da Professora B, nas propostas de atividades envolvendo a realização de um mercado e, em um outro momento, a confecção de um cofrinho para guardar dinheiro e a brincadeira “Qual o mais caro?”. Como no roteiro a Professora B não descreve como serão realizadas as propostas e quais os caminhos de reflexão, inferimos apenas essa perspectiva de compra e venda e do poupar para gastar. Ressaltamos mais uma vez que essas atividades são importantes nas vivências de EFE na EI, para que a criança compreenda a utilização do sistema monetário. Mas elas não podem perpassar apenas a isso, pois, como já discutimos ao longo do texto, a EFE tem um leque de possibilidades voltadas a temas importantes para se viver em sociedade em seus vários aspectos, como destacado por Silva e Powell (2013).

Na categoria 2) Potencialidades, destacamos as potencialidades das vivências elaboradas pelas participantes, que podem permitir experiências reais de uma EFE crítica e reflexiva com as crianças. Destacamos alguns momentos com esse potencial, do roteiro da Professora A: logo no primeiro e segundo Momentos, a proposta perpassa por conhecer os materiais que são utilizados nos brinquedos das crianças, refletindo sobre o real valor das coisas, sobre a importância de ter brinquedos reciclados, o que implica a diminuição da quantidade de lixo que é formado quando se jogam os objetos fora. O Momento 3 do mesmo roteiro prevê reflexões ao final da brincadeira “Você troca?” sobre o que de fato precisamos, na situação. Muitas vezes o brinquedo ou objeto de que precisamos não é o mais caro, mas é aquele que supre a nossa necessidade em determinados momentos. Isso é enfatizado ainda mais no

Momento 6, em que a professora irá incentivar um olhar importante a respeito de brincadeiras ao ar livre e da confecção de brinquedos com materiais recicláveis, e a atividade ainda permite uma possibilidade de reflexão sobre as desigualdades sociais, ao enfatizar que nem todas as crianças têm condições de comprar um brinquedo, mas podem confeccioná-lo com materiais recicláveis ou mais baratos. Essa conversa é importantíssima e nos confirma que a EFE aponta para as diversas questões sociais, como enfatizado por Teixeira (2015). Como potencialidade no roteiro da Professora B, destacamos a roda de conversa inicial sobre a importância de economizar os lanches de casa e passar a aceitar os lanches oferecidos na escola, pois compreendemos que, se mediada de forma reflexiva, a conversa pode perpassar pela escolha de uma alimentação mais saudável, no caso a merenda da escola, e ainda ajudar a economizar nas despesas da família, com a diminuição das compras dos lanches para serem levados à escola.

As análises nas categorias 1) Fragilidades e 2) Potencialidades permitiram aportes importantes para a análise dos dados na categoria 3) Principais construções. Nesta categoria, destacamos os temas que foram surgindo ao longo dos roteiros e que são importantíssimos para nortear as reflexões sobre EFE nos ambientes de aprendizagem, como destacado por Santos (2017). Por exemplo, no roteiro da Professora A, as potencialidades envolvem temas ligados ao meio ambiente, a noções de reciclagem e quantidade de lixo que é produzido, a desejo *versus* necessidades e desigualdade social; e no roteiro da Professora B, envolvem temas sobre alimentação saudável e economia doméstica. As propostas perpassam pela autonomia e centralidade da criança, por meio de situações reais que fazem parte do seu dia a dia, aspectos que são importantes para a criticidade nos ambientes de aprendizagem, como enfatizado por Skovsmose (2014).

A análise e a categorização dos dados do roteiros foram importantes para mensurar inicialmente o que foi objeto de reflexão e foi consolidado no primeiro e segundo encontros do processo formativo. Os dados mostram uma aproximação com a EFE crítica, que permeia a realidade das crianças e proporciona direcionamentos a uma criticidade que foge do caráter apenas mercadológico, fazendo emergir temas sociais, culturais e ambientais importantes. Os dados também nos permitiram traçar

um norte para as observações das práticas desses roteiros, dentro dos seus ambientes de aprendizagem na EI.

#### 6.4 OBSERVAÇÃO NOS AMBIENTES DE APRENDIZAGEM DA EI

As observações das práticas dos roteiros realizados pelas professoras em seus ambientes de aprendizagem foram analisadas e os principais pontos foram categorizados nas seguintes categorias de análise: 1) Fragilidades, 2) Potencialidades e 3) Principais construções. As subseções a seguir correspondem aos resultados que alcançam o nosso terceiro objetivo específico da pesquisa, identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo.

##### 6.4.1 Observação das práticas de experiências da Professora A

Na categoria 1) Fragilidades, percebemos que algumas vivências da Professora A movimentam-se por noções de compra e venda e do poupar para gastar, como por exemplo a contação de uma história sobre a realização de um desejo do personagem que poupou para adquirir esse desejo. Ao final, as perguntas da professora foram: Vocês também guardam moedas? Vocês sabem o que é poupança? O que o personagem fez para conseguir juntar o dinheiro?

Essas perguntas permitiram que as crianças pensassem e perguntassem sobre a importância de economizar, de ter um lugar para guardar dinheiro. Algumas delas falaram sobre bancos, que já tinham ido com os pais, que precisavam trabalhar para juntar dinheiro, o que também foi ressaltado na atividade da ficha de perguntas sobre qual o desejo das crianças, onde poderia ser comprado esse desejo e o quanto custaria em reais, no entendimento das crianças. Essas são noções importantes para a compreensão da EF, mas infelizmente poderiam ter sido guiadas de forma mais reflexiva e crítica, não enfatizando apenas ao poupar para gastar, como defendem Silva e Power (2013). Classificamos as vivências em ambientes de aprendizagem (5), no paradigma do exercício, segundo Skovsmose (2014), pois utilizam dados reais das

crianças, mas se limitam a pensar apenas no desejo, no caso o brinquedo que as crianças escolheram, e no valor financeiro atribuído a ele.

Entretanto, analisando os dados na categoria 2) Potencialidades, observamos que a maior parte da mediação da professora nas vivências que propôs apresentam possibilidades reais com potenciais de uma EFE crítica. Destacamos as potencialidades observadas durante as vivências das práticas da Professora A. A participante iniciou sua prática com uma roda de conversa sobre o brinquedo favorito das crianças, indagando as meninas e os meninos sobre os materiais dos brinquedos, se sabiam quanto tinham custado, onde tinham sido comprados, se tinham mais em casa e o que faziam quando não queriam mais o brinquedo. As respostas foram muito interessantes, tais como: “O meu foi grátis, pois fiz com minha vovó, a boneca e a roupa dela” (Criança 1, 2023, n. p.); “A mamãe comprou no shopping, acho que foi mil reais. [...] Se a gente não quiser mais, pode consertar e doar” (Criança 2, 2023, n. p.); “Minha maleta foi cara, minha mãe comprou no shopping, ela tem que trabalhar 30 dias para ganhar o dinheiro e comprar” (Criança 3, 2023, n. p.); “Acho que o dela foi o mais barato, porque ela fez com a vó dela, não comprou, e o dele que a gente fez na escola” (Criança 4, 2023, n. p.).

A mediação da professora permitiu que as crianças pensassem sobre o valor dos brinquedos em relação ao material utilizado. No entendimento delas, se feitos com material reciclado, o custo seria bem inferior ou quase zero, como pontuado pela Criança 1. Esse momento foi importante para saber sobre os conhecimentos prévios das crianças, os quais aparecem nas suas falas, como noções de salário, de compartilhar os brinquedos em bom estado para outras crianças, de a utilização de materiais recicláveis tornar os brinquedos mais baratos do que os comprados em lojas etc. Esse foi um momento simples de conversa e compartilhamento, que permitiu iniciar compreensões importantes que perpassam a EFE. Classificamos a vivência como uma atividade dentro do ambiente de aprendizagem (6), vida real, cenário para investigação, segundo Skovsmose (2014), pois contempla dados reais das crianças e propicia um caminho investigativo sobre os temas que citamos acima, relacionados à EFE, por meio do diálogo e da autonomia da criança em refletir e dialogar sobre o que a cerca.

Outro momento de potencialidade para as vivências da EFE na EI foi a brincadeira “Você troca?”, na qual as crianças, de olhos vendados, tinham que responder se trocariam um brinquedo por outro. As crianças ficavam felizes por trocar um brinquedo por outro maior, ou por outro mais caro, segundo elas, como percebemos nas falas a seguir: “Gostei! A bicicleta é maior que o carinho” (Criança 1, 2023, n. p.); “Ah! Queria a pista de carrinho” (Criança 2, 2023, n. p.); “Que linda essa boneca, eu quero” (Criança 3, 2023, n. p.).

A potencialidade é observada na mediação da professora durante a vivência, pois quando as crianças ficavam tristes por acharem que estavam fazendo uma troca “ruim” – por se tratar de ficar com um brinquedo mais barato –, a professora permitia uma reflexão sobre desejo versus necessidade, direcionando o pensamento da criança para: Será que você precisa mesmo desse brinquedo tão caro? Olha como é divertido brincar de pião e bolinha de gude, vocês podem brincar ao ar livre, podem até criar brincadeiras. Esse diálogo importantíssimo permite a compreensão de que nem sempre o valor financeiro dos produtos irá definir a importância deles, e que desde cedo as crianças podem aprender sobre o que é um desejo e o que pode estar suprimindo sua necessidade em determinados momentos. Classificamos essa vivência como ambiente de aprendizagem (4), semirrealidade, cenário para investigação, segundo Skovsmose (2014), pois permite à criança se imaginar em situações criadas que lhe possibilitam refletir sobre suas escolhas.

Analisando os dados na categoria 3) Principais construções, destacamos que a mediação pela professora A em alguns momentos vivenciados pelas crianças permitiu reflexões acerca de temas muito relevantes dentro da EFE crítica, que abre um caminho de investigação a ser trilhado pelas crianças, como por exemplo: Desejo versus Necessidade, noções de compartilhar, noções de planejamento e preocupação com o meio ambiente, coadunando-se com os pensamentos de Pessoa (2016) e de Mendonça (2020), sobre as reais possibilidades de vivenciar a EFE desde a EI.

#### **6.4.2 Observação das práticas de experiências da Professora B**

Analisando os dados inicialmente na categoria de análise 1) Fragilidades, a professora B mediu a realização de uma brincadeira de faz de conta de uma loja de brinquedos, onde ela preparou uma vitrine com alguns brinquedos disponíveis na escola, cada um com preços diversos, e uma criança foi escolhida para ser o caixa, receber o dinheiro de faz de conta das outras crianças e entregar o brinquedo escolhido. As crianças ficaram muito empolgadas com a brincadeira, pois podiam escolher o brinquedo que quisessem, caso o dinheiro que a professora entregou pudesse comprar esse brinquedo, e depois da compra elas poderiam brincar com o brinquedo. Observamos que a brincadeira possibilitou compreensões de compra e venda, barato e caro em relação ao produto adquirido, o que acreditamos ser importante nas vivências da EI. Infelizmente, a atividade ficou restrita apenas a essas compreensões, quando poderia ter sido um caminho para trazer outras reflexões que podem ir além das questões de compra e venda. Classificamos essa vivência como ambiente de aprendizagem (3), semirrealidade, paradigma do exercício, segundo Skovsmose (2014), pois se trata de uma vivência de faz de conta e que, diante da mediação observada, não possibilitou nenhum caminho de uma consciência crítica sobre as escolhas realizadas pelas crianças.

Outra vivência que destacamos nessa categoria de análise foi a “árvore dos sonhos”, em que as crianças puderam desenhar seus sonhos em um papel colorido com um pedaço de fitilho colado, os quais foram pendurados em uma árvore no pátio da escola. Foi um momento bem especial para as crianças, pois elas puderam pensar sobre seus sonhos, seus desejos de infância e se expressar sobre eles. Na ocasião, a professora enfatizou a questão do economizar para conseguir alcançar esse sonho, questão importante a ser mediada, mas que poderia envolver outras questões, como por exemplo o planejamento que precisa ser feito para alcançar e conseguir algo, pensar no que de fato é necessário em cada momento para conseguir realizar o sonho. Classificamos essa vivência como ambiente de aprendizagem (5), vida real, paradigma do exercício, segundo Skovsmose (2014), pois envolve os dados reais das crianças, mas não traz discussões críticas sobre essas escolhas.

Analisando os dados a partir da categoria de análise 2) Potencialidades, destacamos as potencialidades da mediação da EFE da Professora B. Foi

interessante observar essa prática, pois o roteiro elaborado por ela antes desse momento não descrevia de forma clara as vivências. A professora iniciou as vivências com uma roda de conversa na qual as crianças puderam compartilhar seus conhecimentos prévios sobre: O que é economizar? O que você faz para economizar em casa? Você já ouviu falar de cofrinho? Tem um cofrinho em casa? O que quer realizar com o dinheiro guardado nesse cofrinho? A professora ouviu respostas como: “Eu ajudo em casa, apago a luz e fecho a torneira [...]. Queria comprar um brinquedo e bala Fini” (Criança 1, 2023, n. p.); “Eu também apago a luz e ajudo minha mãe e meu pai cuidando da casa” (Criança 2, 2023, n. p.); “Não tenho cofrinho, mas queria comprar feijão e comida” (Criança 3, 2023, n. p.).

A professora mediu a roda de conversa a partir dessas respostas, salientando a importância da economia doméstica, que, com a ajuda das crianças economizando energia elétrica, água e zelando pelos utensílios do lar, ao final do mês o gasto familiar seria menor. Ela também enfatizou que, da mesma forma que elas faziam em casa, deveriam ajudar a manter o ambiente escolar e zelar por ele, apagar a luz depois de sair dos ambientes da escola, usar as mesas, cadeiras e utensílios dos ambientes de experiências da forma correta, para que todos possam usufruir, além de cuidar do material escolar, pois assim ajudariam nos gastos da escola e dos pais, e, ao mesmo tempo, estariam contribuindo para a preservação do meio ambiente, pois gerariam menos lixo e usariam menos recursos da natureza. Esse diálogo foi muito relevante, pois ela não se limitou à economia doméstica apenas, como poupar os gastos para ter mais dinheiro e poder comprar mais, mas ela tratou de questões sobre coletividade e meio ambiente, indo além das respostas iniciais das crianças e permitindo-lhes uma reflexão mais abrangente.

Ainda na roda de conversa, ela conversou com as crianças sobre o lanche que algumas traziam de casa, que na maioria das vezes eram lanches industrializados, como biscoitos, salgadinhos, refrigerantes e outros, que geram um custo para a família no final do mês e que não contribuem para uma alimentação saudável, com vitaminas e nutrientes importantes para o desenvolvimento das crianças. A professora comparou esses alimentos com a merenda da escola, destacando que a merenda oferece esses nutrientes importantes para a saúde e também não gera um custo maior nos gastos

da família. Mais uma vez, destacamos na fala da professora uma preocupação de ir além das questões financeiras e propiciar o entendimento para as crianças de que suas atitudes financeiras também podem interferir em questões como alimentação saudável. Classificamos a vivência como uma atividade dentro do ambiente de aprendizagem (6), vida real, cenário para investigação, segundo Skovsmose (2014), pois, percebemos o caminho crítico e reflexivo mediado pela professora, por meio de dados reais das crianças durante a roda de conversa. Na observação dessa vivência, percebemos que a professora, em sua compreensão do que é EFE crítica, se aproxima do que foi compartilhado com ela nos dois primeiros encontros formativos sobre os temas e possibilidades de EFE na EI, sem subestimar a habilidade da criança de compreender assuntos tão importantes para sua vida e colocando-a como protagonista na obtenção da aprendizagem.

Após esse momento, a professora levou as crianças para a sala multimídia da escola para assistirem a pequenos curta-metragens da Turma da Mônica que falavam sobre economia doméstica e sobre comprar o que é mais necessário no primeiro momento. No final da atividade, a professora mais uma vez ressaltou a importância de as crianças, mesmo sendo tão pequenas, ajudarem na redução dos gastos da família e que as atitudes delas – de economizar e zelar pelo lar, economizando luz, água, não desperdiçando comida – são de extrema importância para a redução dos custos. Depois todos assistiram ao curta-metragem “A economia de Maria”, da Telma Guimarães, que enfatiza a importância do poupar para economizar, para ajudar o próximo, e não só a si mesmo. Ao final desse vídeo, ela explicou que as atitudes também têm a ver com afetividade, de pensar no outro e no que está ao nosso redor, sendo solidário. Isso se coaduna com o nosso pensamento sobre uma EFE que contribui com o caráter formativo para a cidadania. Classificamos essa vivência como ambiente de aprendizagem (4), semirrealidade, cenário para investigação, segundo Skovsmose (2014), pois envolve situações inventadas que permitem reflexões sobre a temática em questão.

Na categoria de análise 3) Principais construções, destacamos também nesta observação os temas que foram surgindo com a temática da EFE – economia doméstica, alimentação saudável, sustentabilidade, solidariedade, desejo versus

necessidade e planejamento. Esses temas são destacados com grande relevância, pois apontam para uma compreensão, durante o processo formativo da professora, de que a EF dentro das escolas é uma temática integradora, que perpassa por temas relevantes para o bem-estar individual e coletivo, como destacado na BNCC (Brasil, 2018).

As análises das observações contribuíram primeiramente para confirmar nosso alinhamento aos estudos anteriores de Chiarello (2014), Silva (2016), Mendonça (2020) e Guimarães (2022), os quais defendem que é possível uma EFE desde a etapa da EI, de forma adaptada, de acordo com as especificidades dessa etapa da Educação Básica, tão importante no percurso formativo do sujeito. Além disso, é importante analisar a EFE em escolas de realidades socioeconômicas diferentes, o que aconteceu de forma não planejada, mas apresentou dados importantes, que acentuam nossos pensamentos de que a EFE é para todos, independente das especificidades e contextos vivenciados. Por fim, as análises exemplificam e concretizam possibilidades reais de uma EFE crítica, que pode ser vivenciada desde cedo pelas crianças.

Após as observações, realizamos entrevistas finais para que, antes do último encontro, pudéssemos perceber um pouco do que ficou consolidado pelas professoras até aquele momento do processo formativo. Essa entrevista final será tratada na próxima seção.

## 6.5 ENTREVISTA FINAL

Este tópico pretende apresentar os resultados das entrevistas finais realizadas com as professoras logo após a mediação das vivências sobre EFE com as crianças, e contempla o nosso terceiro objetivo específico da pesquisa, identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo.

A seguir apresentamos um quadro com as perguntas previamente informadas no método e as principais respostas informadas na entrevista.

Quadro 9 – Perguntas norteadoras e principais respostas da entrevista final

| <b>Eixo 1: EFE e sua importância</b>       | Após a formação, sua compreensão sobre a temática Educação Financeira Escolar teve alguma mudança? Se sim, qual ou quais?                                                                                                           | O que você considera mais relevante na formação sobre a temática? Relate um pouco.                                                                                                                                                                            |
|--------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Professora A</b>                        | “Sim, no sentido de ampliar, porque pensava que a Educação Financeira era só pautada no poupar, mas eu vi que é muito mais do que isso e tem a ver com as coisas que a gente tem, no sentido de perceber o que está por trás disso” | “As ideias do segundo encontro mostrando algumas possibilidades da Educação Financeira Escolar na Educação Infantil e a produção do roteiro ajudaram muito na minha prática pedagógica”                                                                       |
| <b>Professora B</b>                        | “Sim, perceber que, mesmo em turmas da Educação Infantil, podem ser desenvolvidas várias experiências além do brincar de mercadinho”                                                                                                | “Toda a discussão foi importante, pois percebi que podemos conduzir vivências que propiciem desde cedo a criança refletir sobre necessidades e prioridades, além de maneiras de economizar de forma consciente”                                               |
| <b>Eixo 2: Possibilidades da EFE na EI</b> | Você pretende continuar realizando roteiros com a temática estudada nas suas próximas práticas pedagógicas? Se sim, qual caminho você pretende seguir?                                                                              | Quais foram os principais ganhos das crianças com a ministração dos roteiros sobre EF? Relate um pouco.                                                                                                                                                       |
| <b>Professora A</b>                        | “Sim, com o olhar para os novos contextos dos grupos que terei, seguindo com uma educação financeira crítica”                                                                                                                       | “As questões do querer e ter, porque eles já têm muitas coisas, é um grupo que tem muitos brinquedos, então a reflexão do que eu preciso realmente em cada momento, do compartilhar, doar, sobre o valor que tem o brinquedo, foi muito proveitoso para eles” |
| <b>Professora B</b>                        | “Sim, incluindo nos planejamentos brincadeiras, leituras reflexivas, vídeos e vivências concretas sobre a temática”                                                                                                                 | “Sem dúvidas as reflexões sobre formas de economizar e ajudar a família, colaborando para evitar o desperdício e gastos desnecessários”                                                                                                                       |

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os dados foram inicialmente analisados nas categorias 1) Fragilidades e 2) Potencialidades. Na categoria 1) Fragilidades, para ambas as entrevistas finais, destacamos o limite de tempo que foi estabelecido para essa entrevista. Por ser logo após as vivências, as professoras estavam com as demandas do ambiente escolar e não puderam ir mais a fundo nas articulações de suas respostas, porém conseguimos algumas respostas que analisamos na categoria 2) Potencialidades.

Analisando as respostas na categoria 2) Potencialidades, percebemos, no Eixo 1, que é notória nas falas das entrevistadas uma compreensão a respeito de uma EFE com potencial para ir além do saber utilizar o dinheiro em situações de compra e venda, como noções de troco, caro e barato, mas que possibilita considerações a respeito do pensar sobre a atitude ao comprar. Percebemos a importância do processo formativo para essa compreensão. Enfatizamos as ideias e sugestões compartilhadas durante a partilha de conhecimentos, a reflexão de não subestimar a criança pequena em seu entendimento sobre a temática e a de que ela é competente em vivenciar e aprender sobre sua vida financeira ou qualquer outro tema ligado a seu modo de ser e existir no mundo, como corrobora a ideia das DCNEIs (Brasil, 2009), da criança como um sujeito histórico e de direitos que dialoga com o mundo em que está inserido.

No Eixo 2, as respostas tocam em pontos importantes: primeiro, no novo olhar das professoras sobre a temática e no querer continuar realizando práticas pedagógicas que permitam uma EFE crítica, que observa o contexto em que a criança está inserida, atitudes importantes do fazer pedagógico, como destacam as DCNEIs (Brasil, 2009) em relação às propostas pedagógicas. Devem-se oferecer condições e recursos para que as crianças usufruam de seus direitos civis, humanos e sociais.

Segundo, destacam-se as falas sobre os ganhos das crianças nessas vivências, as quais enfatizam nossa compreensão de que EFE é para todos. A Professora A destaca as reflexões do desejo versus necessidade diante de um grupo de crianças que já possui muitos brinquedos e outras possibilidades. Já a Professora B atuou diante de meninos e meninas que não possuem tantas possibilidades, mas que, diante de uma EFE crítica, compreenderam a importância da economia doméstica, da ajuda dentro do lar, do pensar no próximo e no meio ambiente. Essas

reflexões são importantes, especialmente quando lembramos que estão inseridas nos diferentes contextos sociais e econômicos vivenciados pelas crianças.

Os dados analisados nas observações e na entrevista final possibilitaram o delineamento de um caminho a ser seguido e aprofundado no último encontro do processo formativo, que será apresentado na próxima subseção.

## 6.6 CULMINÂNCIA NO GRUPO DE ESTUDOS (ENCONTRO FINAL)

Os dados obtidos no último encontro foram analisados nas categorias 1) Fragilidades, 2) Potencialidades e 3) Principais construções, e também reforçam o alcance do nosso terceiro objetivo específico da pesquisa, identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE, por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo.

O encontro foi realizado em março de 2024, e foi muito importante, pois pudemos perceber o movimento de construção temporal do pensamento das professoras sobre a temática, desde o início do percurso formativo, que começou com a entrevista inicial, em junho de 2023. Começamos o encontro com os trechos das ideias iniciais sobre a temática respondidos pelas professoras na entrevista inicial, enfatizando os pontos descritos nesse capítulo do material coletado e categorizado nas categorias 1) Fragilidades e 2) Potencialidades. Fizemos um movimento de resgate para que elas mesmas pudessem perceber o que foi acrescido ou até mesmo modificado do pensamento inicial para o pensamento dessa etapa final da pesquisa. Esse momento foi importante, pois acentuou a compreensão de que a EFE que nós defendemos e compreendemos como importante para uma formação crítica do cidadão perpassa pela centralidade da criança como protagonista dessa aprendizagem, que propicia pensamentos e reflexões sobre o impacto que nossas ações podem causar de forma micro, dentro do nosso lar, e de forma macro, abrangendo o outro e o meio ambiente.

Continuamos com o resgate das vivências e compartilhamentos nas formações também trazendo o que foi pontuado nessas etapas em suas categorias de análise: 1) Fragilidades, 2) Potencialidades e 3) Principais construções. Nesse momento, para

compreender um pouco mais as percepções das professoras desses momentos da formação, perguntamos: Quais foram as principais construções desse processo formativo? Analisando as respostas na categoria 3) Principais construções, destacamos alguns trechos importantes das falas das professoras:

O decreto de 2010 sobre a ENEF, eu não conhecia, uma novidade para mim, não sabia que o olhar para educação financeira dentro das escolas tinha esse teor legal. Outro momento também foram as ideias e possibilidades de trabalhar a EFE na EI compartilhadas no segundo encontro. Eu não imaginava que podia explorar de tantas formas diferentes, por exemplo refletir sobre a temática com as coisas que a criança usa no dia a dia (Professora A, 2024, n. p.).

Antes a minha visão perpassava basicamente ao empreendedorismo. ensinar as crianças por meio de vivências com mercadinho, troca da moeda, valor do dinheiro, apresentar o dinheiro, depois que participei desses momentos na formação descobri as diversas temáticas que podem ser trabalhadas, o que me fez ter um interesse maior para enfatizar a EF para as crianças pequenas, ficou um gostinho de quero mais, de trabalhar várias temáticas com elas (Professora B, 2024, n. p.).

É interessante destacar essas falas, pois identificamos a importância da formação para perceber o movimento trilhado pelas professoras desde o início do processo de formação. Destacamos, dentro da categoria de análise, a importância que elas dão ao fato de conhecerem os documentos oficiais que tratam da temática dentro das escolas, de saberem qual é a educação financeira que nos propusemos a compartilhar e vivenciar dentro das instituições e as diversas possibilidades que ela permite, de envolver a realidade da criança, tão importante em qualquer momento da aprendizagem, como enfatiza a BNCC (Brasil, 2018). Além disso, elas enfatizam as temáticas que foram apresentadas e compartilhadas em suas práticas pedagógicas durante o processo, o que confirma e concretiza o nosso pensamento inicial de que é possível vivenciar a EFE na etapa da EI.

Compartilhamos também os principais pontos analisados nos roteiros, enfatizando as análises dos roteiros nas categorias 1) Fragilidades e 2) Potencialidades. Perguntamos quais foram as principais dificuldades na elaboração do roteiro e destacamos abaixo algumas das respostas dadas:

A formação me ajudou muito para a preparação, mas a principal dificuldade foi pegar sugestões e ideias e colocar num contexto da minha turma, porque na realidade da escola tínhamos uma série de temáticas para trabalhar no planejamento. É uma escola que trabalha muito datas comemorativas e eu

pensava como iria trabalhar a educação financeira na semana de tal temática e tentar encaixar na rotina e cultura da escola. Pensei na temática dos brinquedos, porque a feira principal da escola iria trabalhar brincadeiras e brinquedos, então trouxe para o roteiro para dar conta das duas situações. Também trabalhamos brincadeira com a natureza, a confecção de brinquedos com elementos da natureza, o que coloquei no roteiro, quando vi esse gancho foi mais tranquilo de desenvolver (Professora A, 2024, n. p.).

As dicas iniciais me deixaram pensativa de como elaborar o roteiro, mas os recursos sugeridos, pesquisei e me aprofundi mais sobre eles. Já tinha feito feirinha, questão do lanche e alimentação saudável, foi fácil fazer, na pública conseguimos ter mais liberdade em propor além das datas comemorativas e inserir no dia a dia das crianças atividades simples, então quase não tive dificuldades (Professora B, 2024, n. p.).

Iniciando nossas análises na categoria 1) Fragilidades, podemos dizer que as fragilidades perpassam pela cultura de cada escola, pelo tempo que a professora tem para desenvolver a temática e, como é enfatizado pela Professora A, o pouco tempo disponível para adaptar as sugestões e ideias dentro da realidade de sua turma muitas vezes prejudica as vivências, o que se coaduna com os resultados encontrados na pesquisa de Chiarello e Bernardi (2014).

Analisando as respostas na categoria 2) Potencialidades, fica notória a importância da formação para a preparação e elaboração das ideias para reais potencialidades de vivências. As sugestões apresentadas e compartilhadas no segundo encontro também serviram de norte para desenvolver e trilhar um caminho possível na EI, e propiciar as vivências sobre EF de forma lúdica e próxima da realidade das crianças.

Na categoria 3) Principais construções, enfatizamos mais uma vez os temas que foram surgindo em destaque nas falas das professoras, que permitiram vivências de EFE por meio do brincar com brincadeiras com a natureza, com brinquedos confeccionados com elementos da natureza, o que ressalta a importância do meio ambiente no nosso dia a dia; a economia doméstica, junto com o tema da alimentação saudável, foram temas destacados e pensados para propiciar a EFE, além do caráter das finanças pessoais.

Compartilhamos os principais pontos das observações das práticas pedagógicas das professoras participantes, destacando as análises das categorias 1) Fragilidades e 2) Potencialidades. Para enfatizar a EFE que defendemos e propiciar mais reflexões sobre a temática, perguntamos quais as principais dificuldades que

tiveram durante as experiências e as principais construções. Sobre as dificuldades, as professoras destacaram:

Momento rico, não diria dificuldades, mas jogo de cintura nos momentos que não saía como planejado, ter que mudar a ordem de sequência. Lembro que no dia não conseguimos concluir a confecção do brinquedo, mas foi feito em outro momento. Na educação infantil nós lidamos muito com o improviso. Exemplo, naquele momento estávamos na adaptação de uma criança nova, fiquei tentando inserir ele no contexto, relações interpessoais que necessariamente não têm a ver com a rotina, mas que acabam interferindo no desenvolver das experiências, mas esse movimento mostra que as crianças têm autonomia e que a gente respeita o caminho que elas fazem (Professora A, 2024, n. p.).

“Principais dificuldades foram: turma agitada, sala pequena, eles ficaram eufóricos pela pessoa estranha na sala” (Professora B, 2024, n. p.).

Analisando esses dados na categoria 1) Fragilidades, percebemos que as principais dificuldades perpassam pelas interferências que acontecem em qualquer ambiente de aprendizagem, e as professoras devem estar preparadas para conduzi-las da melhor maneira. As respostas das professoras suscitam uma reflexão importante sobre o aceite da criança em participar das vivências propostas. Skovsmose (2000) faz referência ao contrato didático que o professor faz com o aluno, e o ambiente de aprendizagem vai ter potencialidade quando o estudante aceita esse convite. Não adianta o professor sair da zona de conforto e propor determinadas atividades se o aluno não aceitá-las. A resposta desse aluno é fundamental para que de fato ocorra um movimento para aprendizagem.

Analisando os dados na categoria 2) Potencialidades, destacamos a maneira que as participantes conduziram suas práticas, mesmo diante de algumas dificuldades que foram surgindo, respeitando o ritmo, o contexto e a realidade das crianças, para que fosse possível o desenvolvimento da temática em suas rotinas.

Sobre as principais construções, as professoras destacaram:

Perceber a relação da práxis pedagógica. O que a gente viu na formação e depois com as crianças, na roda de conversa, evidenciou mais a potência das crianças, não subestimando-as. Elas têm um repertório, a educação financeira está na vida delas. Em nossa mediação ressaltamos conceitos que medeiam e propiciam as experiências para levar ao caminho da criticidade, mas que elas já possuem uma vivência sobre isso. Eu fiquei receosa, pois no contexto são crianças que têm “tudo”, será que se eu falar sobre isso vai ser relevante? Elas vivem uma realidade de ter bens, eu me surpreendi. Como foi falado na formação, educação financeira para todos, independente da

realidade e com suas especificidades. Mudou a minha forma de pensar (Professora A, 2024, n. p.).

A troca de experiências com as crianças, o que elas fazem no dia a dia, foi muito importante. Descobri que posso trabalhar mais do que só um mercadinho, elas amaram! Vi que tem muitas possibilidades, às vezes temos a ideia de que eles não irão conseguir, porque não irão ter maturidade de pensar financeiramente, mas eu vi que no trabalho pode sim e é possível (Professora B, 2024, n. p.).

Analisando as respostas dentro da categoria 3) Principais construções, destacamos nas falas pontos importantes: o primeiro, que não devemos e nem podemos subestimar a habilidade de aprendizagem das crianças. Elas são sujeitos pensantes, autônomos, que estão presentes ativamente no processo de aprendizagem, como destacado pelas DCNEIs (Brasil, 2009). Segundo, a EFE é para todos, independente de classe social, de saber refletir criticamente. Ela vai além do que se tem em mãos em relação a bens, mas está ligada aos conceitos que envolvem cidadania, justiça social, equidade, como destacado por Silva *et al.* (2017). E terceiro, o trabalho com a EFE na EI é possível e real. Observamos apenas um dia das práticas pedagógicas das professoras, mas foi suficiente para compreendermos a EFE na EI e para termos esse olhar sobre ela. As professoras relatam que, mesmo tendo os imprevistos no dia das observações, continuaram as propostas das vivências em outros momentos após a observação.

Por fim, conduzimos esse último encontro para a reflexão a respeito do olhar que as professoras tinham agora nesse momento sobre a EFE, de acordo com as perguntas da entrevista final realizadas na etapa anterior, agora de maneira coletiva.

A seguir, apresentamos um quadro com as principais respostas:

Quadro 10 – Perguntas norteadoras e principais respostas da entrevista final coletiva do último encontro

| <b>Eixo 1: EFE e sua importância</b> | Após a formação, sua compreensão sobre a temática Educação Financeira Escolar teve alguma mudança? Se sim, qual ou quais?                 | O que você considera mais relevante na formação sobre a temática? Relate um pouco.                                                                      |
|--------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Professora A</b>                  | “Educação financeira escolar voltada à cidadania, desenvolver com crianças a criticidade, não só relacionar a compra, venda e economizar, | “O momento coletivo foi rico pois ouvimos as diferentes propostas, brincadeiras, temas diversos: alimentação saudável, sustentabilidade e entre outros. |

|                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                    | <p>mas também a compreensão de onde vêm as coisas. Mas além disso esse processo que nem todos têm esse bem, desenvolver essas questões críticas mesmo mediante uma sociedade capitalista e desigual na qual vivemos e também mudei a compreensão de que as coisas do dia a dia, do cotidiano, é um processo de educação financeira, a partir do que eu visto, o creme que eu uso faz parte do processo de se educar financeiramente eu não havia reparado. E para mim pessoalmente eu penso em ter filhos já avisando essa Educação na família para além como professora. O que eu aprendi aqui irei ensinar aos meus filhos”</p> | <p>A riqueza de ver os roteiros, as temáticas fluindo e significando para as crianças foi muito importante. Obrigada pela rica troca de conhecimento, agradeço em poder trabalhar essa temática, foi um processo formativo leve, prazeroso de forma respeitosa e tranquila, trabalho importante inovador e necessário para educação infantil.</p> |
| <b>Professora B</b>                                | <p>“Depois de tudo que vivenciei nas formações e experiências, percebi o quanto a educação financeira não fica só no valor do dinheiro da economia, mas na leitura de mundo, nas vivências, no saber lidar, não querer só ter mais saber o que é preciso e necessário, a aprendizagem vai além da compra e venda do ter, pode aprender muito mais. A experiência proporcionou a percepção que a criança pode também ajudar a família, comunidade, escola. Foi muito importante”</p>                                                                                                                                               | <p>“A troca de conhecimentos, as sugestões discutidas no segundo encontro, o olhar para a criança como pertencente a esse processo, não subestimando-as, mas incentivando-as a refletirem sobre educação financeira desde cedo”</p>                                                                                                               |
| <b>Eixo 2:<br/>Possibilidades<br/>da EFE na EI</b> | <p>Você pretende continuar realizando roteiros de práticas pedagógicas com a temática estudada nas suas próximas práticas? Se sim, qual</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <p>Quais foram os principais ganhos das crianças com a ministração dos roteiros de experiências sobre EF? Relate um pouco</p>                                                                                                                                                                                                                     |

|                     | caminho você pretende seguir?                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Professora A</b> | “Agora eu estou trabalhando com formação de professor na educação infantil e se houver oportunidade, o que vivenciei irá me ajudar muito caso haja alguma formação sobre, eu trabalho com o projeto criança alfabetizada e acho que a EFE tem importância na alfabetização e letramento” | “Compreensão crítica, de saberem que não tem tudo o que querem em determinado momento, do brincar com outras coisas, elementos da natureza, não precisa ser caro o brincar. Nenhum deles tinha conhecido um sapato de quenga de coco, então foi algo divertido para eles e compreender que o brinquedo caro não só proporciona diversão”                                                       |
| <b>Professora B</b> | “Sim, com certeza! aprimorando ainda mais com novos temas relevantes”                                                                                                                                                                                                                    | “Alimentação, eles preferiam alimentos industrializados trazidos de casa, do que a merenda da escola. Mas após as vivências eles aprenderam que poderiam economizar de casa e ter uma alimentação mais saudável, essa foi a principal reflexão que ficou enfatizado para eles, percebi que ocorreu a diminuição desses lanches e o proveito maior da merenda na escola foi bastante positivo”. |

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na categoria 1) Fragilidades, nessas compreensões pós-formação, destacamos de forma geral a necessidade de mais formações continuadas que aprimorem ainda mais esse conhecimento para profissionais da área de Educação, não se limitando apenas a projetos ou raros momentos formativos, mas que sejam aprofundados, para que percepções como essas possam ser desenvolvidas nas diversas temáticas que a EFE pode propiciar, assim como destacado por Santos (2017).

Analisando os dados na categoria 2) Potencialidades, destacamos inicialmente as falas das professoras que apresentam suas percepções finais após o processo formativo e a potencialidade por trás dessas percepções. A Professora A destaca as reflexões sobre cidadania, desigualdade social, criticidade nas escolhas financeiras,

compreensão de qual a origem dos produtos que usamos, e de como podemos refletir sobre a vida financeira e as consequências de nossas escolhas com os itens mais simples que usamos no dia a dia. Tudo isso e muito mais é proporcionado pela educação financeira escolar crítica.

Ela também destaca o quanto ficou surpresa pelas reflexões sobre a temática no grupo de estudos e afirma que pretende levar as reflexões para sua vida futura, como mãe. A professora B também destaca a importância de ter uma educação financeira como leitura de mundo, do pensar sobre o que de fato as escolhas financeiras causam e como podemos ajudar financeiramente nas questões pessoais, familiares e da comunidade em que estamos inseridos. Essas percepções finais após o processo formativo nos deixam motivadas e confiantes de estarmos trilhando um caminho importante para contribuirmos, por meio da EFE crítica, com olhares preciosos para a formação continuada de profissionais que compreendam e desenvolvam a ética, a cidadania, a criticidade em suas práticas pedagógicas.

As professoras também apontam para a continuidade do que foi compartilhado ao longo desse processo formativo, não só nas práticas pedagógicas nos ambientes de aprendizagem, mas também em outros espaços formativos, caso tenham oportunidades, como destacado na fala da Professora A:

Agora eu estou trabalhando com formação de professor na educação infantil e se houver oportunidade, o que vivenciei irá me ajudar muito caso haja alguma formação sobre. Eu trabalho com o projeto criança alfabetizada e acho que a EFE tem importância na alfabetização e letramento (Professora A, 2024, n. p.).

Esses dados são relevantes e contribuem para confirmar a importância de um processo formativo que rompe com práticas pedagógicas engessadas e repetitivas, permitindo novos olhares em direção a uma educação nas infâncias com seus múltiplos olhares e que englobam princípios éticos, políticos, sociais e culturais que devem estar presentes nessa etapa da Educação Básica, segundo as Diretrizes Curriculares.

Na categoria 3) Principais construções, destacamos a fala das professoras a respeito da relevância da formação. Elas destacam os momentos em coletivo concretizados nas trocas de experiências e compartilhamentos de ideias e reais

possibilidades da EFE na EI, apresentadas por meio das temáticas que apareceram durante o processo formativo. Além disso, elas compreendem a relevância da temática como inovadora e necessária para EI.

Os dados analisados nessa categoria 3 também apontam os principais ganhos das crianças no entendimento das professoras. Elas destacam a compreensão crítica dos meninos e meninas sobre o desejo versus necessidade, o descobrir elementos que podem compor a brincadeira, o brincar de forma mais saudável, divertida e criativa, e as mudanças reais comportamentais que ocorreram nas crianças pelo incentivo das vivências sobre a temática, como destacado na fala da Professora B:

Alimentação, eles preferiam alimentos industrializados trazidos de casa, do que a merenda da escola, mas após as vivências eles aprenderam que poderiam economizar em casa e ter uma alimentação mais saudável. Essa foi a principal reflexão que ficou enfatizada para eles. Percebi que ocorreu a diminuição desses lanches e o proveito maior da merenda na escola, foi bastante positivo (Professora B, 2024, n. p.).

Por fim, concluímos nossas análises com o sentimento inicial que nos levou a pesquisar sobre a EFE na EI ainda mais latente. Acreditamos que é urgente, necessário e possível, como foi apresentado, a criança ser permitida, desde cedo, a vivenciar experiências reais sobre EFE, experiências que irão fazer a diferença na sua trajetória como sujeitos pensantes que aprendem, constroem e contribuem para uma sociedade mais justa e ética. E temos a convicção do quanto um processo formativo pode contribuir para a construção de um olhar mais aproximado da EFE crítica e com potencial para desenvolver essa educação dentro das escolas, a partir da EI.

## 7 CONCLUSÕES

A EFE, desde a etapa da EI, é pertinente e importante, visto que oportuniza experiências financeiras em todas os momentos da vida do sujeito. Ela é um elemento importante para o desenvolvimento de um cidadão ético e responsável em suas escolhas, principalmente diante da influência midiática para o consumo, desde o universo infantil. Assim, discussões que propiciem uma consciência crítica, que direcionem a comportamentos financeiros responsáveis, devem ser levadas em consideração pelas instituições de ensino e pelos profissionais que são responsáveis em realizar mediações entre os diferentes tipos de conhecimento e as crianças.

Entendemos que o professor deve estar preparado para oferecer uma EF crítica e reflexiva, que vá muito além de um caráter mercadológico, mas que somam discussões sobre o que as escolhas financeiras podem causar na vida da pessoa, do outro e do ambiente no qual estamos inseridos.

O objetivo do nosso estudo foi compreender percepções e intencionalidade pedagógica de professores da Educação Infantil sobre a Educação Financeira Escolar, antes e após a participação em um processo de formação continuada. As entrevistas iniciais e finais e o processo formativo proposto para as docentes participantes da pesquisa foram realizados para essa compreensão com base nos estudos teóricos que embasaram a pesquisa. Por meio dos resultados obtidos e analisados em todas as etapas metodológicas, alcançamos nossos objetivos específicos e, por conseguinte, o nosso objetivo geral.

No que diz respeito ao nosso primeiro objetivo específico – verificar as principais facilidades e dificuldades na compreensão de professores sobre EFE e em suas possíveis práticas pedagógicas –, verificamos inicialmente que a falta de uma formação sobre a temática das professoras participantes contribuiu para uma visão frágil de uma EFE que conversa em sua maior parte sobre o valor do dinheiro e sobre seu uso de forma adequada, perpassando pelo poupar para gastar. Isso resulta em práticas pedagógicas que enfatizam à apresentação do dinheiro e a seu valor, em situações de faz de conta, como mercadinho, feirinha, pesquisa de produtos, entre outros. Entendemos que esses aspectos são importantes para a compreensão sobre

a vida financeira, mas limitados diante das possibilidades reflexivas que a EFE pode propiciar às crianças.

No que concerne ao nosso segundo objetivo específico – promover possíveis reflexões acerca da EFE crítica, buscando contribuir com as práticas pedagógicas de professores –, compreendemos que o processo formativo foi de crucial importância para contribuir para a percepção de um caminho possível a ser mediado pelas professoras, com novos olhares e novas percepções sobre uma educação financeira crítica, reflexiva, investigativa, que possibilita o começo de uma compreensão sobre uma educação financeira ética, responsável, empática, solidária e que desenvolve noções de cidadania, aprendizagens essas que fazem parte dos princípios norteadores para EI, como estabelecem as DCNEIs (Brasil, 2009).

Com os resultados encontrados decorrentes do processo formativo, destacamos também a relevância e eficiência de uma formação continuada que permite a apropriação do professor do que está sendo compartilhado nesses momentos, para que possa ocorrer uma ruptura de práticas pedagógicas engessadas e repetitivas perpassadas ao longo dos anos nas práticas educativas. Portanto, concluímos que a formação continuada propiciou momentos de fala, de reflexões, diálogos e compartilhamos das práxis pedagógicas vivenciadas pelas participantes, em suas diferentes realidades, permitindo a aprendizagem não só entre formadora e formadas, mas entre elas mesmas. Estes dados nos trazem a reflexão a respeito da importância de um repertório formativo comprometido em propiciar novos caminhos de conhecimentos, promovendo inquietudes nas análises das próprias práticas pedagógicas de quem está participando do processo formativo.

As partilhas de ideias no grupo e o compartilhamento de sugestões, para de fato ter uma concretude de possibilidades de uma EFE para EI, contribuíram para o surgimento de experiências que se baseiam nos pilares do currículo da EI, interações e brincadeiras e nos Campos de Experiências para a EI, e que envolvem o dia a dia das crianças, respeitando suas singularidades e fortalecendo o pensamento de uma EFE para todos, desde que pensada, adaptada e refletida de acordo com a faixa etária que se quer alcançar, independentemente de classe social e econômica, o que

proporciona direcionamentos a uma criticidade que foge do caráter apenas mercadológico, fazendo emergir temas sociais, culturais e ambientais importantes.

Os dados obtidos na nossa pesquisa resultaram das análises dos roteiros realizados pelas professoras e das observações das práticas pedagógicas desses roteiros nos ambientes de aprendizagem das participantes. Sem intenção de comparar as docentes, a pesquisa obteve resultados cruciais para alcançarmos nosso terceiro e último objetivo específico – identificar as possíveis mudanças nas discussões sobre EFE crítica por meio de roteiros e práticas de experiências realizadas pelas professoras da EI participantes do processo formativo. Os resultados referentes a este objetivo ficaram evidenciados ao longo do processo formativo, principalmente nas elaborações dos roteiros e durante as práticas pedagógicas observadas, por meio dos caminhos trilhados pelas professoras que permitiram uma compreensão crítica e reflexiva de forma simples e lúdica, envolvendo o dia a dia das crianças sobre uma EFE que aponta para noções de cidadania, responsabilidade social de saber que atitudes geram consequências individuais e coletivas. Concluímos que independente da realidade socioeconômica a EFE crítica pode ser compartilhada por professores da EI em seus ambientes de aprendizagem com crianças que são competentes em pensar, refletir e pôr em prática atitudes financeiras que farão a diferença em suas vidas, na do seu próximo e no ambiente no qual estão inseridas.

Após esse processo, os resultados da entrevista final e do último encontro no grupo de estudos evidenciaram a amplitude e proposições pelas professoras sobre a temática, que vão além de questões do poupar para gastar ou ligadas a noções de empreendedorismo, mas uma compreensão sobre uma EFE crítica e reflexiva que questiona e dialoga sobre as consequências das tomadas de decisões financeiras, compreensões que despertaram nas participantes a consciência de uma EFE crítica em suas vidas e em suas famílias, indo além das suas vidas profissionais. Consideramos que a nossa pergunta de pesquisa: **“Como professores da Educação Infantil colocam em prática reflexões sobre Educação Financeira Escolar trabalhadas em um processo de formação continuada?”** foi respondida, pois, por meio dos resultados alcançados durante e após o processo formativo, ficou

evidenciada a importância da temática da EFE crítica nas práticas pedagógicas e reflexões das participantes.

O nosso estudo de procedimento pesquisa-ação envolveu a participação da pesquisadora e de professoras da EF para a construção de uma EFE crítica dentro das realidades dos ambientes de ensino e de aprendizagem de cada uma. A partir dos resultados e análises obtidas destas ações se fez notória a relevância e a importância da temática EFE crítica desde a etapa da EI, alcançando nosso objetivo de pesquisa que foi compreender percepções e intencionalidade pedagógica de professoras da Educação Infantil sobre a Educação Financeira Escolar, antes e após a participação em um processo de formação continuada.

A criança como sujeito pensante, que compartilha e constrói novas experiências na relação com o outro e o ambiente no qual está inserida vivencia diversas situações financeiras e é nessas circunstâncias que as reflexões compartilhadas na rotina da EI farão a diferença em suas decisões. A pesquisa ressalta essa importância e ratifica que uma real preparação do profissional que irá mediar essas reflexões é fundamental para que as crianças venham usufruir desse conhecimento.

Como já explicamos, nossas análises se coadunam com estudos anteriores (Chiarello, 2014; Silva, 2016; Mendonça, 2020; Guimarães 2022), os quais defendem que é possível uma EFE desde a EI, de forma adaptada de acordo com as especificidades dessa etapa da Educação Básica. Chegamos à conclusão deste estudo com o sentimento inicial que nos levou a pesquisar sobre a EFE na EI ainda mais latente, e defendemos que é urgente, necessário e possível, como foi apresentado, que as crianças, desde cedo, possam vivenciar experiências reais sobre EFE. Experiências que irão fazer a diferença na sua trajetória como sujeitos pensantes, que aprendem, constroem e contribuem para uma sociedade mais justa e ética.

Diante dos resultados encontrados em nossa pesquisa, sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas. Primeiramente trabalhos que trilhem um caminho investigativo nessa etapa da Educação Básica com a temática em questão para que novos olhares, percepções e inquietações surjam envolvendo processo formativo

continuado, para que um número maior de professores sejam contemplados com o estudo da temática e sua importância reflexiva desde cedo com as crianças.

Segundo, sugerimos pesquisas com olhares investigativos para a aprendizagem da criança que é a protagonista na construção do conhecimento nos ambientes de aprendizagem da EI sobre a EFE crítica, em seus possíveis questionamentos, percepções e aplicações práticas da temática na rotina das crianças nos ambientes de aprendizagem presentes nas escolas e que poderão se estender para a família das crianças.

Por fim, sugerimos que pesquisas sejam realizadas compreendendo as implicações das aprendizagens das crianças sobre EFE em seu ambiente familiar, pois entendemos que a família também se beneficia com o que as crianças aprendem dentro do universo escolar. Seria interessante ter esse olhar investigativo, pois cada família tem suas especificidades de lidar com os bens e serviços de consumo. Compreender essas implicações contribuirá para uma conjuntura rica de trocas de conhecimentos que de fato irão fazer a diferença na vida das crianças suas famílias e na sociedade.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Reullyanne Freitas de, NERES; Raimundo Luna; SALES, Francisco Alexandre de Lima. Educação Financeira na Formação de Professores: uma discussão salutar ocorrida no EBRAPEM. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e17411931752, 2022.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. *In*: BARDIN, Laurence (Org.). **Organização da análise**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Características da pesquisa qualitativa. *In*: BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. (Org.). **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Uporto, 1994.

BRASIL. [Constituição de 1988]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**– BNCC. Ministério da Educação Brasília, DF, 2018.

BRASIL. **Decreto nº 10.393 de 9 de junho de 2020**. Brasília, DF: Casa Civil, 2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm). Acesso em: 9 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 19 de 16 de maio de 2017**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/2018.02.28-Delibera%C3%A7%C3%A3o-CONEF-n%C2%BA-19-Diretrizes-EF-nas-Escolas.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7397, de 22 de dezembro de 2010**. Brasília, DF: Casa Civil, 2010. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm). Acesso em: 9 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7963, de 15 de março de 2013**. Brasília, DF: Casa Civil, 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/decreto/d7963.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d7963.htm). Acesso em: 9 jan. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretriz e Bases da Educação Nacional [LDB]**. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2009.

CANAL Fan. **Charlie e Lola:** Por favor, você pode me dar um pouquinho do seu? Youtube, 2019. 1 vídeo (10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hw2pcGIVFZM>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CANCIAN, Viviane. Processos formativos e docências na Educação Infantil: indagações do vivido. *In*: CANCIAN, V.; GALLINDA, S. F.; WESCHENFELDER, N. (Org.) **Pedagogias das infâncias, crianças e docências na Educação Infantil:** possibilidades. Santa Maria: Ed. UFSM; Brasília, DF: MEC, 2016.

CANCIAN, Viviane.; GOELZER, Juliana. Práticas pedagógicas na Educação Infantil: do lugar da impossibilidade ao lugar da possibilidade. *In*: CANCIAN, V.; GALLINDA, S. F.; WESCHENFELDER, N. (Orgs.) **Pedagogias das infâncias, crianças e docências na Educação Infantil:** possibilidades. Santa Maria: Ed. UFSM; Brasília, DF: MEC, 2016.

CHIARELLO, Ana Paula Rohrbek. **Educação financeira crítica:** novos desafios na formação continuada de professores. 75 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2014.

CHIARELLO, Ana Paula Rohrbek; BERNARDI, Luci dos Santos. Educação financeira crítica: novos desafios na formação continuada de professores. **Boletim GEPEM**, Rio de Janeiro, nº 66, p. 33, jan. /jun. 2015.

CRIANÇA 1. **Entrevista concedida à autora.** 2023 [Arquivo textual digital].

CRIANÇA 2. **Entrevista concedida à autora.** 2023 [Arquivo textual digital].

CRIANÇA 3. **Entrevista concedida à autora.** 2023 [Arquivo textual digital].

CRIANÇA 4. **Entrevista concedida à autora.** 2023 [Arquivo textual digital].

CVM educacional. **Turminha da CVM:** O aniversário do Vovô. Portal Governo [online], 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/criancas-e-jovens/historias-em-quadrinhos>. Acesso em: 25 set. 2023.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GRAVATÁ, Raiana C. F.; ALVES, Sérgio C. S.; FERNANDES, Sheyla C. S. A influência da mídia no consumismo infantil: Uma revisão de Literatura. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 6, n.7, p. 41-56, out./dez., 2019.

GRUPO Neos. Previdência complementar. **Vamos realizar um sonho?** Guia divertido de educação financeira. Neos Previdência [online], 2020. Disponível em:

<https://neosprevidencia.com.br/wp-content/uploads/2022/12/Vamos-Realizar-um-Sonho-Guia-Divertido-de-Educacao-Financeira-Infantil.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

GUIMARÃES, Renata Franca. **Importância da Educação Financeira no Ensino Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental**. 112 f. 2022 Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, Teófilo Otoni, 2022.

INSTITUTO Alana. **Criança e Consumo**: Prevenindo e mitigando os prejuízos decorrentes da exploração comercial infantil. Portal Instituto Alana [online~, 2023. Disponível em: <https://alana.org.br/instituto-alana/iniciativas/crianca-e-consumo/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. *In* LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. (Org.). **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MELO, Danilo Pontual de. **Educação Financeira e Matemática Financeira**: compreendendo possibilidades a partir de um grupo de estudo com professores do ensino médio. 110 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MENDONÇA, Joseilda Machado. **Educação Financeira Escolar na Educação Infantil: análise das atividades de material utilizado na rede municipal de ensino do Recife**. 223 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

MENDONÇA, Priscila Bibiano de Oliveira. A metodologia científica em pesquisas educacionais: pensar e fazer ciência. **Interfaces Científicas**: Educação, Aracaju. v. 5, n. 3, p. 87-96, jun., 2017.

MUNDO Bitá. **Eu quero ver você me pegar** [clipe infantil]. Youtube, 2017. 1 vídeo (3:08 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FH4EDYF1frI>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MUNDO Bitá. **Meu, seu, nosso** [clipe infantil]. Youtube, 2018. 1 vídeo (2:39 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FH4EDYF1frI>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MUNDO Bitá. **Nem tudo que sobra é lixo** [clipe infantil]. Youtube, 2016. 1 vídeo (2:52 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rUeaT5eqCyg>. Acesso em: 20 ago. 2023.

OLIVEIRA, Anaelize dos Anjos, PESSOA, Cristiane Azevêdo dos Santos. Educação Financeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um olhar para a formação docente. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, jul./dez. 2018.

OLIVEIRA, Antônio I. A. *et al.* A construção de valores éticos na educação infantil: uma reflexão necessária. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 47699-47716, maio, 2021.

OLIVEIRA, Savana; STEIN, Nina. A Educação Financeira na Educação Básica: um novo desafio na formação de professores. **Revista Universo Acadêmico**, Taquara, v. 8, n. 1, p. 13, jan./dez., 2015.

OLIVEIRA, Zilma. Bases para se pensar uma proposta pedagógica para Educação Infantil. *In*: GARMS, Gilza; RODRIGUES, Silvia. (Org.). **Temas e dilemas pedagógicos da educação infantil**: desafios e caminhos. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

PALAVRA Cantada. **Sopa**. Youtube, 2017. 1 vídeo (3:52 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x5Dm5FcvIOw&t=123s>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PEIC. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor** [apurada mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC)]. Portal do Comércio [online], 2023. Disponível em: <https://portaldocomercio.org.br/economia/peic-2023-endividamento-anual-cai-pela-primeira-vez-desde-2019-mas-inadimplencia-recorde-atinge-quase-um-terco-da-populacao/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PERNAMBUCO. Governo do Estado - Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco da Educação Infantil**. Recife: Governo do Estado, 2019.

PESSOA, Cristiane. Educação Financeira: o que se tem produzido em mestrados e doutorados defendidos entre 2013 e 2016 no Brasil? *In*: CARVALHÊDO, J.; CARVALHO, M. V.; ARAUJO, F. (Orgs.). **Produção de conhecimentos na Pós-graduação em educação no nordeste do Brasil**: realidades e possibilidades. Teresina: EDUPI, 2016, p. 242- 251.

PESSOA, Priscila. **A organização dos espaços na educação infantil**: possibilidades educativas na proposta “Fazer em Cantos”. 172 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

PREGARDIER, Ana. **Finança é coisa de criança**: educação financeira livro para pais e educadores. Portal Ana Pregardier [Intus Forma] [online], 2018. Disponível em: <https://www.anapregardier.com.br/wp->

content/uploads/2020/04/Financas\_e\_coisa\_de\_crianca\_para\_pais\_e\_educadores.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

PROFESSORA A. **Entrevista concedida à autora.** 2023 [Arquivo áudio].

PROFESSORA A. **Entrevista concedida à autora.** 2024 [Arquivo áudio].

PROFESSORA B. **Entrevista concedida à autora.** 2023 [Arquivo áudio].

ROCHA, Ruth. **Como se fosse dinheiro.** FTD [online], 2004. Disponível em: <https://smenf.files.wordpress.com/2020/07/como-se-fosse-dinheiro-ruth-rocha.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

RODRIGUES, Márcio Urel; SILVA, Jaqueline M. N.; RODRIGUES, Rosiane S. S. Estado da arte de dissertações e teses no Brasil sobre educação financeira e/ou matemática financeira no período de 2000 a 2020. **Em Teia** - Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, v. 12, n. 2, 2021.

SANTOS, Laís Thalita B. **Como estudantes de 5º ano refletem sobre temáticas relacionadas à educação financeira escolar?** Um olhar na perspectiva dos atos dialógicos. 207 f. 2023. Tese (Doutorado em Educação Matemática e Tecnológica) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SANTOS, Laís Thalita B. **Educação Financeira em livros didáticos de Matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental:** quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores? 205 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SESAME WORKSHOP. **Almanaque da criança.** Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Rio de Janeiro: Metlife Foudation/Grupo Dsop/TV Cultura, 2016b.

SESAME WORKSHOP. **Caderno do Educador.** Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Rio de Janeiro: Metlife Foudation/Grupo Dsop/TV Cultura, 2015.

SESAME WORKSHOP. **Gibizão.** Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Rio de Janeiro: Metlife Foudation/Grupo Dsop/TV Cultura, 2016d.

SESAME WORKSHOP. **Guia para Cuidadores.** Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Rio de Janeiro: Metlife Foudation/Grupo Dsop/TV Cultura, 2016c.

SESAME WORKSHOP. **Livro Vamos Semear**. Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Rio de Janeiro: Metlife Foudation/Grupo Dsop/TV Cultura, 2016a.

SICREDI. **Sicredi e Turma da Mônica/ De onde vem o dinheiro**. Youtube, 2019. 1 vídeo (1:41 min). 2019a. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_HeXbeqvFf8](https://www.youtube.com/watch?v=_HeXbeqvFf8). Acesso em: 20 ago. 2023.

SICREDI. **Sicredi e Turma da Mônica/ Formas de economizar**. Youtube, 2020. 1 vídeo (1:42 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VT82flgfG\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=VT82flgfG_w). Acesso em: 20 ago. 2023.

SICREDI. **Sicredi e Turma da Mônica/ Orçamento familiar**. Youtube, 2019. 1 vídeo (1:41 min). 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7v10sPwWo4s>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SILVA, Amarildo; POWELL, Arthur. Um Programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. XI Encontro Nacional de Educação Matemática, Curitiba, 2013. *In: Anais do [...]*, Curitiba, 2013.

SILVA, Daniella Flores da. Educação Financeira como prática pedagógica na Educação Infantil. **REP's - Revista Even. Pedagóg.** Número Regular: Experiências em Educação do Campo - perspectivas e práticas pedagógicas, v. 7, n. 3, p. 1056-1067, ago./dez., 2016.

SILVA, G. H. G. *et al.* A. Educação Matemática Crítica e preocupações urgentes: cenários promovedores de equidade e justiça social. **Revista Paranaense de Educação Matemática**: RPEM, v. 6, n. 12, p. 130-157, 2017.

SILVA, Marcos Antônio da. A técnica de observação nas Ciências Humanas. **Educativa**. Goiânia, v. 16, n. 2, p. 413, jul. /dez., 2013.

SKOVSMOSE, O. Cenários para investigação. **BOLEMA – Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, n. 14, p. 3-6, 2000.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à Educação Matemática Crítica**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

TC School. [Educação Financeira para toda vida] **Árvore dos desejos**. UFPB Educação Financeira [online], 2021. Disponível em: <https://www.ufpb.br/educacaofinanceira/contents/menu/educacao-financeira/edufin/gibis/a-arvore-dos-desejos>. Acesso em: 15 set. 2023.

TEIXEIRA, Daniela Flores. Educação financeira nas séries iniciais: saberes docentes. XIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (EBRAPEM), Juiz de Fora, 2015. *In: Anais do [...]*, Juiz de Fora, 2015.

VILA Sésamo. **Sésamo:** Sonhar, planejar e alcançar/ música. YouTube, 2015. 1 vídeo (2:46 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=40nrxCHOcmA>. Acesso em: 20 ago. 2023.